# Toninho Horta MARIA TEREZA R. ARRUDA CAMPOS harmonia compartilhada

mprensa ficial

# Toninho Horta Maria tereza R. Arruda Campos harmonia compartilhada

# Toninho Horto Maria Tereza R. Arruda Campos hormonio comportilhodo

#### GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

# No passado está a história do futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman Governador do Estado de São Paulo



# Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.

Guimarães Rosa

A Coleção Aplauso, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biogra-fados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da Coleção é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na Coleção Aplauso foi discutido o

processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da Coleção Aplauso – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a Coleção em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Ao Eduardo e à Duda, meus dois amores.

A Roberto Bertoncini, Valdomiro Chammé, Haroldo Christensen, Marisa Whitaker, Angela Pennachi, Mari Carmen Velasco, Cecília Furquim, Ricardo Tiezzi, Niura Oliveira, Nélio Stábile, Sérgio Obata – e nossas noites de luar e violão.

A Valmir Macarini e Pedro Paulo Salles, e todas as nossas canções, eternamente.

#### Sumário

No trilho 13 Os Horta de Mello 14 A primeira infância 18 Paulo Horta 25 0 encontro com Milton  $\overline{31}$  A escola depois da escola $\overline{32}$  0 encontro com a guitarra  $\overline{34}$ A profissionalização 37 O mundo em expansão 46 Ah! Um som imaginário 51 Uma esquina, um clube, a imaginação no poder 58 Quatro em um 66 Pé na estrada 68Milagre dos peixes e outros sons 72 Um sonho maluco que se foi inventando 78O encontro com Pat Metheny  $86\,$  A verdade de cada um  $93\,$  Uma estadia americana  $100\,$ Uma ideia brilhante, um ato de coragem 102 A afirmação da independência 106Planeta Terra e outros projetos 112 O horizonte imenso, aberto, sugerindo mil direções 115 Uma casa do outro lado do mundo 124 Outras paragens do périplo asiático 134Circuito europeu 140 Bendito é o fruto dessas Minas Gerais 146 Na festa do Circo Voador 151 A carreira em movimento 156 A volta para Minas Gerais 158 Minas Records 160 George Benson descobre Toninho Horta 164 Reencontros do Clube 170 De volta à cena americana 173 Com a banda no Billboard Live 175 Os outros discos dos anos 2000 176 Os *workshops*: pensando a própria música 180 Toninho Horta faz escola 184 Viver é mais 188 Primeira pessoa 190 Discografia 204 Músicas feitas para Toninho Horta 205 Bibliografia e referências 208 Agradecimentos 213



#### No trilho

A música pode ser o exemplo único do que poderia ter sido – se não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias – a comunicação das almas.

Marcel Proust

Sem a música, a vida seria um erro, uma tarefa cansativa, um exílio.

Friedrich Nietzche

A música é uma coisa inebriante, divina. É uma das coisas que pode salvar o mundo.

Toninho Horta

Os anos 1970 revelaram ao Brasil e ao mundo um grupo de jovens mineiros que produzia uma música nova, fruto do amadurecimento de experiências diversas, síntese de vários tempos e influências - do pop às raízes africanas, da Bossa Nova e do *jazz* ao folclore latino-americano e ao samba – depuradas na tradição da cultura das Minas. Reunido em um disco antológico, o Clube da esquina, o trabalho desse grupo também traduzia uma atitude que fazia toda a diferenca naquele momento escuro da história do País. Concebido fora do eixo Rio-São Paulo, o Clube da esquina instaura um novo paradigma na MPB. O modo de compor, tocar, harmonizar e cantar, o despojamento e a espontaneidade das gravações, as letras inusitadas sugeriam uma atitude libertária, alternativa. Ao mesmo tempo, o álbum afirmava um posicionamento político que se manifestava na resistência a padrões - sociais, comportamentais, entre outros -, na afirmação de uma identidade latino-americana, no reconhecimento da nossa pluralidade cultural, na temática das canções que, de várias maneiras, propunham liberdade. Por fim, numa obra em que cada contribuição fazia diferença no resultado, estava declarada a força do coletivo e daquilo que vem junto: cumplicidade, companheirismo, amizade, a utopia da comunhão.

Toninho Horta fez parte desse grupo. O álbum *Clube da esquina* o projetou no cenário musical nacional e fez das suas composições, do seu jeito de tocar e harmonizar referências que ganhariam dimensão internacional. Mas sua história como músico começa antes, muito antes, antes mesmo de ele nascer. E se prolonga numa movimentada trajetória que frutificou em uma vasta discografia e o levou para muitos lugares do mundo. É essa história que vai ser aqui desenhada.







#### Or Horto de Mello

Foi a música que aproximou João Horta e Lucília Guimarães, avós maternos de Toninho. João Horta era maestro, compositor e funcionário da estrada de ferro Central do Brasil. Por obrigação de ofício, viajava muito: João acompanhou a construção da estrada e a família vivia se mudando. Para onde ia, levava sempre uma pasta com partituras, espalhando sons por onde passava, formando bandas, distribuindo suas composições, tocando e promovendo a música. Compunha e tocava missas, *Te deum*, músicas sacras, participava da Semana Santa das cidades históricas mineiras. Chegou a organizar uma orquestra em Ituverava. D. Lucília Guimarães nasceu em Sabará e gostava de música. Foi com João que aprendeu a tocar piano. Às vezes ele pegava uma flauta e os dois faziam sarau. Tiveram seis filhos, entre eles, Geralda Magela Horta de Mello.

Nascida em Capim Branco no dia 1º de setembro de 1909, Geralda cresceu nesse ambiente musical cultivado não só pelos pais como também por alguns irmãos. Pedro cantava nas rádios de Belo Horizonte. Gostava de valsas e serestas. Sua irmã Clarice tocava bandolim na orquestra do pai e cantava.

As irmãs Berenice e Lena, a amiga Vera e Toninho: banho de rio D. Geralda e os filhos Gilda, Toninho e Letícia, ladeados de amigos Seu Prudente (de óculos) com os filhos pequenos no quintal de casa Maria de Cáritas, sua irmã mais velha, também cantava, no coro do pai. Com esse entorno, Geralda acabou aprendendo a tocar violão e bandolim.

São vivas suas lembranças da atividade artística do pai, João Horta, disseminando a música nas cidades das Gerais. A gente vivia uma vida meio de cigano, vamos dizer assim. E aonde ele ia deixava um sinal da música dele – ou ele deixava um grupo, ou ele deixava uma orquestrazinha, ou ele deixava nas igrejas as partituras sacras. Então ele semeou a música dele por este estado de Minas quase todo¹ – lembra D. Geralda.

Até que, ainda levados pela profissão do pai, mudaram-se para Pirapora. Foi lá que, num certo baile, Geralda Horta conheceu Prudente de Mello. Descendente de índios, filho de Manuel Joaquim de Mello, fazendeiro de muitas terras no norte de Minas, Prudente estudava engenharia em Ouro Preto quando foi passar férias em Pirapora. Geralda, então com 19 anos, começou um namoro escondido porque ambas as famílias resistiam à relação entre eles.

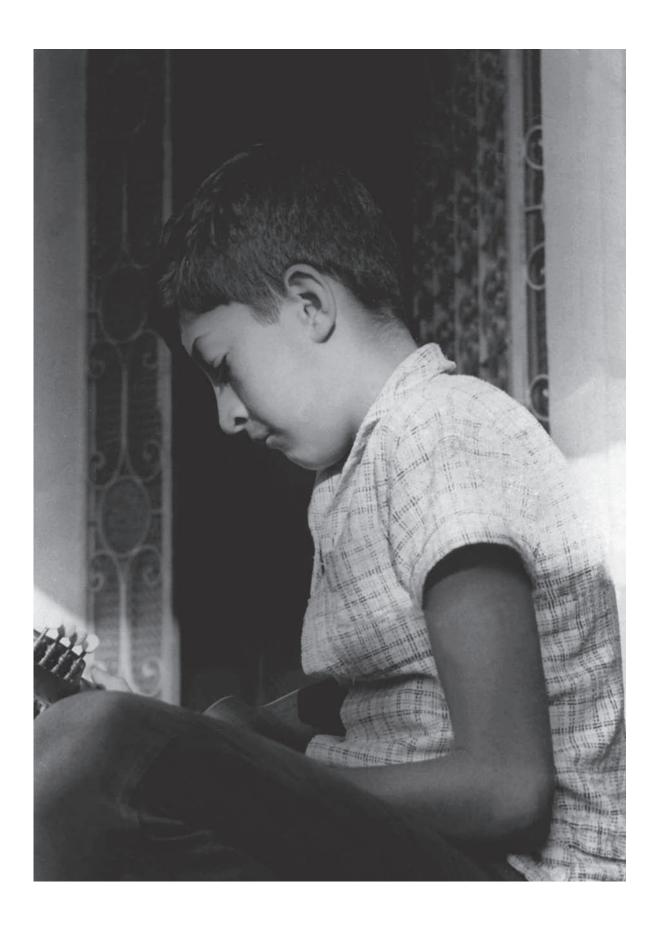
O namoro persistiu, mesmo depois de a família de Seu João Horta mudar-se para Belo Horizonte, em 1932. D. Geralda então passou a trabalhar como funcionária pública. Entre outras atividades, trabalhou com madame Helena Antipoff, belga que, vinda para o Brasil na época da guerra, contribuiu para a modernização do ensino em Minas e fundou a escola Pestalozzi. Depois de sete anos de namoro, Prudente e Geralda se casaram em 1933.

Logo depois do casamento, os Horta de Mello mudaram-se para a fazenda Paulo Geraldo, em Buritizeiros, no norte de Minas. Uma fazenda enorme. Para se ter uma ideia, uma das maiores fazendas de Minas hoje, a Fazenda do Triângulo, era uma das três partes da grande fazenda de Seu Manuel. O lugar era um paraíso, com muitas cachoeiras. Lá D. Geralda teve três de seus seis filhos: Paulo, Letícia e Gilda.

Em 1940 arrendaram a fazenda e mudaram-se para Belo Horizonte, mesmo ano em que Juscelino Kubitschek tomava posse como prefeito e lançava as bases de renovação da cidade.

Foram morar no bairro Floresta, onde D. Geralda teve seus outros três filhos – Berenice, Toninho e Lena – e viu Belo Horizonte crescer.

Toninho aos 10, já levando o violão a sério





Toninho, as irmãs Letícia e Berenice e amiga, na lambreta dos anos 50

# A primeira infância

Antônio Maurício Horta de Melo nasceu em 2 de dezembro de 1948, mesmo ano em que foi concluída a construção do estádio do América Futebol Clube, que viria a ser seu time do coração. Nasceu em uma família numerosa, afetuosa, musical.

Nasceu na Rua Pouso Alegre, Floresta. Hoje há um prédio no lugar em que ficava a casa onde morava a família e onde também funcionava o Jazz Fã Clube de Paulo, irmão de Toninho, primeiro filho profissional da música na família. Os dois desde cedo eram muito companheiros. Toninho se lembra do dia em que saiu com o irmão num Ford 1929 do pai. Tinha entre 2 e 3 anos de idade. Como não voltassem, a certa altura os pais começaram a se perguntar: *Cadê o Paulinho, cadê o Toninho?* Tinham saído sem dar notícia do lugar aonde iam e deixaram a família toda preocupada.

Toninho teve uma infância livre e feliz ao lado da família, os irmãos sempre tocando. Adorava andar descalço e, quando ainda cursava o Grupo Escolar, vivia batendo o dedão, que estava sempre com sangue, arrebentado. Soltou muito papagaio, era o rei da finca na época de chuva, da bolinha de gude. Adorava ler gibi, principalmente o *Mandrake*, o *Fantasma*, o *Bolinha* e a *Luluzinha*.

Cresceu ouvindo música. Minha mãe, comigo na barriga, dedilhava no piano e eu já vinha escutando música antes de nascer.<sup>2</sup>

Suas primeiras lembranças musicais se referem às composições do avô João, tocadas e cantadas pela família. Lembro de minha mãe tocando bandolim, com meu pai ao violão tocando valsas e modinhas de meu avô João Horta, que também compunha músicas sacras, como missas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. [...] minhas tias [Clarice e Dinha (Maria de Cáritas)] que moravam com minha mãe também. Cantavam suas canções e lembravam de suas passagens [...] pelas cidades do interior de Minas.<sup>3</sup>

Com um ano e meio, ouvia *No ni ná*, uma rumba cubana gravada num disco 78 rotações que, segundo sua mãe, o filho pedia tanto pra tocar que ela teve que comprar outro, porque aquele já nem se conseguia mais ouvir, estava furado, como se dizia na época do vinil.







Com pasta na mão, seu Prudente na Belo Horizonte dos anos 40 No quintal de casa com irmãs e amigos

A infância sempre povoada: de cima para baixo, os amigos Jaime e Dalva, D. Geralda, as irmãs Berenice e Lena, Toninho, a amiga Kátia, em Pirapora



Ouvia também música clássica: Tchaikovsky, Mozart, Strauss, entre outros. Sua mãe conta que aos 3 anos o surpreendeu chorando embaixo da cama, emocionado ao ouvir *Clair de lune*, de Débussy. O episódio convenceu D. Geralda que a música estava irremediavelmente no destino do filho. Ele também se emocionava com as músicas de orquestra, paixão que o acompanharia para sempre.

A vida animada da família colocou o menino em contato com muitos ritmos em voga nos anos 1950. As irmãs mais velhas, Letícia e Gilda, promoviam a chamada Hora Dançante e punham pra tocar baladas, charleston, foxtrote. Nos fins de semana, cantavam operetas com a Sinfônica de Minas Gerais.

Toninho se lembra de uma das festas de aniversário mais marcantes da infância, quando fez 8 anos. Além dos muitos

presentes que ganhou, o irmão levou vários de seus amigos músicos pra tocar: Dino (saxofonista), Plínio, Aécio Flávio (maestro, vibrafonista, flautista, pianista, compositor). Dino esqueceu o sax em sua casa. No dia seguinte, o menino encontrou o instrumento e quis montá-lo, mas ele não sabia como fazer. Acabou estragando o sax de Dino, deixando o irmão muito chateado. A aventura, porém, mostrava que Toninho queria mesmo fazer parte daquela turma.



Toninho ao lado de sua mãe, D. Geralda Horta, no jardim de sua casa: "a vida deve tanto à sua vida/ que cantar será/ vida eterna, vida eterna, vida eterna" ("Estrela do meu céu") Com D. Geralda, companheira de música e de vida





Seu Prudente revisita a fazenda Paulo Geraldo, em Buritizeiros, muitos anos depois de ter saído de lá

Dona Geralda: delicadeza

#### Paulo Horta

O irmão Paulo Horta teve influência decisiva na sua formação musical. Quinze anos mais velho que Toninho, Paulo era músico profissional desde os 17 anos. Frequentava o Ponto dos Músicos, um pedaço de calçada na Av. Afonso Pena, entre as Ruas Tupinambás e Curitiba, onde os músicos se reuniam com empresários e fechavam contrato para bailes, horas dançantes, carnaval, etc.. Muitas vezes para apresentação no mesmo dia. Tocavam nas boates famosas da noite belo-horizontina de então: a Berimbau, no Edifício Malleta, o Buchecho, o Sagarana, Montanhês Dance, Boate Sukata, entre outros. Paulo Horta era um dos mais respeitados músicos desse grupo, do qual fizeram parte também Gileno Tiso, Chiquito Braga, Maestro Valtinho, Washington, Marilton Borges, Aécio Flávio, Paulo Braga, Nivaldo Ornelas, Dino, Ildeu Lino, entre muitos outros.

Por volta dos 10 anos Toninho ganhou seu primeiro violão, um Del Vecchio amarelo. Sua mãe e seu irmão começaram a lhe ensinar os primeiros acordes. A essa altura, o garoto já tinha acumulado um vasto e variado repertório musical, que temperava modinhas mineiras, serestas, música sacra, *jazz* e a música das *big bands* americanas, boleros, rumbas, música clássica, blues, Bossa Nova. O *pop* e o suinque de Jorge Benjor viriam pouco depois.

Paulo trazia pra casa toda a versatilidade dos músicos americanos. Punha pra tocar muito *jazz – a música de verdade*, como dizia – e tudo o que havia de novidade: Frank Sinatra, Les Girls, Roy Hamilton – que Toninho dublava –, Ella Fitzgerald, Stan Kenton, Oklahoma, Wes Montgomery, Tal Farlow, Barney Kessel, Sasha Distel, Bud Powell, Stan Getz, Ray Conniff, entre outros. Foi ele também quem apresentou ao irmão mais novo a batida da Bossa Nova quando chegou de uma viagem ao Rio de Janeiro. Toninho tinha então 13 anos.

A Bossa Nova foi uma inspiração definitiva para a música de Toninho Horta. Inaugurada para o público com a gravação do disco *Chega de saudade*, em 1958, reinventou a MPB, o banquinho e o violão. Influenciou inúmeros músicos aqui e no exterior. Gestada nas mais fundas raízes da tradição da música brasileira, em Pixinguinha, Noel Rosa, Ary Barroso, Dorival Caymmi,

e tantos outros, temperada pela erudição de Villa-Lobos e outros clássicos e pelas inesperadas harmonias do *jazz*, nasceu bela, sofisticada e com uma incorrigível vocação para a eternidade. Antônio Carlos Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, João Donato, Ronaldo Bôscoli, Newton Mendonça, Nara Leão, Luiz Eça, Luiz Carlos Vinhas, Eumir Deodato, Sérgio Mendes, entre tantos outros, inspiraram toda uma geração de talentos que fizeram a música acontecer nos anos 1960. Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil decidiram suas vidas ao ouvir o antológico *Chega de saudade*.

Mas de todos eles, talvez nenhum tenha exercido tanto fascínio, seja por sua obra, seja por sua personalidade, quanto Tom Jobim. O *aprendiz de ternuras*, como se autointitulava o grande Brasileiro, alcançou unanimidade internacional: a qualidade de sua produção iluminada influenciou inúmeros músicos, todos seus fãs incondicionais.

Toninho Horta foi um deles. Em 1995 gravou "Sem você", com Joyce, um registro de vários clássicos de Tom, feito alguns meses depois de sua morte. E, em 1998, From Ton to Tom, CD com alguns dos clássicos de Jobim e algumas de suas próprias composições. Apresentada pelo irmão Paulo, que tinha ido ao Rio e visto umas jovens na praia de Copacabana tocando violão e cantando, a música de Jobim seria uma referência para sempre. Ele fazia uma música simples com uma maestria incrível. Tudo o que fazia era de extremo bom gosto. E o fato de ter estudado academicamente também ajudou muito. Frases que ele fez em contraponto, arranjos, algumas introduções ficaram históricas. É um dos maiores compositores de música popular, ao lado de Pixinguinha, Noel Rosa, Caymmi, Luiz Gonzaga. O Tom me satisfaz mais porque mostrou conhecimento em vários estilos, choros, música erudita, sambas, bossas, fez canções maravilhosas, conseguiu me encantar mais que qualquer outro compositor pela criatividade harmônica, pelas melodias.\*

Foi pensando na Bossa Nova que, aos 13 anos, tendo desenvolvido bastante intimidade com o violão, Toninho fez sua primeira canção, "Barquinho vem", que tinha letra de Gilda Horta, sua irmã e grande incentivadora. Segundo o músico mineiro, a composição era um pouco, ou totalmente, inspirada em

O irmão Paulo Horta, influência decisiva nas opções musicais de Toninho





"Corcovado", de Tom Jobim: *Um cantinho, um violão / Este amor, uma canção / Pra fazer feliz a quem se ama...* – e começava com os primeiros acordes da referida canção de Jobim.

Um dos músicos amigo do irmão tornou-se referência fundamental para Toninho, seu ídolo e guru: Chiquito Braga, com quem ele começou a conviver ainda muito menino. Conhecido por tocar num estilo tipicamente mineiro, Chiquito tem vasto currículo como instrumentista. Acompanhou, entre outros, Taiguara, Gilberto Gil, Jards Macalé, Dorival Caymmi, Fafá de Belém, Alaíde Costa, Tim Maia, Leila Pinheiro, Gal Costa, Maria Bethânia, Chico Buarque, Tom Jobim, Caetano Veloso, Simone, Nara Leão, Zizi Possi, Fafá de Belém, Guinga, Ed Motta, entre outros. Em depoimento ao Museu Clube da Esquina, Chiquito conta:

...eu ia para a casa dele [Paulo Horta] todo sábado, a gente tinha reunião, o Toninho era pequeno, as meninas, a Gilda, a Letícia; a gente tocava, as meninas [...] ficavam lá olhando a gente tocar... A gente tocava e ele ficava lá com a gente, ele mesmo não tocava não, ele sabia, mas ficava lá só olhando a gente e rindo, o Toninho ficava o tempo todo rindo. Olhava para o Toninho e ele estava rindo!<sup>4</sup>

O menino já se encantava com o jeito como Chiquito tocava violão e guitarra. O Chiquito Braga tinha uma suavidade e os acordes de base parecendo de

Show do Clube da Esquina, Teatro Fonte da Saudade: Toninho e Tavito orquestra. Eu tinha uma relação grande com o Chiquito e tudo isso me abriu a cabeça. Eu faço arpejo como música clássica, toco acordes com cinco dedos que pouca gente faz, uso muita corda solta, eu faço o acorde soar totalmente. Pode-se dizer que eu consegui um estilo diferente.<sup>5</sup>

Além dele, também Pedro Matheus e Luizinho, ambos da escola mineira de violão, influenciaram a formação de Toninho. A escola mineira se caracteriza principalmente pelo encadeamento harmônico. A música em Minas se desenvolveu em grande parte sob influência europeia, sobretudo espanhola e portuguesa, e criou forte tradição na música sacra. Mas a geração pré-Clube da Esquina abriu os ouvidos para a música americana, que tinha presença forte nas preferências musicais de Paulo Horta e seus conterrâneos. Isso favoreceu as gerações seguintes de instrumentistas e compositores que vieram depois – à qual pertencem Milton Nascimento, Wagner Tiso, Toninho, Nelson Angelo, Tavito, Lô e Márcio Borges, Beto Guedes, entre outros –, que criavam com muita liberdade, eram audaciosas ao elaborar a harmonia. Até porque eram poucas as escolas de música, tirava-se música do disco. O que mais aparece na escola mineira são os encadeamentos harmônicos e a maneira como os violonistas tocam a harmonia. Cada um deles desenvolveu um jeito próprio. Eu tenho meu estilo, abro muito os dedos em legue. Jackson do Pandeiro falava pro Dominguinhos: Chama aquele rapaz que tocou no disco anterior com a gente, o que tem a venta fina, a mão dele parece um pé de galinha, pega um acorde de não sei quantos trastes! É o que dá efeito de um som orquestral. Então essa escola já vinha com uma quantidade de músicos apresentando propostas totalmente novas.\*

Além da escola de violão, Toninho chama a atenção para uma tradição que muitos desconhecem, e que se constitui numa outra vertente da tradição musical mineira: a cultura dos tambores. Muita gente acha que música mineira é só harmonia, muita igreja, mas não, também tem uma cultura dos tambores, agora mais pesquisada por Maurício Tizumba.\* Os tambores são um registro da presença dos negros que foram trabalhar nas minas de ouro e marcam a herança da cultura africana no estado. Valorizo muito a música folclórica de Minas Gerais.\*



#### O encontro com Milton

Milton Nascimento chegou a Belo Horizonte no final de 1962. Convidado por Gileno Tiso, irmão de Wagner e seu conterrâneo de Três Pontas, começou a trabalhar como *crooner* em bailes nos finais de semana. A coisa deu certo e ele acabou se mudando para a cidade. Irene, irmã de Gileno, morava no Levy, edifício que entrou pra história da MPB por ter abrigado, num mesmo período, toda a família Borges, parte da família Tiso, além de Nelson Ned e Martinha, o queijinho de Minas descoberto pelo rei da Jovem Guarda, Roberto Carlos. O encontro entre Wagner, Milton, Márcio e Lô Borges seria, então, uma questão de tempo.

Milton começou a se familiarizar com o ambiente musical da capital mineira e a frequentar o Ponto dos Músicos, onde conheceu Paulo Horta. Toninho estava com quase 16 anos e já surpreendia pelas harmonias que criava no violão.

Foi nessa época que Paulo Horta levou Bituca (apelido de Milton) para casa, por ocasião de uma das Horas Dançantes que as irmãs costumavam promover, e lhe apresentou o irmão. Foi uma noite marcante.

Paulo tinha orgulho de apresentar o irmão, percebia o talento do menino. Naquele dia quis apresentar um pouco desse talento. Teria dito a Toninho: *Toca aí umas músicas pro Bituca*. Ele tocou o "Barquinho vem", "Flor que cheira a saudade", "O ciúme da areia" – suas três primeiras composições. Depois foi a vez de Bituca pegar o violão e mostrar o que sabia. Tocou *Barulho de trem* e *Crença*, uma das primeiras parcerias com Márcio Borges. E logo se criou uma empatia, Milton também virando fã da família. Para Toninho foi uma noite inesquecível. Bituca nessa época ia muito à casa dos Horta. Muitas vezes chegava ali com Paulo de madrugada para fazer o mexido antes de dormir.

Em 1966 Toninho fez uma melodia em que Milton colocou letra; a canção, chamada "Segue em paz", foi gravada, em 2005, por Paula Santoro, e por Toninho, em 2007: Segue em paz / Que eu já vou pela vida / Lá se vai esse tempo / Em que o bem / Longe está demais / Tão distante está / E a gente quer ficar / Pra que guardar amor / Se a beleza a gente tem / Se buscar / Sempre mais / Vá também procurar / Traz a vida às mãos / Dando mais de ti / Em paz.

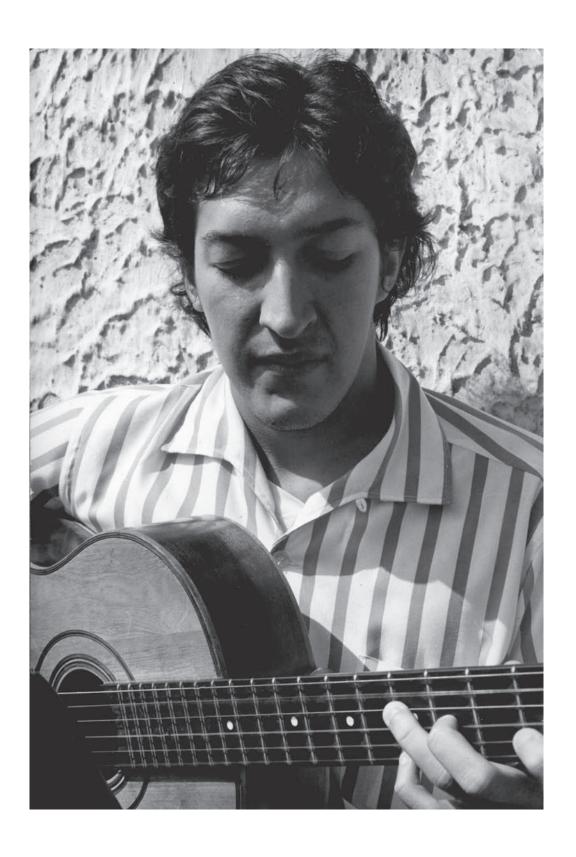
## A escola depois da escola

Toninho não se dava bem com a escola. Eu gostava de Português, História, Geografia, mas não gostava de Matemática, Química, Biologia, matérias que tinham muita terminologia. Achava legal o convívio com os colegas, jogar bola depois da aula... O melhor da escola era depois da escola, quando a gente acabava de estudar e podia jogar bola, passear, tomar chuva, com a pasta cheia de livros, adorava tomar chuva de pé descalço, jogar finca, bente altas, bolinha de gude, trocar figurinha na porta do cinema, quer dizer, a escola era uma diversão. É claro que Português eu gostava, sempre fui razoavelmente bem. Mas quando eu não gostava, ficava escrevendo letra de música e pensando em música. Algumas pessoas falavam que eu era muito desligado; mas também alguns diziam que eu era ligado em outras coisas. Eu repeti quatro vezes a primeira série, passei por vários colégios, não conseguia me adaptar. Fiz o [curso] madureza e parti pra música, que era minha verdadeira vocação.\*

A música absorveu todo o interesse do menino e do jovem. Isso, aliado à necessidade de criar, experimentar, inventar, ter liberdade para aprender, afastou o músico do estudo formal.

Em depoimento ao Museu Clube da Esquina, sua mãe afirma: Lá no Colégio Arnaldo ele brigava com os padres. [...] Eu morava em frente ao bonde e ele chegava em casa às 8 horas da noite: Toninho, o que é isso?, – Nada, não, e saía para lá correndo. Não queria saber de estudar, o que ele sabe ele aprendeu em casa [...]<sup>6</sup>.

Mas, na verdade, ele adorava ir à escola. Toninho adorava o clima religioso do Colégio Arnaldo, o sino da capela, o pátio com o campo de futebol. O colégio era importante como um lugar onde ele encontrava os amigos, jogava bola, tocava e cantava com meninos e meninas da sua idade. Sobretudo quando foi estudar no Estadual. Ali convivia com outros jovens que tinham também interesse por música, por artistas e músicos mais velhos. Essa convivência, que trazia tanta informação ao já adolescente, tornou-se uma espécie de escola depois da escola – nela residia todo o interesse de Toninho.



## O encontro com a guitarra

Muito rapidamente Toninho estava dominando o violão. Aos 19 anos vivia colado à turma de Paulo, observando, aprendendo, sobretudo com Chiquito Braga. Foi justamente quando o mestre Chiquito se mudou de Belo Horizonte que Toninho mudou de instrumento e começou a tocar com o grupo do irmão. Aécio Flávio teve a ideia: *Paulinho, vamos botar seu irmão tocando guitarra com a gente?* Toninho não tocava guitarra. Então encarou o instrumento como violão. Aécio lembra:

Compramos uma guitarra da Pep's, [...] aquela da Rua Bahia, loja de eletroeletrônico chamada Pep's. Acho que foi até uma guitarra nacional. Aí fomos fazer uma inauguração na sede do Cruzeiro e o Toninho pegou a guitarra, aí saiu aquele som embolado, misturado, alto pra caramba e tudo misturado. Aí acabou a hora dançante, eu falei: Toninho – depois de ter pagado ele direitinho – leva essa guitarra pra casa e treina. Guitarra é diferente de violão, rapaz, tem um macete, a pegada é diferente. Você estuda em casa e vê isso aí, porque está meio sujo o som. Cara, no domingo seguinte ele já chegou lá com outra sonoridade de guitarra. Parecia outro cara tocando. Toninho é muito musical, uma das pessoas mais musicais que eu já conheci. Ele tem aquela mão comprida, aquele dedão assim, então ele faz aqueles acordes [...] que só ele consegue alcançar, aí virou a harmonia que todo mundo conhece.<sup>7</sup>

Toninho Horta lembra das dicas de Aécio. Eu tocava violão me acompanhando, tocando os graves. A guitarra dá mais oportunidade de tocar nas quatro cordas mais agudas, fazer outras inversões que fazem o som ficar mais bonito, mais limpo. Com a guitarra podia solar nas cordas mais agudas, harmonizar, fazer contracantos. E o Aécio me deu o toque, não fica só fazendo acorde, não toca muito no grave porque confunde com o contrabaixo, toca nas cordas mais agudas que aí você pode fazer umas single notes, ou notas puras (melodias de só uma nota na guitarra), contracantos, desenhos de terças, desenhos de oitavas, acordes nas regiões mais agudas, de mais brilho.\*

Toninho ainda tinha 19 anos quando ganhou sua primeira guitarra. Meu irmão falou: Agora você já está bem grandinho. Nós vamos lá no shopping comprar



*uma guitarra e você vai começar a fazer baile com a gente.*<sup>8</sup> Comprou uma guitarra *Snake* e um amplificador *Gianini* com os quais passou a se apresentar.

Toninho afirma não ter preferência entre violão ou guitarra. O violão é um instrumento com que eu tenho mais intimidade, está toda hora fora da capa, dá pra abraçar ele de noite e tocar baixinho. Já a guitarra depende de ligar o amplificador, exige uma produçãozinha pra fazer ela falar. O instrumento em que eu mais componho músicas é o violão. A guitarra é um instrumento mais explosivo; usando pedais, distorções, delays, reverb, você pode fazer a música cantar de uma forma mais alta, principalmente se você tem uma banda. Ela é uma marca da juventude, sempre foi.\*

#### Flor que cheira a saudade

Toninho Horta e Gilda Horta

Nasceu da flor

O perfume que me fez

Lembrar você

Como vida de flor é pequena

Pequeno foio meu amor por você

Sentir saudades

Querer chorar é melhor deixar

Flor que cheira a saudade de você

É amor que ficou sem querer

#### Nem é carnaval

Toninho Horta e Márcio Borges

Vou sair

Um dia vem aí

E eu vou deixando

Uma festa triste, triste

Mas eu vou

Não quero me prender

Levo seu sorriso

Mas devolvo

Seu amor

Nem é carnaval

Mas eu vou cantar

Porque vou precisar

Muita força pra seguir

Vou cantar

tentando ser feliz

Hoje é quarta-feira

Já não é nem carnaval

# A profissionalização

Desde menino, adolescente, tinha um sonho de virar artista, acho que todo mundo pensa dessa forma. Mas eu também era muito desligado, muito tranquilo, não fazia isso com persistência, não era uma coisa obsessiva, sempre deixei as coisas acontecerem naturalmente.\*

No caso de Toninho Horta, esse processo aconteceu naturalmente cedo e num contexto de profundas transformações. Os anos 1960 assistiram a uma movimentação da cena política polarizada entre o Oriente, liderado por China e a União Soviética, e o Ocidente, liderado pelos Estados Unidos. Kennedy fazia o Vietnã e, com Nikita Kruchev, promovia a Guerra Fria. Mao Tsé-Tung proclamava a China uma República Popular de orientação socialista e instaurava a Revolução Cultural.

O aparecimento da pílula anticoncepcional, a popularização de algumas drogas, a minissaia estiveram no bojo de algumas das mudanças de comportamento mais significativas.

Nas artes, o cinema experimentava intensa renovação de linguagem e de temática em muitos países. A *Nouvelle Vague*, na França, talvez seja um dos movimentos mais emblemáticos do período: fazendo filmes intimistas, apostava em produções baratas, na rua como cenário e na discussão de ideias como elemento-chave no conjunto. Nos EUA, o cinema reinventa seus modos de produção e valoriza diretores emergentes, como Arthur Penn ou Stanley Kubrick. Os Beatles, em 1962, lançavam seu primeiro LP, *Please please me*, incendiando plateias e tornando-se os maiores ícones do *showbiz* do século 20. O *rock* se firma como a música da juventude de todo o mundo. *Woodstock*, já no finzinho da década, expõe ao mundo o movimento *hippie* e a contracultura, consagra as performances de Jimi Hendrix e Janis Joplin e coloca o *folk*, o *blues* e as improvisações de cunho jazzístico no palco da música universal.

No Brasil, Jânio Quadros sucedia Juscelino Kubitschek, que havia inaugurado a nova capital, Brasília, criando novas referências para a identidade nacional a partir da arquitetura de Oscar Niemeyer. A renúncia de Jânio e a posse do vice João Goulart provocaram uma crise institucional profunda, fazendo o

páginas seguintes -Toninho aos 18 anos com o inseparável violão





País mergulhar em 21 anos de uma ditadura que praticou a tortura, matou e exilou algumas das principais lideranças intelectuais e políticas do Brasil dos anos 1960.

Tanto o cinema, com o Cinema Novo, quanto as artes plásticas, com o neoconcretismo e a arte abstrata, viveram profunda renovação de linguagem também no cenário nacional. A literatura introduzia temas próprios das realidades urbanas que então se moldavam: a violência, em Rubem Fonseca, a precariedade da vida das classes suburbanas, em João Antonio, a denúncia política que passava pela fresta da cesta, em obras como as de Antônio Callado – para ficarmos em alguns exemplos da literatura da época.

A música, que já havia passado pela profunda renovação proposta pela Bossa Nova, entraria nos anos 1960 em um período de rara fecundidade, em que veria aparecer talentos exuberantes, cuja produção teria impacto em outros planos que não apenas o musical, mas também político, social, comportamental.

Foi nesse contexto que Toninho Horta começou a compor e a entrar para a cena musical profissional de Belo Horizonte. Aos 15 anos ele teve sua composição em parceria com a irmã Gilda Horta, "Flor que cheira a saudade", gravada pelo conjunto de Aécio Flávio, famoso no Rio. O disco era *O melhor da noite* e saiu em 1964.

Em 1965, viveu um dos episódios que mais marcaram sua adolescência: a visita de Vinícius de Moraes a Belo Horizonte, em 1965. Vinícius deu um show no Morro do Chapéu, na capital mineira, acompanhado por Tavito, e Toninho, que tocava todo o repertório do ilustre visitante, assistiu à apresentação pela televisão. Fiquei todo enciumado, o Tavito era meu amigo, podia ser eu ali, eu sabia todo o repertório do Vinícius.\* Na manhã seguinte um grupo grande de pessoas esperava Vinícius no pátio interno da Faculdade de Direito, na Praça Afonso Arinos, onde ele daria uma palestra. Não sei se o Tavito não acordou, mas alguém me perguntou, Toninho, você está aí com seu violão? O Vinícius está preocupado porque o violonista dele não vem. Eu fui pegar o violão, o Vinícius me viu e falou: Moleque, toca aí alguma coisa. Toquei "Chega de saudade", "Meditação", as músicas do Tom e ele disse: Já vi que você

sabe, vamos cantar tudo. Ele deu a palestra, ia falando e cantando, durou umas duas horas. No dia seguinte os jornais todos deram a matéria, com várias fotos, eu do lado do Vinícius, foi a minha glória!\*

Sua estreia profissional de fato se deu quando tinha 17 anos. Toninho acompanhou ao violão a cantora Malu Balona no Festival do Sindicato dos Músicos em Belo Horizonte, que aconteceu em 1966 na Secretaria de Saúde e Assistência, hoje Minascentro. Do festival participavam todos os músicos da geração do irmão Paulo Horta. Gostava já de acompanhar. Aos 13, 14 anos acompanhava Marisa Rossi, uma cantora belíssima, alta, minha primeira ídala como cantora. O pai dela não gostava muito de mim porque eu chegava lá e comia tudo de bom que tivesse na geladeira, era o rei da geladeira, ha... ha... † – lembra Toninho. Mas, profissionalmente, sua estreia foi mesmo acompanhando Malu, irmã mais nova do tecladista Célio Balona. Ela tinha uma voz linda e cantou Você que não vem, composição minha e do parceiro Rubens Theodoro, de 1965. \*

Ainda em 1966, o músico mineiro teve sua estreia em estúdio gravando no estúdio Bemol, em Belo Horizonte, o disco *Histórias infantis*, de André Guimarães.

Mas foi em 1967 que Toninho Horta ganhou maior visibilidade, ao participar do II Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro.

Os festivais da canção produzidos ao longo dos anos 1960 pelas TVs Excelsior, Tupi, Record e TV Rio se constituíram em importante veículo de apresentação e divulgação de toda uma geração de novos compositores, intérpretes e instrumentistas que redefiniram nossa identidade musical. Os festivais representavam também uma oportunidade para quem começava no mundo da música. São inesquecíveis algumas apresentações performáticas de Caetano em "É proibido proibir", "Alegria, alegria"; Gilberto Gil em "Domingo no parque"; Elis Regina em "Arrastão". Chico Buarque, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Sérgio Ricardo, Gutemberg Guarabyra, entre muitos outros, deixaram imagens inesquecíveis da participação deles em alguns desses festivais.

Para Toninho Horta, a participação no II Festival Internacional da Canção abriria definitivamente o caminho para a divulgação de seu trabalho. Já músico

profissional em Belo Horizonte, inscreveu e classificou duas canções no Festival: "Maria madrugada", composição sua em parceria com a prima Júnia Horta, e "Nem é carnaval", que compôs em parceria com Márcio Borges.

Lembro que cheguei no Hotel Savoy, na Avenida de Copacabana, e fui no quarto daquele grupo, O Quarteto, que a direção do festival tinha sugerido pra cantar minha música Maria madrugada. Realmente era o melhor quarteto que eu já tinha ouvido. Os caras naquela época já harmonizavam que era um absurdo. O Carlos abriu a porta pra mim e falou: Eu pensei que era um compositor assim... mais maduro – porque a música tinha uma harmonia mais evoluída. Eu tinha 18, 19 anos\* – lembra Toninho. "Nem é carnaval" foi interpretada por Márcio José, músico da noite carioca que depois viria a ser companheiro de Toninho nas peladas no campo do Caxinguelê, nos anos 1970. O Caxinguelê, situado no bairro do Horto, no Rio de Janeiro, dá nome a um clube de futebol fundado por Paulinho da Viola, compositor, e Afonsinho, o primeiro jogador brasileiro a consequir ser dono do próprio passe. Afonsinho, Ney Assunção, Geraldo (jogador do Flamengo), Paulo César Caju, Pintinho e vários músicos da geração de Toninho faziam parte das peladas. Começaram em quadra de salão e depois foram para o futebol de campo. Também aconteciam muitas peladas no campo de Chico Buarque de Holanda, das quais participavam Reinaldo, do Atlético Mineiro, Paulo Isidoro, também do Atlético, o grupo MPB4, Jorge Benjor, Fagner, entre outros. Teve um jogo no campo do Vasco em que eu fiz um gol de fora da área e de pé esquerdo, bem no ângulo. Eu era magrelo, tinha um bigodinho... me chamaram de Rivelino!\*

Ter duas canções classificadas no Festival era um feito, já que se inscreviam ali compositores de peso, como Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Ariano Suassuna, Tom Jobim, Dori Caymmi. Foi neste mesmo Festival que Milton Nascimento interpretou "Travessia", composição sua e de Fernando Brant, espantando o Brasil com aquela voz pronta que Deus lhe deu e colocando seu nome definitivamente na página principal da MPB. Milton classificou também "Morro Velho" e "Maria, minha fé".

Além de Toninho e Milton, só Vinícius havia tido mais de uma canção classificada naquele festival. Os mineiros, por isso, se transformaram em fenômeno que todos queriam conhecer. Augusto Marzagão, diretor do evento,

levava os novos talentos para a casa de Maria Amélia Marcondes Ferraz, uma socialite carioca que reunia gente que gostava de música em noites que rimavam canção com violão. Ali todos queriam saber quem eram os jovens mineiros que tinham conseguido a proeza da participação plural no Festival. Encontros como esse contribuíram para a divulgação do trabalho daqueles jovens. Marzagão tinha sensibilidade para talentos. Dele, Toninho ganhou um livro escrito por Henry Mancini que falava de orquestração, assunto que sempre o fascinou. Depois roubaram o livro, mas tinha um áudio com os exemplos do que estava na teoria que eu adorava ouvir.\*

"Travessia" ganharia o segundo lugar naquele festival, emocionando músicos e público, e sendo aplaudida veementemente por um Maracanãzinho lotado, mas em especial por D. Geralda e D. Maricota, matriarcas das famílias Horta – de Toninho – e Borges – de Lô e Márcio; elas tinham ido ao Rio para apoiar os meninos. *Minha mãe se lembra que as mãos ficaram vermelhas de tanto bater palmas\** – cont a Toninho.

"Maria madrugada" e "Nem é carnaval" não pegaram classificação final, mas a participação de Toninho o colocou em contato com alguns dos grandes nomes da MPB da época, tanto os jovens quanto os consagrados, como Chico, Caetano, Vinícius, Macalé, Luiz Melodia, Edu Lobo, Dori Caymmi, entre muitos outros.

Belo Horizonte produziu também alguns festivais, como o organizado pelo Sindicato dos Músicos de Belo Horizonte, em 1966, em que Toninho Horta acompanhou a cantora Malu Balona. Dele participaram alguns grupos da geração do irmão de Toninho, Paulo Horta, como Figo Seco e o conjunto de Aécio Flávio. Toninho participou ainda do Festival Estudantil da Canção em 1969 com duas músicas: *Canto de desalento*, que ficou em 3º lugar, e *Yarabela*, interpretada por Joyce e com a percussão de Naná Vasconcelos, canção que ficou com a 5º classificação.

Fora do circuito dos festivais, em 1967, Toninho participou, ao lado de Milton Nascimento, Márcio Lott e Tavito, entre outros, do espetáculo "Taí nosso canto", em Belo Horizonte, que se transformou em movimento pelo qual artistas mineiros cantavam compositores também mineiros.

Para além da vida profissional, Toninho vivia sua juventude entre barzinhos, namoros e serenatas. A gente ia muito a barzinho. O bar sempre foi um lugar interessante. O pessoal ia muito ao Veia Poética, perto do Colégio Estadual Central, ali se discutia de tudo – política, arte, cultura. Naquela época, adolescente, a gente não ia para o bar pra beber. Era para encontrar os amigos num ambiente em que a gente ficava mais à vontade. Inclusive várias oportunidades de trabalho que eu tive surgiram em bar, à noite, ideias de projetos. O bar é como a cozinha numa casa, um lugar onde a gente pode ficar mais à vontade. \* Nas férias, quando viajava, adorava tomar banho de rio, de cachoeira, já que não tinha mar por perto. Além disso, adorava jogar futebol, ir ao cinema. Assistiu a muitos musicais americanos, filmes de aventura, de caubói, sobretudo os com Roy Rogers. Cinema, tudo que era arte me encantava. \* Um pouco mais tarde iria se apaixonar por Brigitte Bardot. E ainda Godard, Buñuel, Fellini.

Também fazia muita serenata. Uma das serenatas que a gente fez foi na casa da Valéria, uma amiga nossa muito querida, hoje cantora. Estava amanhecendo, a gente ali, na maior emoção cantando aquela melodia superbonita, melosa, quando a gente ouviu um barulho no alpendre, paf!, o entregador tinha jogado o jornal do dia, quer dizer, a gente já tinha extrapolado o horário! Bom demais... Em algumas serenatas os pais acendiam as luzes, mostravam suas donzelas lindas e encantadas com a visita, e às vezes ainda rolava um cafezinho ou refrigerante, he... he!...\*

#### Manuel, o audaz

Toninho Horta / Fernando Brant

Se eu já nem sei o meu nome

Se eu já nem sei parar

Viajar é mais, eu vejo mais

A rua, luz, estrada, pó

O Jeep amarelou

Manoel, o audaz, Manuel, o audaz,

Manuel, o audaz

Vamos lá, viajar

E no ar livre, corpo livre

Aprender ou mais tentar

Manoel, o audaz

Iremos tentar

Vamos aprender

Vamos lá

# O mundo em expanzão

Depois de participar do II FIC, o trabalho de Toninho Horta ganhou visibilidade. Sua irmã Gilda Horta insistiu em que ele passasse a morar no Rio, onde tudo acontecia. Ele e a irmã moraram na Rua Marquês de Abrantes, Botafogo, mas Toninho ia com frequência a Belo Horizonte. Nessa época o Lô vinha muito pro Rio. A gente viajou várias vezes juntos, de ônibus, de trem, de Vera Cruz, a gente alugava aquelas cabines. Eu ia com o Marcinho Borges pro bar do trem e a gente bebia até o bar fechar. Eu e o Lô, às vezes a gente ia dormindo um no ombro do outro no ônibus.\* Em 1972, logo depois da gravação do Clube da esquina, Toninho moraria com Lô, Milton e Beto Guedes na Rua Bartolomeu Mitre, no Leblon. Depois de 1973, com sua irmã Gilda, ocupou por muito tempo em uma apartamento mais espaçoso na Rua Capitão César de Andrade, a uma quadra de distância do apartamento dos amigos mineiros do Clube.

A participação no FIC de 1967 produziu efeito. Alguns jornalistas procuraram os mineiros e eles foram assunto de várias matérias de jornal. Além dos parabéns pelo trabalho recebidos da imprensa, Toninho viu as portas começarem a se abrir no Rio de Janeiro. Os cantores começaram a gravar suas músicas, as de Milton, entre outros.

No Rio, sua estreia em estúdio foi com Joyce, primeira cantora a gravar, em 1968, uma música sua: "Litoral", a primeira composta com Ronaldo Bastos, poeta e letrista que Toninho havia conhecido na época dos festivais. Com Ronaldo fez também "Cristiana", em homenagem à sobrinha do parceiro carioca, e várias outras mais adiante.

Depois dessa gravação de Joyce, vários outros artistas começaram a ter interesse pelas suas músicas: o MPB4, Alaíde Costa, Nana Caymmi, Leny Andrade, Marilton Borges. "Liana, verde bandeira", "Maria madrugada", "Meu canário vizinho azul", "Aqui, oh!", entre várias outras, foram gravadas e passaram a divulgar mais amplamente o trabalho do músico mineiro. Nessa época gravou também com Dominguinhos e Jackson do Pandeiro.

Em 1968 Toninho compôs algumas trilhas para curtas-metragens de cineastas mineiros. Algumas se tornariam clássicos de seu repertório, como "Dona Olímpia", tema instrumental e principal da trilha sonora do curta-metragem

Joyce: a primeira cantora a gravar música de Toninho, "Litoral", e parceira de muitos palcos e momentos. Aqui ela, Gary Brown e Toninho se apresentam no Sob's, em Nova York





Dona Olímpia, dirigido por Luiz Alberto Sartori. A parceria com Ronaldo Bastos, que colocou letra na canção, veio dez anos depois e foi gravada também por Milton Nascimento em *Clube da esquina 2*, lançado em 1978. Ainda faziam parte da trilha "Igreja do Pilar", "Serenade" e "Aquelas coisas todas". Compôs também para os curtas *Segundo momento*, de Alberto Graça, Um *caso de peru*, de Eduardo Lacerda e outros. Toninho lembra ainda que aos 16 anos compôs a trilha sonora de *O mágico de Oz*, versão mineira para teatro infantil, peça dirigida por Donato Donatti, maior amigo de seu irmão Paulinho. Juntos, Paulinho e Donatti compuseram uma única canção, "Promessas que eu fiz", em 1957.

Em 1968, Toninho Horta participaria ainda de um festival em Juiz de Fora com "Manoel, o audaz", uma das unanimidades da obra do compositor, defendida na ocasião pelo grupo Momento 4, liderado por Maurício Maestro. A canção foi composta em parceria com Fernando Brant, a quem Toninho havia conhecido em 1967, no Studio Rodolfo, aonde foram tirar uma foto para inscrição no

Toninho e Lô Borges no Japão, testando os violões Fukuoka: amigos de longa data Il FIC. Foi Márcio Borges quem levou Fernando ao Studio e apresentou os dois. "Manoel, o audaz" faz referência a um jeep Land Rover 1951, de Fernando, que levava a turma de amigos nas andanças pela Serra do Curral, próxima de Belo Horizonte. Esta foi a primeira apresentação de *Manoel, o audaz* das muitas e muitas que Toninho faria em todos os lugares do mundo onde se apresentou. A canção ganhou solo de guitarra de Pat Matheny na gravação do disco *Toninho Horta*, o segundo trabalho individual do artista. A música se tornaria um sucesso definitivo desde a primeira gravação em 1973, no LP que ficou conhecido como *o disco dos quatro no banheiro*, que reunia Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli e Toninho Horta.

Ainda em 1968, participou de um dos espetáculos mais engraçados de que tem memória, um happening. Aconteceu no teatro do Instituto de Educação de Belo Horizonte, num Dia dos Namorados. Já quando a cortina abria, o pessoal via uma estranha assemblage, cujo sentido ou intenção escapava ao comum dos mortais: lustres, vassoura, espelho, louças, mangueira, espada de gladiador eram alguns dos elementos que compunham o cenário. Um quarteto vocal foi se apresentar e, de repente, um dos integrantes desapareceu: tinha ido parar no fosso da orquestra, ninguém tinha visto como. Num dos números, um celista tentava seguir a partitura com dificuldade. Não que ele não soubesse ler as notas. Acontece que tinham amarrado a partitura com um barbante e batia um vento, talvez do ar-condicionado, que a fazia voar ligeiramente... E o celista ali, se contorcendo, tentando acompanhar o papel e ler as notas ao mesmo tempo. Em dado momento, anunciaram outro quarteto e todos olharam para um dos lados do palco. Pois entra um trio pelo outro lado! Foi engraçado!\*

Em 1969 participaria de outro FIC com a música "Correntes", parceria sua com Márcio Borges. Sinal dos tempos: a música foi censurada e eliminada do festival porque os luminares da censura de então associaram o título da canção a um grupo de esquerda argentino. No Brasil pós-Al-5, a proibição sinalizava a atmosfera que pesava sobre toda a produção artística e intelectual brasileira naqueles anos. Mas na verdade a música não tinha nenhuma relação com isso. A organização do festival logo percebeu o engano e recolocou a

música entre as classificadas para apresentação no festival, tendo sido defendida por Eduardo Conde.

Toninho também participou de um conjunto chamado A Tribo, com Nelson Angelo. Nelson tinha participado do FIC de 1969 com uma música chamada "Onoceonecotô" que, em *mineirês*, significa *eu não sei onde é que eu estou*. Estava então casado com Joyce e, junto com Toninho (guitarra), Novelli (baixo) e Nenê (que substituía Naná Vasconcelos na percussão), montou o conjunto. Nelson sugeriu a Toninho ficar no Rio, Elis Regina estava montando uma banda e ele podia propor à cantora colocar duas guitarras no show, a dele e a de Novelli. A proposta deu certo. Ficaram todo o ano de 1970 acompanhando Elis, também com Sérgio Carvalho ao piano. Gravaram um disco chamado *Ela. Me arrependi de não ter convencido Roberto Menescal, o produtor, a deixar que eu tocasse "Desafinado". Eu já tinha um estilo, mesmo com 20 e poucos anos, fazia umas harmonias mais modernas, mais ligadas ao jazz. Mas ele fez questão de tocar o violão em Desafinado. <i>Fiquei chateado na época, mas são coisas que acontecem.*\*

Convidado por Paulo Moura, Toninho ainda se apresentaria com Elis em 1974, no espetáculo Elis & Tom, no Hotel Nacional do Rio de Janeiro, regido pelo ex-professor de Tom Jobim, Leo Peracchi. O show divulgava o LP lançado no mesmo ano, também chamado *Elis & Tom*. Gravado em Los Angeles, o trabalho reunia duas estrelas de primeira grandeza da música brasileira. O encontro entre eles é considerado, pela crítica e pelo público, um dos mais importantes da história da MPB.

No início dos anos 1970, Toninho também expandia suas relações profissionais. A irmã Gilda Horta, jornalista e produtora, promovia eventos de música instrumental com músicos e compositores de porte, como Hélio Delmiro, Paulo Moura, Egberto Gismonti, Victor Assis Brasil. Sempre incentivando a carreira do irmão, acabou colocando-o em contato com todos esses grandes nomes da música instrumental do País.

Quando ia para Belo Horizonte, Toninho encontrava uma cidade onde ainda tinha linha de bonde, postes de ferro no meio das ruas, poucos carros e muita calma no ar. Como se diz, a vida era (é!) só alegria! Fazia também muita serenata, jogava pelada, ouvia com meu amigo Roberto, do Alto do Colégio Batista, vários LPs de fino gosto e garimpava preciosidades da Bossa Nova e do jazz no antigo shopping Pep's da Rua Bahia.<sup>9</sup>

# Ah! Um som imaginário

Gilda Horta também conhecia José Mynssen, que produziu os primeiros shows de Milton Nascimento, trabalho que deu notoriedade ao produtor e o tornou importante. Depois de espantar o público pela potência de sua voz e pela beleza da canção que defendeu no II FIC, Milton gravou, ainda em 1967, mesmo ano do festival, o LP Travessia pela gravadora Codil. Luiz Eça, responsável pelas orquestrações do FIC e pianista do Tamba Trio, foi chamado para fazer os arranjos. Logo em seguida, em 1968, Milton lançou Courage. Gravado nos Estados Unidos, o LP trazia "Morro Velho", "Rio Vermelho", além de "Travessia", todas com arranjo de Eumir Deodato. O LP fez muito sucesso entre a crítica americana. No mesmo ano, Milton assinava contrato com a gravadora Odeon e, em 1969, lançava outro LP, Milton Nascimento, em que estão registradas, entre outras, "Travessia", "Beco do Mota", ambas em parceria com Fernando Brant, e "Aqui, oh!" parceria de Toninho também com Fernando Brant. A essa altura, Milton não era mais um novato. Com o sucesso de Courage no currículo, ele chegava aos estúdios da gravadora merecendo um tratamento diferenciado. Por isso Bituca podia dar, mais que palpites, a palavra final na direção musical do trabalho. Nesse contexto, pôde reunir alguns amigos que eram também músicos de primeiríssimo time: Wagner Tiso, Novelli, Robertinho Silva, Hélvius Vilela, Luiz Fernando, Nelson Angelo. Toninho Horta fez uma participação especial em "Aqui, oh!", a primeira composição sua gravada por Bituca. Estava nesse grupo a semente do que seria, adiante, o elenco do Som Imaginário. E também do grupo que se reuniria para a gravação do Clube da esquina.

Em 1970, José Mynssen produziu uma turnê que marcaria uma mudança radical na imagem de Bituca. Ele deixaria o cabelo crescer, abandonaria o banquinho em que costumava apoiar a perna durante os shows, adotaria um modo muito mais solto de se vestir e se apresentar, passaria a assumir suas ideias, opiniões e dizer: *Estou aqui pra dizer que sou mineiro, autor de "Travessia"*, [...]<sup>10</sup>

Mynssen precisava montar uma banda para acompanhar Milton. Foi num bar do bairro carioca do Leme que encontrou Wagner Tiso e Robertinho Silva e os convidou para a aventura. Robertinho tocava com Paulo Moura e o Wagner sugeriu levar uma canja com o Bituca numa temporada num teatro ali no fim



de Ipanema\* – lembra Toninho. Quando encontrou os dois, Mynssen propôs que se juntassem a Luiz Alves, Tavito, Zé Rodrix e Laudir de Oliveira, percussionista que havia trabalhado com Sérgio Mendes, para formar uma banda que se tornaria mítica na história da MPB, para muitos ainda a mais talentosa, a mais extraordinária reunião de músicos num mesmo conjunto musical.

Foi o próprio José Mynssen quem batizou a banda. Ninguém sabia exatamente o que iam tocar. Ouvindo o som do grupo, associado ao rock progressivo e também à Bossa Nova e ao *jazz*, mas sobretudo de levada *pop*, teria dito: *Mas vocês fazem um som... ah! um som imaginário!* – assim estava feito o batismo. O Som Imaginário acompanhou Milton até 1975.

Naguele ano de 1970 a banda acompanhou Milton no show intitulado Milton Nascimento e Ah! O Som Imaginário, dirigido por João das Neves, que estreou no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, para uma temporada de duas semanas. Toninho Horta participou da temporada carioca como convidado especial de Milton. Tinha 21 anos e tocava duas músicas suas: "Aqui, oh!" e "Estudo brasileiro", nome dado por Novelli porque identificava naguele som a mistura de modinha, jazz e música clássica. O show foi um absoluto sucesso, lotando o Opinião todas as noites. Foi aí que conheci o Robertinho,\* lembra Toninho se referindo ao baterista que o acompanharia pela vida afora em muitos trabalhos. O sucesso se repetiria no Teatro Olímpia, em São Paulo, e no Teatro Marília, em Belo Horizonte. Ao final da turnê, Milton faria mais um disco, Milton, gravado na Califórnia com a participação de Toninho, Novelli e Robertinho. A capa representava a transformação por que ele mesmo havia passado: nela se destaca o perfil em preto de Milton contra um fundo branco; o cabelo está crescido e a roupa é colorida, muito diferente do terninho com que costumava se apresentar até então; o nome Milton está grafado em um desenho de letra de apelo moderno, em laranja forte. Nesse novo trabalho Milton gravou "Durango Kid", outra inspirada parceria de Toninho Horta e Fernando Brant.

O Som Imaginário teve várias formações. A de 1970 contava com a participação de Wagner Tiso (teclados), Luís Alves (baixo), Robertinho Silva (bateria), Tavito (violão de 12 cordas), Zé Rodrix (teclados, percussão, voz e flauta) e Laudir

Rio, 1973: Toninho toca contrabaixo no apartamento da Capitão César de Andrade de Oliveira (percussão). Logo o percussionista Laudir foi para os EUA, sendo substituído por Naná Vasconcelos. E, em seguida, o grupo ganhou a guitarra de Fredera.

Em 1974 o grupo teve formação mais sofisticada, jazzística, para acompanhar a turnê do show *Milagre dos peixes*, que teve apresentação histórica no Teatro Municipal de São Paulo. Dessa formação participaram Toninho Horta (guitarra), Wagner Tiso (teclados), Nivaldo Ornelas (saxofone), Robertinho Silva (bateria) e Luiz Alves (baixo). O show está registrado no disco *Milagre dos peixes ao vivo*. Foi o único disco do grupo do qual Toninho participou. Além do gravado ao vivo, Milton lançou outro *Milagre dos peixes*, gravado em estúdio, que contou com a guitarra de Nelson Angelo e teve quase todas as letras censuradas.

Toninho ainda acompanharia o grupo em excursão até 1975. Nesse ano, a banda retoma formação mais *pop* para a gravação de *A matança do porco* e Fredera é reincorporado ao grupo. Mas desde então a banda praticamente deixa de existir e sua formação varia bastante. Dela também participaram, em diferentes momentos, Novelli (baixo), Paulo Braga (bateria) e Jamil Joanes (baixo).



#### Aqui, oh!

Toninho Horta / Fernando Brant

Oh! Minas Gerais

Um caminhão

Leva quem ficou

Por vinte anos ou mais

Eu iria a pé

Oh, meu amor

Eu iria até, meu pai

Sem um tostão

Em Minas Gerais

A alegria é guardada em cofres

catedrais

Na varanda eu vejo o meu amor

Tem benção de Deus

Todo aquele que trabalha

No escritório

Bendito é o fruto

Bendito é o fruto

Bendito é o fruto dessas Minas Gerais

#### Meu canário vizinho azul

Toninho Horta

Hoje morreu mais um dia

Na volta do mar

Voa ribeira

Ovo de cera

Deixa eu barrancar

Peixe de mará

Desce a rede

Eu abarco

Espero pelo que vier

Hoje morreu meu canário

Vizinho azul



Uma das formações do Som imaginário, banda que muitos consideram insuperável. Toninho na guitarra, Nivaldo Ornelas no sax, Paulo Braga na bateria, WagnerTiso nos teclados

# Uma esquina, um clube, a imaginação no poder

Pode-se dizer que o *Clube da esquina* foi fruto de uma divina e feliz conspiração. O modo como os participantes desse trabalho histórico foram se conhecendo, entrando na vida uns dos outros, parecia dizer que o encontro entre todos estava mesmo escrito nas estrelas. Milton conhecia Wagner de Três Pontas, eram quase vizinhos, tocavam juntos desde meninos. Quando se mudou para Belo Horizonte, morou com a família Borges no Edifício Levy. Era amigo de Paulo Horta, o que o aproximou de Toninho, que também ficou conhecendo Márcio Borges, Ronaldo Bastos, Fernando Brant. A *turma do Levy* se encontrava com frequência no Edifício Maletta, o primeiro a ter escada rolante na cidade; o prédio era dividido em dois blocos – o residencial e o comercial. A parte comercial era bastante frequentada por artistas e intelectuais que iam visitar as livrarias, lojas de disco e bares do lugar.

Quando Milton, Wagner, Toninho, Márcio, Fernando começaram a se reunir, Lô Borges era ainda pequeno e disputava o patinete daquele que se tornaria seu amigo e parceiro: Beto Guedes, com quem ouvia Beatles e montou uma banda de rock, Os Beavers, que só tocava músicas daqueles ingleses. Entre 1967 e 1969, Beto Guedes e Toninho Horta moraram no mesmo prédio, o Cesário Alvim, na Rua Tupis, a 30 metros do Levy. Ronaldo havia conhecido Milton no Rio, numa noite em que voltava do Teatro Jovem, lugar onde os músicos e interessados ficavam a par das novidades. Wagner morou um tempo com a irmã no Edifício Levy, o mesmo onde Bituca foi morar com os Borges. Quer dizer... o encontro entre todos era praticamente uma festa em família.

A esses talentos juntaram-se aqueles com quem Milton já vinha tocando, como Robertinho Silva, Luiz Alves, Tavito, além de outros companheiros músicos mineiros: Novelli, Paulinho Braga, Nelson Angelo. O grupo que participaria da gravação do álbum *Clube da esquina* também contou com Eumir Deodato no arranjo de três músicas e com Paulo Moura na regência de cinco canções.

Foi de Milton a ideia de fazer um álbum duplo. Com a ajuda de Adail Lessa, a Odeon consentiu, depois de longa batalha. Ronaldo Bastos insistiu: tinha de ser um disco com princípio, meio e fim, que não seja só um apanhado de canções. Um disco conceitual<sup>11</sup>. Milton reuniu as pessoas que estavam junto com ele, em quem ele acreditava, de quem ele gostava, que tinham a ver com ele\*, lembra Toninho.

E foi também de Milton a ideia de convidar Lô para dividir o disco com ele. Lô, que desde molegue tinha acompanhado a turma de Márcio e Milton, vinha já tocando e compondo. Depois de um período morando no centro da cidade, no Edifício Levy, a família Borges havia voltado, em 1967, para o bairro de Santa Tereza. Lô tinha sua própria turma, que se juntava pra jogar futebol, tocar e cantar ali, onde a Divinópolis -rua onde morava - cruza com a Paraisópolis. A esquina ganhou status de clube desde que um frequentador mais abastado da turma passou ali dizendo que ia a uma festa no clube tal. Então alguém teria respondido: Nosso clube é aqui mesmo – assim estava dado o nome com que aquele lugar ficaria conhecido no mundo todo. Lô tinha crescido, estava com 16 anos, e Milton só percebeu quando, chegando a Belo Horizonte, encontrou Lô sozinho em casa, dedilhando um acorde no violão; convidou-o para tomar um guaraná, mas Lô preferiu uma batida de limão. Dali voltaram para casa e, a partir daquele acorde, compuseram a canção Clube da esquina, em 1969. A música foi gravada no LP Milton, de 1970, e no Milagre dos peixes ao vivo, de 1974. No álbum duplo assinado pelos dois entraria Clube da esquina nº 2, em versão instrumental. Essa música ganharia letra de Márcio Borges, mas só depois, quando ele resolveu atender a um pedido de Nana Caymmi, que queria gravar a música. Com letra, foi gravada por Lô Borges no LP Via Láctea, de 1979.

O *Clube da esquina*, portanto, reuniu um grupo de músicos que, de certa forma, já vinha trabalhando junto, tinha já uma alguma experiência profissional. Quando a Odeon, que passou a EMI-Odeon, concordou em desenvolver o trabalho conforme a proposta original, Helson Romero, primo de Bituca,



conhecido como Jakaré, alugou uma casa em Mar Azul, na praia de Piratininga, Niterói, para onde, além do próprio Milton e do primo, foram Lô e Beto. Ali ficaram por quatro meses preparando as canções que seriam gravadas no LP. Durante esse tempo, a casa era frequentada por muita gente, entre amigos, familiares, compositores, músicos –Ronaldo Bastos, Márcio Borges, Cafi, que era fotógrafo, registrou muitas cenas das gravações e fez a foto da capa do LP. Toninho chegou a frequentar a casa; esteve lá no último dia antes de irem para o Rio onde teriam início as gravações. A essa altura ele já era um requisitado músico de estúdio e estava gravando com Elis Regina, Dominguinhos, Nana Caymmi, João Bosco. Mas Ronaldo Bastos insistiu tanto que Toninho acabou topando ir até a casa de Mar Azul. Chegaram no fusquinha branco de Ronaldo e ficaram apenas algumas horas, nem chegaram a dormir por lá.

A esquina do clube: o lugar onde cabe toda a tribo

A gravação do LP correu em clima de descontração e muita liberdade. Em depoimento ao Museu Clube da Esquina, Toninho conta: A coisa mais característica da gravação foi a liberdade que todo mundo tinha. Porque o Wagner [Tiso] já era considerado o grande maestro da turma, a mãe dele era pianista clássica. Ele começou a fazer uns arranjos com o Paulo Moura, aprender [com ele] arranjos no Rio de Janeiro. Era mais velho um pouco, já da geração do Milton, batendo a idade, cinco anos mais velho que eu. O Wagner era a pessoa que queria organizar o trabalho, fazer o contexto final, dar aquele retoque pra todos os arranjos e orquestrações. Eu participei muito dos arranjos de base. Por exemplo, chegava o Milton de manhã, falava assim: A música é essa. Quem estava ali na hora, quem acordava cedo estava ali. Quem acordava tarde não estava ali. Então o pessoal que estava dizia: Vamos lá passar uma música. Alguém dava ideia aqui, outro dava ideia ali, daí a pouco a música estava pronta. Aí chegava mais outro no finalzinho, pegava um badulaque, começava a falar: Eu vou tocar percussão nisso.

Então, várias vezes chequei e a coisa já estava pronta. Aí eu pegava um caxixi, fazia uma percussão. Quando chegava antes, ajudava a organizar: Não, vamos fazer isso aqui na introdução. - Não tinha baixista? O baixista chegou atrasado, o Novelli está ali? – Não, o Novelli só vem na parte da tarde. Muitas vezes o pessoal acordava tarde. Quando eles passavam no hall desse prédio, onde tinha o estúdio da EMI, no início da Rio Branco, ali no Rio – acho que era no quarto andar – tinha aquele café que servia um chopinho maravilhoso. Aí não dava pra resistir. O pessoal que acordava tarde já ficava por ali mesmo. -Cadê o pessoal? – Está lá embaixo tomando uma. Gravava uma música e descia pra tomar um chopinho. Aí, quem já estava lá, subia. Então, o interessante é que nunca coincidia. Se você pegar a ficha técnica de cada música, não coincide. Às vezes eu atacava de baixo, faltava guitarra, eu tocava. Era tudo muito espontâneo. Ajudei a organizar essa coisa da base, fazer as introduções, os finais. A minha contribuição foi muito mais em cima disso, já que eu não participei da criação do repertório12. A música Diana, de Toninho e Fernando Brant, chegou a ser cogitada para entrar no disco, mas já havia tantas canções que acabou não havendo espaço para a inclusão de mais uma.

Toninho participou de várias faixas do disco, na guitarra, no baixo, no violão, na percussão, no coro. E também participou intensivamente das orquestrações, lideradas por Wagner Tiso. Mas o solo em "Trem azul" ficou de

tal forma impregnado na canção que é como se fizesse parte mesmo da composição. Tom Jobim, em seu último álbum, *Antonio Brasileiro*, de 1994, gravou a canção em inglês com o nome "*Blue train*". Nessa gravação incorpora à melodia o solo de Toninho, registrado no álbum *Clube da esquina*, reconhecendo assim a grandeza da invenção.

"Trem azul" é a faixa em que eu estou mais inserido nesse disco, porque eu fiz um solo. A vida inteira eu fui grilado com solo, nunca achava que era muito solista, por não ter muita técnica, ainda mais pra achar ali a nota certa, o bom gosto. Fiz o solo em Trem azul e falei: Quero fazer de novo. Naquela época só tinha dois canais, não tinha playback, então tivemos que gravar tudo de novo. Eu fiz outro solo e fiquei muito feliz com o resultado. É um solo muito simples, delicado, contando uma história. O recado do solo seria mais ou menos assim: Gente, eu estou aqui. Aí vai mudando. Então cada trecho do solo era como se fosse uma história contada. Tem uma conclusão, uma história do princípio ao fim. Termina de forma apoteótica. Mas sem muito estardalhaço. [...] Deu certo. 13

O Clube da esquina, que saiu em 1972, marcou uma fronteira na MPB. Em primeiro lugar, porque nele desaguavam experiências musicais diversas: Beatles e música pop em geral, música folclórica latino-americana, Bossa Nova e jazz, música regional mineira e música clássica, o barroco mineiro e o samba carioca, Tom Jobim, Caymmi, Bob Dylan e Villa-Lobos. Essa diversidade representava o amadurecimento de diferentes experiências musicais, que, banhadas na cultura das Minas, se fundiam para produzir um trabalho original, que não era um movimento, mas que instaurava uma estética.

Em segundo lugar, pelo modo como foi produzido. A liberdade e espontaneidade que governaram a gravação talvez não tivessem sido possíveis em um esquema mais profissionalizado ou no contexto de funcionamento atual do sistema da indústria cultural, em geral, e do fonográfico, em particular. E, se acontecesse, certamente não teria alcançado o mesmo resultado. A gente fez esse disco com uma precariedade de meios, uma falta total de organização e foi provavelmente um dos discos mais influentes, mais bem-acabados, mais geniais da MBP [...]<sup>14</sup>, afirma Ronaldo Bastos lembrando que, apesar dessa improvisação, o que foi produzido pode ser caracterizado como altamente

profissional. Talvez essa precariedade tenha até favorecido a inventividade do trabalho. Em depoimento ao Museu Clube da Esquina, Ronaldo ainda lembra: O Nivaldo Duarte, que é esse cara que gravou o Clube da esquina, conta uma história maravilhosa. Ele disse que era assim: a gente chegava, aquele bando de cabeludo, sentava e ficava ensaiando – porque naquela época não tinha muito canal, não tinha esse negócio de 16 canais, então você tinha que gravar quase tudo ao mesmo tempo e depois somar os canais. E enquanto você tocava, o cara começava a entender o que é que ia acontecer e começava a microfonar. Os caras ficavam tocando horas – as gravadoras naquele tempo tinham estúdio. Aí o Nivaldo Duarte dizia: Bom, então tá. Agora tudo pronto, já microfonei, vamos gravar, e o pessoal dizia pra ele assim: Não, mas não é essa música que a gente vai gravar não; a gente estava aqui só compondo essa música. A gente vai gravar outra música – por essa história, dá pra ver o ambiente da gravação do Clube da esquina 15.

Em terceiro lugar, porque as músicas, tanto pela sonoridade que propunham quanto pela temática das letras, falavam direto a uma juventude que sonhava liberdade – para amar, fazer sexo e política, viajar, ampliar as portas da percepcão. Nesses desejos estão implicados alguns dos eventos mais polêmicos desde meados dos anos 1960: a descoberta da pílula, a divulgação das drogas como meio de acesso a novas experiências da percepção, a vigência da ditadura no Brasil e do totalitarismo em várias partes do mundo, regime que encontrou a resistência daqueles que sonhavam com a imaginação no poder e afirmavam a força do coletivo. Os temas e o próprio modo de produção se colocavam como terreno de expressão desses anseios e representaram importante canal de expressão para todos os que buscavam modos de vida alternativos ao ditado pela ordem vigente. A viagem e a utopia funcionavam como metáforas para o desejo de conhecer coisas e pessoas novas, de sonhar e expandir a sensibilidade e a consciência, de escapar - fosse de uma restrição política ou de uma dada condição existencial. E assim estava formada a tribo, à qual pertenciam todos aqueles que se reconhecessem nas metáforas.

Por fim, ao fazer uma fusão cultural que incluía manifestações culturais da América Latina, o disco afirmava nossa identidade com *nuestros hermanos* de história e destino, afirmação que reforçava o posicionamento político de resistência

Como bem resumiu Fábio Zanon no programa O violão em Minas Gerais: Toninho Horta, o Clube da esquina faz uma música reconhecivelmente brasileira, mas não é fundamentada nem no choro nem no samba. Usa instrumentos elétricos por influência do rock, mas não soa como rock. É forte em ritmos assimétricos, mas não é dançante. Sua harmonia é dissonante, mas não soa como Bossa Nova. Usa empréstimos modais, mas não é regionalista. Seus arranjos não são comentários à melodia, são ambientações experimentais, mas não soam vagos nem inacabados. Eu tenho um palpite: esta música foi batizada nas igrejas barrocas e tem a introspecção e a solenidade da música sacra mineira, mas os padrinhos foram os moçambiques e caiapós das minas africanas.<sup>16</sup>

Os shows de divulgação do disco aconteceram no Teatro Fonte da Saudade, no Rio de Janeiro. Não foi exatamente uma temporada de sucesso. Além da má localização do teatro, alguns desacertos entre a equipe de produção e os músicos abreviaram a temporada. Levaria algum tempo para que o *Clube da esquina* viesse a ocupar seu devido lugar na crítica especializada – parte dela demorou a reconhecer a grandeza do trabalho – e na história da MPB.

O álbum projetou vários dos músicos envolvidos. Apesar do estranhamento inicial da crítica, o *Clube da esquina* foi ganhando admiradores em todo o mundo. E decidiu destinos. A partir de então, alguns dos principais músicos que participaram do álbum continuaram colaborando nos trabalhos uns dos outros, mas cada um seguiria uma trajetória própria e desenvolveria uma obra pessoal.

Toninho Horta, que já vinha se firmando como importante instrumentista e acompanhava algumas das maiores estrelas da MPB desde antes mesmo da gravação do disco, iria se fortalecer ainda mais nesse cenário. E veria se abrir a oportunidade de conceber um trabalho solo e, depois, de desenvolver sua própria obra. Isso aconteceria mais plenamente a partir dos anos 1980. Mas, logo após o sucesso do trabalho coletivo, seria um dos quatro a participar da gravação de um disco que hoje se tornou raridade e peça cobiçada, uma lenda *cult*, e que ficou conhecido como o *disco dos quatro no banheiro*.

#### Saguin

Toninho Horta

Menina

Oh, rainha, saguin

Te vejo nos sonhos

Te sinto no ar

Menina

Oh, rainha, saguin

Te confesso

O meu coração

Já não sabe aonde ir

Se você o desvia da rota

Que eu tanto me embarco

Menina

Oh, rainha, saguin

Não me importa o tempo que faz

Uma lua se escondeu

Se você é o sol que me queima

Na veia do amor

## Quatro em um

Em 1973, um ano após o lançamento do Clube da esquina, Ronaldo Bastos sugeriu à Odeon/EMI lançar outros discos de membros do Clube. Seria um modo de aproveitar o embalo do sucesso do álbum duplo e dar visibilidade a nomes de quatro compositores: Toninho Horta, Beto Guedes, Novelli e Danilo Caymmi, que, embora não tivesse participado da gravação do álbum, era próximo dos mineiros. Mas a gravadora não estava disposta a investir recursos para a realização de quatro discos. A EMI não se comprometeu, disseram a gente pode fazer um disco com os quatro, não dá pra fazer um disco com cada um, não. Já estamos fazendo o duplo com o Milton e o Lô e a participação de vocês, então não dá um pra cada um.\* - conta Toninho. E assim nasceu o disco dos quatro, que oficialmente se chamou Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli e Toninho Horta. A contracapa traz uma foto dos quatro espremidos em um banheiro minúsculo, em volta de uma latrina. Foi uma sacada do Ronaldo e do Cafi. A gente se sentiu tão espremido na época, quase que rejeitados, que a gente bateu essa foto no banheiro. Tinha uma abertura por cima, o Cafi subiu e bateu uma foto pra mostrar como a gente se sentia na época.\* Toninho com pleta: Foi o primeiro disco de que eu participei como intérprete. É um disco que eu tive o prazer de fazer com três grandes amigos e talentosos músicos e que é muito procurado como referência, trouxe grande alegria pra mim.\*

O disco contou com a participação de Tenório Júnior, pianista extremamente talentoso, genial mesmo, que desapareceu na Argentina, logo no início do golpe militar naquele país, em marco de 1976. Tenório acompanhava Vinícius

e Toquinho em uma turnê que passava por Buenos Aires. Ele saiu tarde da noite do hotel para comprar cigarros. Caminhando na madrugada portenha, foi cercado por um grupo de policiais que provavelmente viram naquele sujeito alto, de óculos e barba, o protótipo do intelectual de esquerda. Foi o que bastou para o levarem preso. Nunca mais se teve notícias de Tenório. Quer dizer, elas chegaram muito tempo depois: ele tinha sido preso e torturado, inclusive com a conivência de autoridades brasileiras na Argentina. Quando ficou claro que ele era apenas um músico de passagem pela capital portenha, já tinha se tornado um arquivo que precisavam queimar. E foi o que aconteceu.

Fora de catálogo há anos, o *disco dos quatro* trouxe – entre outras canções de reconhecida grandeza, como "Ponta negra", "Meu canário vizinho azul", "Serra do Mar" – a primeira gravação de "Manoel, o audaz", na voz do próprio Toninho Horta. *Eu fiquei muito empolgado com o trabalho. Viajei pra Bahia, levei uns LPs pra divulgar e eu lembro que um jornalista local me deu uma página inteira falando do disco. Fui entrevistado no Hotel Colonial, que ficava numa ladeira na Barra, quase chegando em Campo Grande. Eu estava chegando da praia, de short, todo queimado, com essas pulseirinhas que eu usei a vida inteira e foi muito legal. Guardo com muito carinho essa matéria porque foi uma das primeiras falando de um trabalho meu.\** 

### Pé na estrada

Toninho continuou se apresentando como instrumentista, acompanhando outros intérpretes e compositores. O próprio Milton Nascimento contou com a participação do talento do amigo em alguns dos seus melhores momentos da década de 1970: o show *Milagre dos peixes* e a gravação dos discos *Minas* (1975) e *Geraes* (1976), entre outros.

Em 1973, Toninho acompanhou Gal Costa na turnê do disco *Índia*, referência importante na discografia da música nacional, lançado numa época em que a MPB produziu grandes clássicos. Foi numa festa em Três Pontas que Luiz Alves contou a Toninho que precisavam de um guitarrista na banda de Gal, que já reunia Robertinho Silva na bateria, Luiz Alves no baixo, Dominguinhos, que se chamava Neném do Acordeom na época, e Alberto das Neves na percussão. A direção era de Gilberto Gil. *Uma das coisas mais legais do show da Gal era a gente viajar no visual dela, só de tanguinha, corpo lindo que ela tinha naquela época\**, lembra Toninho, rindo...

Dessa temporada guarda duas lembranças engraçadas, ambas envolvendo uma relação muito particular com carros. A primeira tem como protagonista um fuscão comprado de Robertinho Silva. Ele queria ir pra Califórnia com o Luiz Alves e me vendeu um fuscão vermelho, dois carburadores. Eu saí numa viagem pra Itaperuna, já tocando com a Gal, com Robertinho Silva e Luizão, eu dirigindo. O Luiz até hoje conta: Toninho, você é muito doido, a primeira vez que você pegou o fuscão do Robertinho e tava lá, 80 quilômetros por hora, reduza a velocidade, 60 quilômetros por hora, atenção, curva perigosa, 40 quilômetros, cuidado!! PUM!, deu aquela batida num barranco!.\*

Não satisfeito em acometer seu próprio carro, foi comprometer também o fusquinha de Gal Costa. Aconteceu no Maranhão, aonde tinham ido tocar. A Gal tinha um fusquinha, não sei se era dela ou alugado, eu entrei com o carro na praia e falei: Olha que praia linda, retinha!, eu nunca tinha visto praia tão reta. Fiquei ali, um garotão com um fusquinha claro. A maré foi subindo e eu não fui vendo, não! Aí o pessoal deu o alarme — olha, gente, a água tá levando o carro! —, porque tem uma hora que a maré sobe demais, em meia hora a maré sobe não sei quantos metros. Deu tempo de chegarem uns oito pescadores, uns caras fortes pra caramba, entraram lá na água,

Na Praça Carlos Gomes, em Vitória, Espírito Santo





Com Gal Costa, parceria de muitos projetos







puxaram o carro e a gente conseguiu sair empurrando o fusca. Entrou água no cano de descarga, prejudicou o carburador, o carro não pegou e ficou um tempo na oficina. Paguei a maior grana, acho que todo o cachê que eu ganhei com a Gal foi pra pagar isso e comprar uma máquina fotográfica. Eu sempre gostei de fotografia. Tenho registro de todas essas viagens, os lugares, as pessoas. Fotografia é meu hobby predileto.\*

Foi acompanhando Gal Costa que fez sua primeira incursão internacional: ela iria representar o Brasil no MIDEM (Marché International du Disque et de l'Édition Musicale), a maior feira da indústria musical mundial, que acontece anualmente em Cannes, na França. Com Gal Costa seguiu o mesmo grupo da turnê do show *Índia*, com exceção de Alberto, substituído na percussão por Chico Batera. D. Geralda, mãe de Toninho, ainda se lembra: *Eu fui ao aeroporto e a Gal falou:* Dona Geralda, a senhora está com muito medo do seu filho viajar comigo? *Aí eu falei:* Não, ele está em boas mãos, ele vai fazer o que ele gosta, eu estou feliz, Vou ficar saudosa, mas eu estou feliz porque ele vai principalmente com você. 17

Nessa viagem pude dirigir naquelas estradas da Côte d'Azur, cheias de curvas, sem nenhum buraco e bem sinalizadas. Saímos de Nice e fomos até Mônaco, eu pilotando, Dominguinhos, Luiz e Robertinho no carro. Foi uma viagem divertida, tenho saudade.\* Dessa vez, sem encrencas automotivas!

## Milagre dos peixes e outros sons

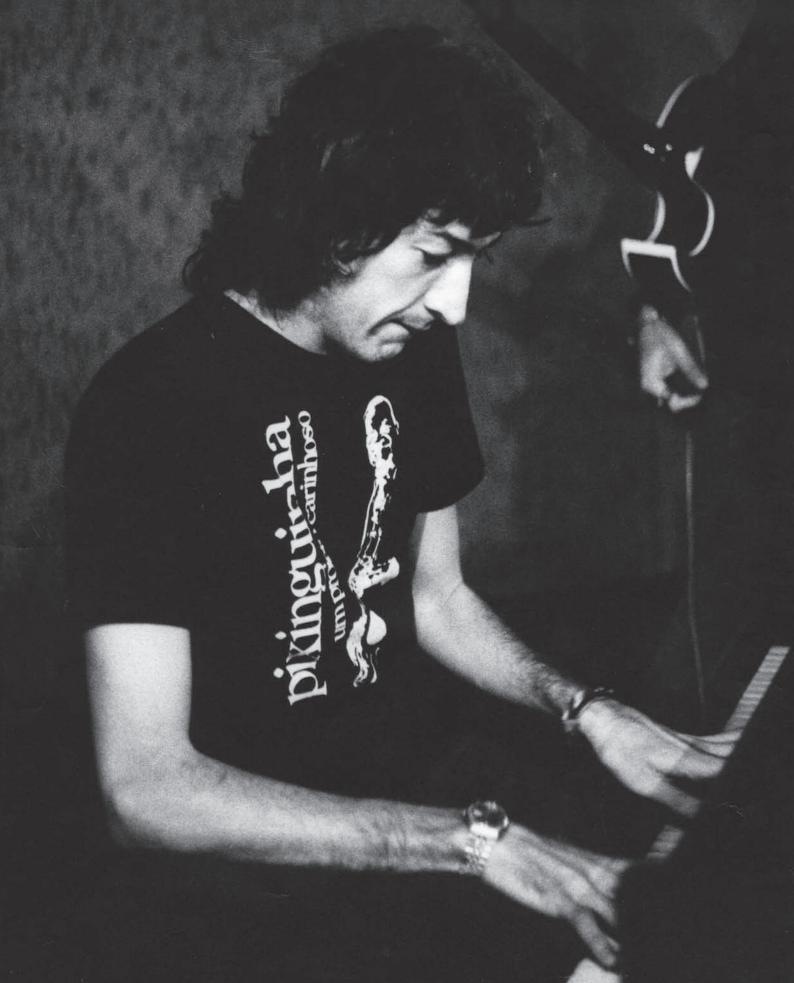
Milagre dos peixes é o nome de um disco de Milton Nascimento lançado em 1973. Trata-se de um trabalho quase todo instrumental porque a censura havia vetado praticamente todas as letras das canções que fazem parte do disco. Mas Milagre dos peixes é também o nome do show que emocionou a plateia no Teatro Municipal de São Paulo nos dias 7 e 8 de maio de 1974, e no Teatro João Caetano, no Rio, e que deu origem a outro disco, o Milagre dos peixes ao vivo. Milton queria gravar com uma orquestra, mas música popular não era bem-vista por quem se dedicava ao repertório clássico. Foi Paulo Moura quem convenceu a Orquestra de São Paulo a juntar-se ao Som Imaginário e tocar as canções do show de Milton. Essa união produziu um dos momentos mais emocionantes da MPB. No domingo seguinte, o show lotou também o anfiteatro da FAU-USP. Os estudantes ali reunidos, ao cantarem com Milton canções como "Cais", "Nada será como antes", "Clube da esquina", "San Vicente", entre tantas outras, entoavam também um hino à liberdade e declaravam seu sonho pela transformação do País.

Toninho Horta acompanhou Milton nesse show, como integrante do Som Imaginário, e em vários outros momentos entre 1974 e 1978. A opção de acompanhar seu parceiro e amigo criou inclusive uma situação delicada com Elis Regina. Toninho morava na Rua Capitão César de Andrade, no Leblon, e certo dia Elis ligou. A Elis Regina me ligou e falou: Tô indo aí falar com você. Ela foi na minha casa com o César [Camargo Mariano] me convidar pra tocar com ela. Eu falei que ia ficar com o Milton, eu me sentia mais em casa, ia ter uma temporada de disco ao vivo – que foi o Milagre dos peixes. Mas ela não ficou nada satisfeita. Aí ela chamou no meu lugar o Hélio Delmiro que, junto com Paulo Braga, Luizão Maia e o César, formaram um quarteto. Depois que se apresentou com o Tom Jobim, no histórico show Elis & Tom, esse novo grupo da Elis ficou famoso.\*

Márcio Borges e Sérvulo Siqueira registraram os sons e as imagens daquele show histórico, o *Milagre dos peixes*, de 1974. Uma cópia do trabalho foi apresentada no Centro George Pompidou, em Paris, depois em Cuba e em universidades americanas, além de ter sido exibida diversas vezes no Brasil. A versão final do filme foi concluída em 2000.

Toninho e o parceiro e amigo Milton Nascimento durante apresentação no Théâtre de La Ville, Paris, em 1980





Além dos shows em São Paulo e no Rio, Toninho também participou da gravação de Minas e Geraes, discos de Milton Nascimento lançados em 1975 e 1976, respectivamente. No disco Minas Milton gravou "Beijo partido", clássica composição de Toninho Horta e grande sucesso também na voz de Nana Caymmi. A música conquistou amplo público e fez parte da trilha sonora da primeira versão de Pecado capital, novela exibida pela Rede Globo entre novembro de 1975 e junho de 1976. A música foi feita em 1973, quando Toninho tocava em turnê com Gal Costa. Fala de uma desilusão amorosa que ele de fato viveu. Num show de Gal, em Belo Horizonte, reencontrou uma antiga namorada, amor de adolescência por quem ainda era apaixonado. Saíram depois para um barzinho, mas nada aconteceu. Toninho lembra que viajou para o Rio com Lúcio Tadeu, seu primo, e chorou a viagem inteira, inconsolável. No apartamento onde morava no Leblon já tinha um piano. Fui pro piano e desabafei, fiz a letra em 30, 40 minutos. \*Toninho chegou a oferecer a música para Gal gravar, mas na época ela não se interessou. Depois que o Milton gravou ela se arrependeu. Me disse: Ainda vou gravar o "Beijo partido".\*

Em 1975 Toninho Horta também cumpriu longo périplo com o Som Imaginário, que ganhou na ocasião formação mais *pop* e fez vários shows pelo Brasil. *Shows maravilhosos*, lembra ele. Ainda participou de vários outros discos no estúdio da EMI em que, além de Milton, acompanhou Taiguara, Nana Caymmi, Gal Costa, entre outros.

Em 1976 veio a primeira oportunidade de ir aos Estados Unidos. Flora Purim conhecia já seu trabalho e o chamou para gravar, com ela e Airto Moreira, dois discos diferentes, ambos em Los Angeles.

Milton estava indo para lá na mesma época, para gravar mais um disco para a A&M Records, o LP *Milton*, no estúdio Shangri-la, que era da banda que acompanhava Bob Dylan. Toninho lembra: *Um pagou a passagem, outro pagou o cachê e eu fui. Eu me lembro que na época eu ganhei US\$ 5 mil, recebi até antes das gravações começarem. No mesmo dia em que eu peguei o dinheiro, fui ao Guitar Center junto com os outros músicos que acompanhavam o* 

Toninho nos teclados em apresentação durante o Projeto Pixinguinha

Milton – o Novelli, Robertinho [Silva] e Ronaldo [Bastos], que foi como produtor. Comprei duas guitarras lá. A Birdland, que foi uma sugestão do Beto Guedes, uma guitarra que o Wes Montgomery, o meu maior ídolo, tocava. Mas também o pessoal da área do rock, o Eric Clapton, tinha uma foto dele tocando uma Birdland, tinha um som muito bonito. Essa guitarra eu tenho até hoje. E comprei uma preta, Gibson, modelo 335, que depois vendi para o Lô. Ele usou durante muito tempo em shows e concertos essa guitarra que foi minha. Eu tinha de fazer um livro sobre a história das minhas guitarras, tem muita história pra contar só sobre elas!.\*

Nos dois anos seguintes, Toninho Horta ganharia importante reconhecimento internacional. Em 1977, a revista londrina *Melody Maker* o elegeu o 5º melhor guitarrista do mundo, e, em 1988, o 7º melhor na categoria de *jazz*, consagrando-o como um dos mais admirados músicos dos últimos tempos. No Brasil, em 1973, ele já tinha sido considerado o melhor guitarrista do País pela revista *Playboy*. Mais recentemente, em 1998, a edição brasileira da revista *Guitar Player* o elegeu como o terceiro melhor guitarrista do Brasil. E, em 2005, foi incluído na antologia *Progressions – 100 Years of Jazz*, elaborada pela Sony/BMG, como um dos 74 guitarristas mais influentes do mundo do *jazz* e do *blues* no século 20.

Naquela temporada em Los Angeles, além do contato com alguns dos melhores músicos norte-americanos, como Herbie Hancock e Wayne Shorter, Toninho viu surgir uma grande oportunidade: a de investir em um disco solo. Ela chegou com a ajuda do amigo Milton Nascimento – que cedeu os últimos dias da temporada no estúdio Shangri-la e alguns *tapes* 546 Ampex – e acabou se concretizando numa obra antológica, uma das mais aplaudidas de Toninho Horta: o álbum *Terra dos pássaros*, lançado depois de quatro anos de trabalho.

#### Beijo partido

Toninho Horta

Sabe, eu não faço fé nessa minha loucura

E digo

Eu não gosto de quem me arruína em pedaços

E Deus é quem sabe de ti

E eu não mereço um beijo partido

Hoje não passa de um dia perdido no tempo

E fico longe de tudo o que sei

Não se fala mais nisso, eu sei

Eu serei pra você o que não me importa saber

Hoje não passa de um vaso quebrado no peito

E grito

Olha o beijo partido

Onde estará a rainha

Que a lucidez escondeu, escondeu ...



### Um sonho maluco que se foi inventando

O nome do primeiro trabalho solo de Toninho Horta, Terra dos pássaros, faz alusão à guitarra Birdland que havia comprado. Desde 1973 eu pensava em um disco solo, só meu, mas não havia tido oportunidade até então. Eu continuava a fazer música com Ronaldo, Márcio, com Fernando.\* Em 1976, Bituca terminou as gravações do disco Milton antes do prazo. Estavam no estúdio Shangri-la. A gente ficava numa casa onde tinha o estúdio, a 200 metros da praia, em Malibu. \* Milton, então, liberou para Toninho aquilo que já estava pago, mas que ele não ja mais usar: fitas, técnico, estúdio. Aí fizemos as bases do Terra dos pássaros, que virou uma epopeia de três anos e meio. \* Até sair, em 1980, as faixas do repertório permaneceram as mesmas selecionadas em 1976. Ronaldo Bastos, parceiro importante de Toninho neste trabalho, ajudou a escolher as músicas – as instrumentais e as com letra – e produziu junto o trabalho. Os músicos que tocaram com o Milton na época - Airto Moreira, Raul de Souza, Novelli, Robertinho Silva, Hugo Fattoruso, Laudir de Oliveira (que depois de sair do Som Imaginário foi para os EUA tocar na famosa banda Chicago) – foram incorporados às gravações do disco. Sobre a oportunidade de tocar com nomes da importância de Herbie Hancock e Wayne Shorter, Toninho conta: Foi legal porque deu pra desmistificar aquela coisa da música americana. Eles, da mesma forma [que nós pela música deles], eram apaixonados pela música do Brasil e gostaram de tocar com a gente. Comecei a conhecer alguns grupos americanos, Earth, Wind & Fire, Starship Orchestra, Norman Connors, que pouco tempo depois vieram a gravar músicas minhas.\*

Depois de Malibu, Toninho foi gravar com Airto Moreira e Flora Purim no estúdio da Paramount, o mesmo usado por Frank Zappa. Fez então um acordo para Airto participar de seu disco *Terra dos pássaros*, na bateria. A gravação ainda ocuparia vários estúdios: o Village Recorder, em Los Angeles; o Vice-Versa, em São Paulo; o Transamérica, no Rio de Janeiro.

Toninho sonhava em gravar um disco com orquestra. Mas eu não tinha dinheiro. Então, na Califórnia, a gente gravou com uma orquestra fantasma, que virou o nome do meu grupo. Eu fazia pedal de wa ou de volume na guitarra pra parecer violino, Hugo Fattoruso botava minimoog pra parecer trompa, e por aí vai.\*

Toninho, Miúcha e Jane Duboc em viagem pelo Projeto Pixinguinha O trabalho enfrentou ainda o capítulo do transporte das fitas. Elas eram muito grandes. Foi Oscar Castro Neves quem trouxe o tesouro de navio.

Durante três anos Toninho procurou várias gravadoras no Brasil para finalizar o trabalho – cuidar da masterização, prensar, fazer a capa e distribuir –, mas elas achavam que o disco não ia vender, que era muito artístico, não interessava. Eu fiquei muito decepcionado. Então resolvi fazer independente.\*

Muitos atribuem a Antônio Adolfo a produção do primeiro disco independente no Brasil: o *Feito em casa*, de 1975. Mas, como lembra Toninho, foi Pacífico Mascarenhas quem primeiro fez, de fato, uma produção independente, em 1958. Gravado no Rio junto com os músicos Paulo Modesto e Gilberto Santana, chamava-se *Um passeio musical* e saiu pela Cia. Brasileira de Disco, hoje Universal. *Eu fui o sexto ou sétimo [a lançar] disco independente. Eu fiz show, gravação para [conseguir recursos e ] colocar no disco. Eu tinha uma Brasília velha, na época, que tinha o nome de Macabéa. Às vezes eu não tinha dinheiro pra estacionar meu carro no Rio de Janeiro.\** 

Um dia, morando no Edifício Apolo, em Botafogo, sua irmã Gilda Horta chegou escondendo as mãos atrás do corpo e disse: Eu já tenho um jeito de terminar o seu disco. Veio um cheque pra você dos Estados Unidos. O Earth, Wind & Fire tinha gravado uma adaptação de "Beijo partido". Gravaram "Ponta de areia", do Milton, e "Beijo partido", uma de cada lado do disco, mas com o mesmo título, "Brazilian rhyme – Interlúdio I e Interlúdio II", talvez pra pagar direitos por uma música só. Isso me deu na época US\$ 18 mil, dava pra comprar lá em Belo Horizonte um apartamento legal, de dois quartos.\* Mas Toninho investiu tudo no disco que tinha por terminar.

Com esse aporte de recurso, a orquestra, que era fantasma, virou real. Desde pequeno eu adorava orquestra, chorava quando ouvia no rádio. Pude então fazer uns arranjos. Toninho já tinha experiência na função. Havia feito arranjos para o disco de Beto Guedes, "Sol de primavera" (1973), o "Clube da esquina 2" (1978) e para o disco Via Láctea (1979), de Lô Borges. Fiz o arranjo de "Céu de Brasília", escrevi os arranjos todos do meu disco e fui reger. Mesmo tendo estudado pouca teoria. Eu sempre fui muito preguiçoso pra ir na escola. Eu estudei um pouco de teoria com 17 anos, depois tive uma professora japonesa de teoria e solfejo, aulas particulares.\*

Algum tempo depois recebeu um segundo cheque, este de US\$ 5 mil, ainda da gravação de "Beijo partido" pelo grupo Earth, Wind & Fire. Investiu tudo na masterização do disco. Voltei pra Califórnia para masterizar com um cara que era o mais conhecido do mundo, John Golden. Naquela época a masterização se chamava corte. E era no vinil. Desde essa época eu já tinha a preocupação com sonoridade e técnica. Minha irmã Gilda sempre me abria o olho pra isso, qualidade!\*

O lançamento ao mercado foi fruto de uma parceria – a primeira nesse formato, segundo Toninho – entre uma produção independente e uma gravadora grande, a EMI. A música "Beijo partido" já tinha feito muito sucesso e a EMI/Odeon, no embalo dessa onda, fez um convite para Toninho gravar um disco. Ele aceitou, mas condicionou a gravação ao lançamento do *Terra dos pássaros*, que finalmente estava pronto. Fizeram, ele e Ronaldo Bastos, um contrato de licença por dois anos e o disco seria então lançado no final do ano. Antes, porém, de estourar o champanhe da vitória, uma chuva torrencial inundou a fábrica de discos da EMI em São Bernardo do Campo. Os discos ficaram ali, boiando naquelas águas de um anticlímax de verão, e o lançamento teve de ser postergado. O disco saiu em meados de 1980, meses antes do segundo disco solo, intitulado *Toninho Horta*, que tem na capa uma fotografia de Toninho mandando um beijo para a câmara, tirada no sítio da família de Ronaldo Bastos em Friburgo, estado do Rio.

Terra dos pássaros é considerado uma obra-prima, reverenciado no mundo todo, inclusive por músicos de peso no cenário internacional. Nesse disco estão os primeiros registros de clássicos do músico mineiro. "Céu de Brasília", "Diana", "Beijo partido", pra citar as mais conhecidas. Há quem diga que "Céu de Brasília" está para Toninho Horta assim como Ulisses está para James Joyce, tal a complexidade e beleza harmônica da composição. A letra, Toninho encomendou a Fernando Brant dizendo que tinha de se chamar "Céu de Brasília". Acontece que Fernando nunca tinha ido a Brasília, e teve então de fazer a letra com base na descrição que o próprio Toninho fez a ele da paisagem que queria ver representada na canção. O registro de "Diana" ainda traz um pouco da brisa da praia de Malibu na voz quase distraída de Toninho. Ele escreve no encarte do disco: A voz em "Diana" era pra servir só de guia

#### Céu de Brasília

Toninho Horta e Fernando Brant

A cidade acalmou logo depois das dez

Nas janelas a fria luz da televisão divertindo as famílias

Saio pela noite andando nas ruas

Lá vou eu pelo ar, asas de avião

Me esquecendo da solidão da cidade grande

Do mundo dos homens

Num vôo maluco

Que eu vou inventando

E vôo até ver nascer

O mato, o sol da manhã, as folhas, os rios, o azul

Beleza bonita de ver

Nada existe como o azul sem manchas

Do céu do Planalto Central

E o horizonte imenso aberto sugerindo mil direções

E eu nem quero saber se foi bebedeira louca ou lucidez

Pausa no ensaio na concha acústica da UERJ



e ficou definitiva com o passar do tempo. Não havia razão para tentar cantar outra vez, anos depois, mesmo que viesse a melhorar a qualidade técnica, a dicção e o volume de som. Toda a emoção do início do disco, o Bituca dando as fitas pra gente, a porta sempre aberta, o mar através dos janelões do estúdio, cachorros entrando e saindo, todo esse clima estava na voz de "Diana". 18

O segundo disco que saiu pela EMI, *Toninho Horta*, tem, segundo o próprio, uma unidade muito grande com *Terra dos pássaros*. *São discos bem parecidos, com orquestrações, incluí todas as músicas que eu estava compondo nos últimos dez anos.* \* Esse segundo disco registra algumas das maravilhas que as cordas de uma guitarra podem produzir. "Manoel, o audaz", cantada por Lô Borges e pelo próprio Toninho, ganhou solo irretocável de Pat Metheny, um virtuose do mundo do *jazz*, que estava de passagem pelo Rio tocando no *Monterey Rio Jazz Festival*.

Depois de finalmente lançado, *Terra dos pássaros* não recebeu da gravadora toda a divulgação que merecia. Toninho estava já finalizando o outro disco contratado pela EMI, que demorava mais para ser concluído do que os empresários pretendiam. Ritmo de mineiro, segundo Toninho. Ele então pediu a Ronaldo Bastos, que atuava como produtor do trabalho: *Vai lá falar com os caras, eu preciso de mais uma tumbadora, um vocal e* não sei quê. *Eles têm que liberar isso, senão eu também não acabo o meu disco, não!\** 

Eles liberaram – e o disco foi lançado em dezembro daquele ano. Mas no dia 8 do mesmo mês, Toninho recebeu uma carta da gravadora. Eu não entendi o teor da carta, eu era muito inocente com essa coisa de contrato. Eu não entendi que eles estavam me dispensando nesse disco. \* A gravadora começou a regular material de propaganda, a se esquivar diante das demandas do músico que queria ver seu trabalho divulgado. Foi Ronaldo quem desconfiou, pediu para ler a carta que Toninho tinha recebido e se deu conta do distrato. Eles [os executivos da gravadora] ficaram chateados, liberaram o que eu pedi, mas depois me dispensaram. \*

Por causa do funcionamento da indústria fonográfica, nem sempre favorável à qualidade musical, Toninho Horta, desde então, assumiu ser independente, ter um trabalho alternativo. Essa liberdade musical que a gente quer ter, de criação e tudo, não dá pra esse mercado aqui. Nos Estados Unidos tinha um público pra jazz, a música livre, o free jazz, o cool jazz. Aqui não, tinha de ser uma música mais careta e eu não gostava disso.\*

No palco, concentração



## O encontro com Pat Metheny



Papo longo com o amigo Pat Metheny na casa de David Hudjes, produtor de "Diamond land

Pat Metheny e Toninho se encontram no Rio, em 1980, no estúdio da EMI gravando "Manuel, o audaz":

<sup>&</sup>quot;Parecia que a gente se conhecia há uns 20 anos".

Pat Metheny é considerado uma lenda viva do jazz. Toninho Horta o conheceu em 1980, no Brasil. Foi apresentado a ele por Célia Vaz, violonista que havia estudado na Berklee College of Music, em Boston, considerada a maior formadora de jazzistas e performers do mundo. Pat foi professor dela e estava, naquele ano, no Monterey Rio Jazz Festival, que acontecia no Rio de Janeiro. Pat já conhecia a música brasileira de Astrud e João Gilberto, de Tom Jobim. Já tinha ouvido também o som do Clube da esquina e se apaixonou pela música dos mineiros. Toninho supõe que o disco tenha chegado até o jazzman americano pouco tempo depois de lançado. Célia Vaz encontrou Toninho e disse que Pat Matheny queria conhecê-lo. No ano anterior eu tinha comprado um disco dele de capa branca e ouvi demais. O cara era de uma virtuosidade, uma perfeição no toque da guitarra, nos solos e improvisos! Eu queria tocar perfeito igual a ele. Mas eu nunca estudei pra isso. Na verdade eu nunca quis ser um virtuose, sempre pensei mais na concepção da música, nas cores do som. O Pat foi sempre um fissurado em tocar, estudar, obsessivo mesmo. Ele faz três, quatro, cinco shows na semana, e ainda toca a tarde inteira antes dos shows. \* O disco que Toninho ouvira no ano anterior se chamava Pat Metheny group, gravado em 1978 pela ECM, e tinha entre os integrantes músicos como Mark Egan, baixista, e Danny Gottlieb, baterista, ambos lendas com quem Toninho sequer sonhava gravar. Mas o sonho mais tarde se realizou: Egan e Gottlieb acabaram participando de *Moonstone* (1989) e Foot on the road (1994), discos do fã mineiro.

Pat e Toninho se encontraram na casa de Célia Vaz. Parecia que a gente se conhecia há uns 20 anos, começamos a tocar juntos e logo ele falou: Quero gravar um disco com você. Eu, você, Charlie Haden no baixo, Naná Vasconcelos na percussão, Herbie Hancock no piano e Jack De Johnette na bateria. Tô esperando até hoje (ha...ha!), nunca aconteceu esse projeto. Mas ficamos amigos. Acho que os músicos têm vontade de gravar com outros que admiram, mas quando entram os managers e os agentes no percurso as coisas se dificultam.\*

Sem uma agenda tão congestionada naquela época, Toninho gostava de cozinhar, tinha aprendido com o irmão Paulo a fazer uns pratos. Destemido, convidou Pat à sua casa e fez um peixe assado acompanhado de macarrão com brócolis. Enquanto cozinhava, Pat ficou no seu quarto ouvindo seguidamente Terra dos pássaros. Três vezes, de cabo a rabo. Ele ficou impressionado demais com a quantidade de sonoridades, de timbres. Os discos do Pat, até então, tinham uma concepção mais de jazz, muito bem tocados, mas eram





discos de formação pequena – um trio, um quarteto. Logo depois disso ele lançou um disco chamado First circle. Foi aí que a gente viu a grande influência da música brasileira, do Uakti, Flávio Venturini, Lô Borges, Milton, Nivaldo Ornelas e da minha música também.\* Ah! Pat adorou o peixe com macarrão!

Muitos identificam uma grande semelhança no modo de tocar dos dois músicos. Frequentemente perguntam quem influenciou quem. É verdade que ambos ouviam não só os mesmos artistas – Keith Jarett, Miles Davis, Bill Evans, Wes Montgomery, orquestras –, mas os mesmos discos desses artistas. Quando estava no meu quarto ouvindo pela terceira vez o Terra dos pássaros, Pat falou: Poxa, Toninho, os discos que você ouve aqui são os mesmos que eu ouço!\* Ambos, portanto, têm os mesmos ídolos, as mesmas referências, gostos muito semelhantes. Mas, de tanto ouvir a pergunta, hoje Toninho coloca ressalva: Olha, eu não sei, não, quem influenciou quem... mas que eu nasci primeiro, eu nasci! Eu cheguei primeiro, ha... ha... ha!\*

Não são poucos os produtores do Japão, da Europa, dos Estados Unidos que sonham em colocar os dois em um palco para tocarem juntos. Eu sempre falo: é só me ligar, o Pat é que tem um esquema de produção mais complicado.\*

Do Monterey Rio Jazz Festival, que aconteceu no Rio em 1980, também participou Stanley Clarke, entre outras estrelas internacionais. Ele e Pat foram a Minas e quiseram conhecer o famoso clube em Santa Tereza, bairro boêmio e cultural de Belo Horizonte, e ficaram muito espantados ao saberem que aquela era uma esquina como qualquer outra no mundo, e não um clube com sede física. Compraram 40 LPs de música brasileira que levaram embora junto com uma foto daguela que era mais esquina do que clube.

Entre 1982 e 1983, Toninho estava nos Estados Unidos e Pat o chamou para tocar no casamento de Gail Youngs com Robert Duvall – ambos atores americanos, ele de filmes como *O poderoso chefão, Apocalypse now, Um dia de fúria*, entre muitos outros. Pat namorava a irmã de Gail. Ele e Toninho emocionaram os noivos no almoço de recepção em Squirrel Island, no estado do Maine, num dia de frio siberiano. Os recém-casados choraram ao ouvir, a menos de 2 metros de distância, Toninho e Pat tocando *Pedra da lua*, canção gravada em *Terra dos pássaros* e em *Moonstone*, de 1989, nesse

Toninho e Pat na lancha, indo para Squile Island, Maine, tocar no casamento de Robert Duvall



último repetindo a dupla de sucesso do casamento de Duvall. Toninho ganhou US\$ 250. E se diverte sempre que se lembra da história.

Sobre Toninho, Pat escreveu: Os músicos de todos os lugares adoram as canções de Toninho Horta. Toninho tem se mostrado um dos compositores brasileiros mais sofisticados, harmonicamente, e mais criteriosos, melodicamente, dos últimos tempos. De forma única, ele escreve progressões de acordes que desafiam a gravidade, movendo-se para cima quando você pensa que vão descer. Suas melodias ficam em sua cabeça durante dias: você tem certeza de que já ouviu aquilo antes, mas elas são totalmente novas. E, como arranjador, ele é um mestre. [...] Como instrumentista, ele é um dos melhores do mundo no violão. Ele toca linhas melódicas tão fantásticas, com um tempo tão extraordinário... (Eu costumo descrevê-lo para outros músicos como o Herbie Hancock dos violonistas da Bossa Nova) [...] Em poucas palavras, Toninho Horta é um músico incrível, aquele raro guitarrista que compreende a harmonia em seus caminhos mais profundos e – acima de tudo – uma das pessoas mais agradáveis e gentis que eu já tive a sorte de conhecer [...]. 19

#### A verdade de cada um

Em 1982, o carioca Sérgio Mendes, músico e compositor da Bossa Nova, fazia sucesso nos Estados Unidos, para onde tinha se mudado em 1964. Apresentava-se com seu próprio grupo Brasil 82 e procurava levar músicos brasileiros como forma de prestigiar e divulgar os talentos nacionais. Naquele ano chamou Toninho Horta. Queria gravar com ele, incluiria uma música do músico mineiro, Yarabela, no disco que iam gravar. Toninho não se identificou com a maneira de conceber o trabalho. Achou que havia ali concessões demais ao mercado, que o disco se pretendia comercial além da conta, na sua opinião. Parecia que eu estava transgredindo uma coisa. O Sérgio queria que eu fizesse uma música mais comercial, como faziam Michael Jackson e Lionel Richie\*. Caso ignorasse os sinais de sua sensibilidade, estaria transgredindo sua própria verdade como músico e compositor, a fidelidade à arte na qual sempre acreditou. Em outras palavras, não se reconhecia naquela proposta, e, por essa razão, sentia que perderia um pouco de sua própria identidade caso a aceitasse. Além disso, havia a questão dos direitos de publicação, que Sérgio Mendes entendia ter o direito de deter como contrapartida da divulgação que fazia dos músicos num mercado de grande visibilidade como o americano. Toninho se via, assim, num ambiente em que a música era mais business que arte, e resolveu que não faria o trabalho. E Sérgio não gravou sua música. Chorei muito na época por não ter dado certo a parceria, por Sérgio não ter entendido minha proposta musical naquele momento. Hoje eu e Sérgio somos grandes amigos, a gente se emociona tocando juntos, ele gravou, no seu disco Encanto [de 2007], uma música minha, "Manhã carioca", junto com a bateria da Mangueira, fiz o arranjo de algumas músicas no disco dele.\*

As gravações com Airto Moreira e Flora Purim também colocaram para Toninho questões semelhantes e exibiram um pouco do funcionamento do mercado. Airto e Flora são meus ídolos, fiz muitos shows com ela. A Flora gravou várias músicas minhas, inclusive "Beijo partido". Em 1976, Flora gravou três composições de Toninho e pediu os direitos de publicação das músicas. Eu falei que ia editar com a editora do Milton, na minha cidade, minha terra, era mais perto pra mim, mais fácil. As músicas acabaram não saindo no disco. Hoje, Airto, Flora e Sérgio são amigos queridos como sempre foram. Fiz recentemente várias gravações e turnês com eles, temos uma sólida amizade e admiração mútuas. Isso muito me dignifica e enriquece a minha alma.\*



Toninho e o amigo e parceiro Wagner Tiso nos Estados Unidos páginas seguintes – Toninho na guitarra, Naná Vasconcelos na percussão Raul de Souza no trombone, Sérgio Brandão no baixo, Edson Machado na bateria, todos no Sob's, clube novaiorquino de jazz

Essas experiências amadureceram o profissional mineiro, levaram-no a demarcar fronteiras. Ao dizer não àquilo com que não se identificava, estava também dizendo sim às rotas pelas quais lhe interessava trafegar. Depois da experiência com Sérgio Mendes, saiu de Los Angeles – mas, antes de voltar ao Brasil, foi se encontrar com Pat Metheny.

O jazzista americano se apresentava no Greek Theatre, em Los Angeles, e convidou Toninho a esperar o final da temporada, que seria dali a duas semanas em Bear Mountain, perto de Woodstock, e ir passar três dias com ele na casa da mãe, não longe dali. Toninho foi então para Nova York, onde tinha estado apenas uma vez, em 1979, e assistido a shows de jazz no Blue Note, no Bottom Line. Chegando em Bear Mountain, encontrou o amigo tocando na frente de seu quiosque, entre árvores. Pat nem parou de tocar e disse: Hello, Toninho!, todo satisfeito, mas debulhando o braço da guitarra, ensaiando para o show de logo mais com sua banda. Entraram no quiosque e Toninho se lembra: Vi umas trezentas palhetas azuis espalhadas em cima da cama e, no guarda-roupa, umas quinze camisetas azuis listradas, muito parecidas com uma que eu usava nos anos 1970. Depois desse show em Bear Mountain, ele pegou o jeep e subimos a montanha de Woodstock indo para a casa da mãe dele. \* No caminho, depois de pararem para comer num Jack in the Box, Toninho achou que o momento era propício para falar de sua vontade de estudar na Berklee. Pat teria respondido: Não vai, não, faz o que você está fazendo que está muito bom. Lá você teria de ir como professor. \* Pensei: será que ele está com medo de concorrência? ha... ha... ha! Mas somos muito amigos, nos cruzamos em turnês pelo mundo e nos falamos sempre.\*

Apesar da vontade de estudar formalmente música, foram poucas as tentativas nesse sentido. A primeira foi aos 17 anos, com o professor José Maria, músico excepcional, que ensinava clássico e dava aulas numa cadeira de rodas. Depois de pouco tempo de aula o professor desistiu: Não dou conta de dar aula pra você, não, você já toca de um jeito que vai demorar tanto tempo pra conseguir que sua mão chegue no lugar que é melhor você seguir como está.\* Eu comecei a tocar como o Chiquito, em vez de fazer o lá menor com quatro dedos, eu fazia com dois e aí sobrava um dedo pra cá outro pra lá pra eu mexer, as inversões minhas começaram a ter elasticidade. Usava corda solta





também, que era um jeito de abrir mais o acorde e conseguir um som de piano – meu sonho sempre foi ser pianista, mas só consegui comprar um com 24 anos. Tive também alguns meses de aula com meu primo Halle Flamarion, um dos meus ídolos, e com o professor Evandro, no Rio de Janeiro. Então eu praticamente não estudei, toco pelo dom de Deus. É claro que a vida inteira batalhei, ouvi muito, deixei de almoçar, deixei de dormir pra tocar violão. De certa maneira eu estava estudando, praticando, mas não tinha paciência pra um estudo assim, mais formal. Músicos altamente técnicos, criativos no mundo inteiro como Joe Pass, Mike Stern, Stanley Jordan (que vai muito me ver em Belo Horizonte), todos dizem que são fãs meus. No som que eu faço vai toda a minha vivência, minha pessoa, mas acho que é assim com todo mundo. \* George Benson, que teve Toninho como guitarrista, violonista e coprodutor de duas faixas do disco Songs and stories, de 2009, distingue o som que o mineiro produz do apresentado pelos melhores guitarristas do mundo, descrevendo-o como quente e cheio.

Apesar do conselho de Pat, que também lhe dizia para não estudar, ele insistiria e faria mais uma investida: a Julliard School.



Fazer arranjos e reger orquestras: uma paixão. Aqui Toninho rege quarteto de cordas no estúdio Sonoviso, no Rio de Janeiro, em 1980

### Uma estadia americana

A Julliard School é uma renomada escola de música clássica, que forma anualmente *performers* e maestros, localizada em Nova York. Por ela passaram nomes como Itzhak Perlman (israelense, considerado o maior violinista do século 20), Renée Fleming (famosa soprano americana), Ray Conniff (americano, marcou um estilo que frequentou alguns dos melhores bailes dos anos 1950), Nina Simone (pianista, cantora e compositora, grande nome do *jazz* americano), Yo-Yo Ma (francês de origem chinesa, naturalizado norteamericano, um dos maiores violoncelistas da história da música) e o trompetista Winton Marsalis.

Contrariando o que sua própria história lhe sugeria, Toninho decidiu fazer um curso de extensão na Julliard, como é popularmente conhecida a escola. Ficaria seis meses estudando e outros seis viajando, conhecendo um pouco mais da música e da cultura americanas. Prestou exames para orquestração, regência e composição. Seu sonho era ser maestro. Mas os resultados dos testes indicaram para os professores da Julliard que Toninho só poderia frequentar o curso elementar, *Rudiments of music. Nossa, vou ter de começar do zero!\**, Toninho pensou. Como resolveu mesmo teimar com o assunto, ele topou: *No primeiro dia de aula, o maestro Jeffrey Langley falava*This is clef, this is note, this is rest, this is stave, *foi muito engraçado! Parecia que eu estava tendo aulas de inglês! Mas no quarto mês ele já estava dando noções de harmonia. Eu era o melhor aluno, quando ia fazer ditado, eu acertava tudo. Na escrita não – por exemplo, ele pedia pra fazer uma escala de lá bemol menor melódica descendente, aí... não dava. Então foi muito bom para aprender inglês, ha... ha!!\** 

A temporada também serviu para Toninho conhecer pessoas, assistir a muitos shows, tocar com alguns músicos de *jazz*. Não fez nada oficialmente, mas chegou a dar aulas particulares.

Fez lá também algumas apresentações informais. Dentre elas, uma participação no Bear Mountain Festival, em Woodstock, com Paulo Moura e Karl Berger. Apresentou-se também ao lado de Paulo Jobim e banda na comemoração dos 80 anos do ator inglês Sir Lawrence Olivier, no Lincoln Center, em Nova York. Toninho lembra que o maestro Langley ia assistir a algumas de suas apresentações e dizia: *Não acredito que você é meu aluno, você dá um banho de musicalidade! Eu sou formado aqui, mas música é o que você faz!\** 

Uma apresentação na cidade de Austin lhe rendeu uma inesperada homenagem. Toninho estava em Nova York quando recebeu convite de Mike Quinn para fazer um show naquela cidade texana. Quinn tinha um programa de rádio numa estação local e, fanático por MPB, divulgava a cultura brasileira naquela parte dos Estados Unidos. O show foi um sucesso, deu um superpúblico. Então me convidaram pra fazer um segundo show no dia seguinte. Mas eles fizeram esse convite, na verdade, porque queriam me homenagear. Foi engraçado porque, na metade do show, Mike entrou com a camisa do Flamengo e umas outras pessoas carregando um diploma enorme e a chave da cidade, dizendo que eu era cidadão honorário de Austin. Na época, Austin e Belo Horizonte eram cidades irmãs, mantinham intercâmbio cultural. Eu vibrei, a banda local era ótima, foi um show inesquecível!\*

## Uma ideia brilhante, um ato de coragem

Depois de seis meses nos Estados Unidos, Toninho estava com muita saudade de Ângela, a namorada que tinha deixado em Minas Gerais. Ele havia comprado uma guitarra *Les Paul*, cor de madeira, quando participou de uma gravação no Brasil, em 1969, com George Duke, tecladista que havia tocado com Frank Zappa. *Foi a maior dificuldade liberarem [na alfândega] a guitarra e um amplificador* Fender Twin *pra mim, ela tinha um som maravilhoso!\** Toninho ligou para a irmã Gilda e pediu que ela vendesse a guitarra para comprar uma passagem que levasse a amada até ele. *Nos encontramos em Miami. Ela chegou no aeroporto, me lembro que tinha um corredor comprido, a gente correu e se abraçou. É uma das lembranças mais lindas que eu tenho.\* A guitarra foi vendida para o letrista e saxofonista Chico Amaral, que depois repassou para o Antônio Júlio, do Tianastácia, grupo mineiro de rock.* 

Toninho e Ângela voltaram ao Brasil no final de 1983 e se casaram. Viveram juntos por oito anos e tiveram dois filhos, Luísa, que nasceu em 1984, e Manuel, nascido em 1986.

Por volta de 1985, Toninho quis gravar outro disco e foi em busca de uma gravadora. Mas, nesse momento, o cenário musical brasileiro via crescer a onda do pop rock e novos nomes e bandas – como Lulu Santos, Marina, Blitz – passaram a atrair o interesse das gravadoras. Toninho tentou, mas não conseguiu gravar. Isso me incomodou muito. Eu tinha acabado de voltar da América e, mesmo tendo gravado dois discos e ficado um tempo lá, tocado com nomes internacionais como Pat Metheny, Herbie Hancock e outros, eu não conseguia um contrato.\* Além disso, percebia que a música americana dominava a programação das rádios e a atenção do público jovem. Foi num bar de Belo Horizonte que ponderou com o amigo violonista Gilvan de Oliveira: Tem alguma coisa errada. De cada dez músicas, os caras tocam duas músicas brasileiras e o resto é música americana. A gente tem de fazer aquele Real Book americano, mas com música brasileira. Senão, como fica? O Gilvan completou: E se acontecesse um seminário com o encontro de músicos...? Quando saí do bar perguntei ao amigo Gilvan: Se eu fizer um seminário você

topa participar comigo? *Ele disse*: Com certeza!.\* Toninho ficou tão animado com a ideia que saiu dali e foi escrever um projeto, o primeiro de sua vida.

Consultou por telefone alguns músicos e estudiosos, como Sivuca, Luiz Eça, Paulo Moura, Rafael Rabello, Radamés Gnatalli, e teve ótima receptividade à ideia. Procurou e encontrou, em seguida, apoio de Fernando Antônio Borges Campos, reitor da Universidade Federal de Ouro Preto – cidade escolhida para sediar o seminário porque já tinha tradição, desde 1967, na organização desse tipo de evento, com o Festival de Inverno. Para fazer a intermediação com o reitor teve a ajuda de Victor Godoy, professor da Universidade, um grande apoio para Toninho.

Ocupando espaços como o Cine Vila Rica e o Teatro Casa da Ópera, para os concertos, além de dezenas de salas espalhadas nas escolas e universidades locais, o I Seminário Brasileiro de Música Instrumental aconteceu durante 20 dias do mês de julho de 1986. Contou com a participação de 430 músicos vindos de todos os estados brasileiros, cujos currículos eram selecionados por uma rigorosa equipe de especialistas. *Só aceitamos gente que queria estudar música, progredir, evoluir.* \* Nos finais de semana, esse número triplicava com a chegada de gente de todo o interior de Minas Gerais e de outros estados. Cada aluno pagou 1/12 dos seus custos com passagem, estadia e taxa de inscrição. O restante foi custeado pelos patrocinadores – Ministério da Educação e Cultura e Universidade Federal de Ouro Preto. Mais de mil músicos visitantes participaram dos cursos.

Foram 28 cursos de instrumentos, 10 conferências, 23 *workshops*. Os professores: alguns dos mais expressivos nomes da música brasileira, como Clara Sverner, João Carlos Assis Brasil, Zuza Homem de Mello, Hamilton Godoy, Nico Assumpção, Pascoal Meireles, Mauro Senise, Roberto Sion, Ian Guest, Luiz Eça, Célia Vaz, Nelson Ayres, Dori Caymmi, Paulo Moura, Roberto Gnatalli, Márcio Montarroyos, Turíbio Santos, Nivaldo Ornelas, Hélio Delmiro, Altamiro Carrilho, Rafael Rabelo, Severino Araújo, Sivuca, grupos como Zimbo Trio, Uakti, Pau Brasil, entre outros.

Quem chegava pra participar, dar curso ou oficina, não queria mais ir embora. O Dori foi fazer uma palestra e ficou, o Hermínio também, e assim foi com vários outros.\*

Toninho também conseguiu com a fabricante Fritz Dobbert 15 pianos de armário para colocar nas salas de aula. Levou até lá, ainda, representantes da Roland do Brasil, empresa recém-chegada ao País, fabricante de teclados,

amplificadores e guitarras que revolucionou o mercado nos anos 1980. Fizeram um *workshop* sobre a nova linha de instrumentos e acessórios.

Nos finais de semana havia shows em lugares grandes. Flávio Venturini se apresentou no Morro da Forca, para onde tiveram de levar gerador; Wagner Tiso se apresentou em frente à Igreja do Pilar. No meu concerto eu não consegui tocar, eu só chorava, o auditório cheio. No final, quando fui tocar "Manoel, o audaz", o Dori veio me abraçar. Saiu uma foto em O Estado de Minas, eu e ele abraçados.\*

Além disso, foram organizadas exposições com partituras, vídeos, filmes, livros; e oficinas de luteria de instrumentos de sopro, de cordas e eletrônicos.

Já no final do evento, a equipe organizadora se deu conta de que não tinha cobertura suficiente da mídia. Inventaram, então, uma passeata que saiu pelas ruas de Ouro Preto perto da hora do almoço, todo mundo tocando algum instrumento. Botei a boca no trombone, corri até o bandejão do almoço no Caem [Centro Acadêmico da Escola de Minas] e a passeata saiu, terminou na Praça Tiradentes.\* No mesmo dia o encontro estava na tevê.

O Seminário marcou a cidade, as pessoas, abriu a cabeça de muita gente, como diz Toninho, passou a fazer parte da História da Música Brasileira. Foi tão importante que a participação no evento, seja como aluno, seja como mestre, é citada no currículo de grande parte dos músicos que viveram aqueles dias. Toninho tentou algumas vezes uma segunda edição; pensou inclusive em fazer um Seminário Internacional, mas não conseguiu patrocínio ou apoio governamental.

No fundo eu queria ser um daqueles alunos, ter o que eu não tive naquela minha época: partituras, instrumentos bons, professores... Se a gente pensa no País, no interior, em gente que não tem recurso e tem talento, aí é que a gente vê quanto é difícil fazer música no Brasil.\*

Está tudo gravado em áudio e em vídeo. Um documento precioso, que Toninho sonha editar e disponibilizar para o público o quanto antes. Foi um ato de coragem, como outros que já tive.\*

A ideia de produzir o *Livrão da Música Brasileira*, parte do mesmo projeto, contou também com o aplauso de todos os músicos consultados. Cobriria inicialmente 100 anos da música brasileira, depois 150, depois 185 anos, reunindo cerca de 700 partituras. O projeto conseguiu adiantar-se nas pesquisas, mas ainda precisa de recursos para ser finalizado.

Toninho e Wagner Tiso em workshop durante o I Seminário Brasileiro de Música Instrumental, Ouro Preto, 1986



# A afirmação da independência



Uma das formações do Instrumental, em julho de 1986 Depois do Seminário, Toninho Horta recebeu convite para gravar para a Polygram Internacional, hoje Universal. Isso se concretizou com a vinda de Richard Seidel – diretor da Polygram – ao Brasil. Toninho foi encontrar-se com o executivo junto com seu produtor, Dave Burell. Richard Ihe disse que a gravadora estava dispensando seu *cast* brasileiro, mas queria que ele ficasse. Mais: propunha-lhe um contrato para a gravação de sete discos nos Estados Unidos. Ele acabou lançando três: *Diamond land* (1988), *Moonstone* (1989) e *Once I loved* (1992).

Gravado no Brasil, *Diamond land* inverte a proporção da presença da música instrumental com relação aos dois discos anteriores, *Terra dos Pássaros* e *Toninho Horta*: 70% das faixas são instrumentais e 30% têm letra e voz. Dentre as instrumentais, *Igreja do Pilar* põe em destaque o inspirado solo da flauta de Lena Horta. O disco conta também com a participação de Wayne Shorter, reconhecido saxofonista americano, e de Pat Metheny que, por sugestão de Seidel, escreveu o texto da contracapa. *Diamond land* ficou várias semanas entre os 20 mais vendidos na revista *Billboard*.

Moonstone foi o primeiro disco gravado fora do Brasil e contou com a participação de músicos americanos, como Danny Gottlieb e Steve Rodby, baixista que tocou por muito tempo com Pat Metheny. Nesse disco Pat gravou, em duo com Toninho, Moonstone (Pedra da lua). A escolha do repertório incluiu músicas mais próximas do jazz.

Once I loved é o mais jazzístico dos três. Traz, aliás, uma formação em trio tipicamente jazzística: além da guitarra de Toninho, o baixo de Billy Higgins – um jazzman que tocou com Dexter Gordon, Thelonious Monk, John Coltrane, entre outros – e a bateria de Gary Peacock, parceiro, entre outros, de Bill Evans e Miles Davis. Gary dizia que Toninho, como Miles, ouvia tudo o que estava acontecendo enquanto a banda tocava. Quando você está numa banda, você não pode esquecer de todo mundo e sair na frente. Tem muita gente que é assim, bota a virtuosidade dele na frente e esquece o que está acontecendo atrás; vê muito mais a performance, a versatilidade, a técnica do que a emoção. Eu prefiro jogar no time. Miles ouvia tudo o que estava acontecendo.

Os músicos mais maduros conseguem fazer isso\*, explica. O repertório traz vários standards da música americana – como Stella by starlight, My funny Valentine –, mas a última canção chama-se Minas train. Não se trata de mera coincidência: ao pegar o trem para Minas, o disco sustenta contato com a música brasileira e afirma a identidade do compositor que, como disse um jornalista americano, toca standard de um jeito não standard.

Os álbuns todos alcançaram bastante sucesso. Mas Toninho não continuou com a gravadora. O músico percebeu que o plano dos executivos da empresa era situá-lo no mercado americano como um músico de *jazz. Eu seria mais um guitarrista de* jazz. \* E ele não pretendia isso. Queria continuar fazendo sua própria música – que é, antes de mais nada, brasileira. *Eles queriam ter o controle do projeto e eu sempre fui muito independente musicalmente*\*, lembra Toninho. Com o fim do contrato, ele se aproximou de Hiroshi Itsuno, executivo da Polydor (que é a Polygram japonesa), com quem acabaria fechando um contrato de orçamento três vezes maior que o oferecido pela matriz americana. Gravariam o disco *Foot on the road*, em 1994, um dos mais requisitados de Toninho.



Durante o I Seminário Brasileiro de Música Instrumental, Toninho rege a Banda Militar



Roer as unhas é um hábito antigo, que obrigou Toninho a fortalecer os dedos pra colocar a pressão certa nas cordas do violão e da guitarra

Toninho ao lado de da equipe da Verve (hoje Polygram) em frente ao Botton Line, Nova York. Richard Seidel, o último à direita, que propôs ao mineiro um contrato para a gravação de sete discos nos Estados Unidos

Toninho, Joyce, Richard Seidel e o diretor geral da Verve (hoje Polygram) em frente ao Botton Line Nova York





### Planeta Terra e outros projetos

Em 1989 a IBM contratou Toninho Horta para assumir a direção musical de um projeto institucional que recebeu o nome de *Planeta Terra*. Tratava-se de um concerto sobre o tema ambiental que contou com a participação da Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas e do Coral IBM Campinas e IBM São Paulo. Toninho chamou outros três instrumentistas de renome; cada um compôs um movimento representando um dos quatro elementos da natureza: Nelson Ayres ficou responsável pelo elemento água; Nivaldo Ornelas, pelo ar; Márcio Montarroyos, pelo fogo; e Toninho, pela terra.

O concerto foi apresentado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, para um público estimado em 50 mil pessoas. Do concerto resultou um disco gravado ao vivo, que teve circulação restrita. Acho que depois de um tempo o trabalho se tornou nosso, mas a gente nunca se mobilizou para entregar o show para o público. De vez em quando eu falo com o Nelson Ayres sobre a possibilidade de lançar o disco, acho que seria legal demais. Ainda mais agora, depois da perda do querido Márcio Montarroyos.\*

Ao longo da década de 1980, Toninho fez também, entre 1984 e 1985, a direção musical do espetáculo *A hora da estrela*, de Maria Bethânia. Sob a direção geral de Naum Alves de Souza, o show se baseava na obra homônima de Clarice Lispector e se propunha a trabalhar com a linguagem teatral e a musical. Estreou no Canecão, casa de espetáculos carioca, e apresentava canções de Chico Buarque e Caetano Veloso feitas especialmente para o show. O disco seguinte de Bethânia, *A beira e o mar*, também teve direção musical e arranjos de Toninho. Com a intérprete, ele já havia trabalhado na gravação de *Ciclo*, de 1983, e voltou a trabalhar em *Dezembros*, disco de 1987, fazendo arranjos, regendo e tocando em várias faixas. Nesse disco Bethânia gravou "Estrela do meu céu", homenagem a Mãe Menininha – lyalorixá do Terreiro do Gantois, em Salvador – e parceria do músico mineiro, compositor da música, com Caetano Veloso, autor da letra. Ainda nesse álbum, Toninho fez com Tom Jobim o arranjo para a música "Anos dourados", faixa em que tocam juntos.

Toninho ainda participou de vários festivais aqui e lá fora. Entre eles, o *Free Jazz Festival*, no Anhembi, em São Paulo, quando se apresentou ao lado de Toots Thielmans e Bobby McFerrin. Também participou do *I* e *II Concerto* 





Brahma Extra de Música Instrumental, em 1987 e 1988, respectivamente, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O espetáculo contou com a participação de representantes de peso da música instrumental brasileira, como Sivuca, Paulo Moura, Altamiro Carrilho, Sebastião Tapajós, Rafael Rabelo, Chiquinho do Acordeom, entre outros.

Nesses anos também gravou com alguns dos principais nomes da música brasileira: Simone, João Bosco, Alaíde Costa, Leni Andrade, Hermeto Pascoal, Caetano Veloso, Edu Lobo, Chico Buarque, Leila Pinheiro, Fafá de Belém, Gonzaguinha, Sueli Costa, entre vários outros. Também já tinha, a essa altura, extensa rede de contatos internacionais. Mas na década seguinte essa rede se ampliaria ainda mais: fazendo de Nova York uma porta para o mundo, passou a levar sua música para os mais diversos países, expandindo imensamente o périplo que muitos anos antes seu avô fizera, espalhando suas composições pelo estado de Minas Gerais.

Ao lado de Nana e Dori Caymmi durante apresentação em frente ao World Trade Center, em Nova York, durante um Festival de Música Brasileira

# O horizonte imenso, aberto, sugerindo mil direções

Em 1990 Toninho Horta se mudou para Nova York. E lá ficou por nove anos. Meu produtor me disse seu lugar é nos Estados Unidos. [...] Fazer música no Brasil é muito difícil, economicamente, politicamente, socialmente. [...] Os músicos não têm muitas oportunidades e tocar em boates é difícil. Também não há lá muita informação, em Nova York você pode comprar discos de John Coltrane ou Chopin ou Debussy. [...] E na Berklee School você encontra centenas de pessoas tocando. [...] No Brasil você não tem isso, é mais difícil encontrar professores, grandes escolas e livros.<sup>20</sup> Em outras palavras, naquele momento, o músico mineiro via em Nova York oportunidades que não identificava no Brasil – de aprender, de tocar, gravar e ser ouvido. Havia outra vantagem: Nova York, mais próxima da Europa e da Ásia, poderia funcionar como uma porta de saída para outros voos.

Além disso, Toninho cultivava um sonho povoado pelos muitos símbolos de glamour associados à megalópole americana. Adorava aquelas trilhas do cinema, o clima da cidade, os clubes com os músicos tocando maravilhosamente bem, os meus ídolos. Quando eu assistia àqueles filmes antigos, em preto e branco, trilhas sonoras de Max Steiner [austríaco, um dos maiores compositores de trilhas sonoras do cinema, como a do filme E o vento levou...], filmes românticos, com Humphrey Bogart, Gene Kelly, pensava eu quero conhecer N ova York.\*

A cidade foi palco de muitos encontros importantes para Toninho Horta. Teve oportunidade de conhecer e de tocar com alguns dos mais respeitados talentos musicais do mundo, com músicos de muitas e diferentes nacionalidades, especialistas em diferentes instrumentos. Conheceu também muitos produtores que, reconhecendo seu talento, abriram-lhe as portas de grandes teatros e clubes sofisticados em inúmeros países, fazendo a qualidade de seu trabalho ser reconhecida em muitos lugares do mundo. Também fez amigos que o acompanham pela vida, e com quem pode se encontrar sempre que o tempo e o itinerário de apresentações permitem. Lembra-se em especial de Manolo Badrena, percussionista porto-riquenho que tocou muito com

a banda Weather Report e também com os Rolling Stones, Talking Heads, entre muitos outros; do pianista e tecladista Delmar Brown; da orquestra de Gil Evans; de Gil Goldstein, maestro e pianista; de Danny Gottlieb e Mark Egan; de Onaje Allan Gambs, emérito pianista, arranjador e compositor.

Um dia fui ao aniversário de Delmare Brown no Clube 55, no Village, em Nova York, e vi Jaco Pastorius [considerado um dos mais influentes baixistas de todos os tempos, morto precocemente aos 35 anos], todo sério, ficou sentado, ouvindo. Vários músicos tocaram, Victor Bailey [baixista elétrico], o batera Tony Smith [ilustre baterista, vocalista e produtor], um percussionista africano, entre tantos outros músicos, foi legal.\*

Foi em Nova York também que conheceu o produtor russo Vartan Tonoian que, em 1992, organizou o *Moscow Rio Nova York Jazz Festival*, em Moscou, no qual Toninho se apresentou com sua banda, a Orquestra Fantasma. O festival foi registrado ao vivo e gravado num CD triplo, *Live in Moscow*, de 1994, pelo selo B&W, da Inglaterra, hoje completamente esgotado.

Conheceu Jack Lee, guitarrista de quem seria parceiro, em um show no mítico clube de *jazz* de Greenwich Village, o Blue Note, onde se apresentou acompanhando Astrud Gilberto.

A famosa casa de *jazz* nova-iorquina não pode ser confundida com a Blue Note Records, selo fundado em 1939 e que se tornou uma instituição no universo da música por ter lançado os discos que registram a parte mais importante da história do *jazz* ao longo de todo século 20. Mas Blue Note é também o nome de um famoso clube de *jazz* de Nova York, inaugurado em 1981, no Village, hoje com filiais em Milão, Tóquio e Nagoia.

Toninho se apresentou várias vezes no Blue Note nova-iorquino e nas filiais japonesas da casa com Astrud Gilbert, Airto Moreira e Flora Purim, Jack Lee, Ernie Watts, Joyce, entre outros.

O Bottom Line é outra importante casa de shows nova-iorquina, o mais badalado *club* para *jazz fusion* da cidade nos anos 1980 e uma referência para todos os amantes desse estilo musical. Toninho Horta sonhava tocar naquele palco consagrador. *Quando passei por Nova York indo masterizar o meu disco Terra dos pássaros, em 1979, fui assistir ao Pat Metheny. Ele tinha acabado* 



Uma primeira estadia em Nova York: inverno de 1982



de lançar aquele disco branco que eu ouvia no Brasil. Tocava o mesmo som que estava no disco, fiquei impressionadíssimo com a performance, o profissionalismo, a precisão. Anos depois eu estaria no Bottom Line, foi uma grande emoção tocar naquele mesmo palco. Levei o violinista Rudi Berger, que estava em Nova York, e montei uma banda com músicos americanos.\*

Toninho tinha conhecido o austríaco Rudi Berger no Blue Note. E Rudi havia conhecido Toninho ainda na Áustria, quando ouviu uma música que o impressionou. Era "Mountain Flight", e o violinista quis conhecer o compositor daquela

Toninho e Jack Lee, guitarrista que conheceu no Blue Note, onde se apresentava e que se tornou importante parceiro

canção. Numa ida a Nova York, soube que Toninho se apresentaria no Blue Note e foi até lá. Levou seu primeiro LP, gravado na Áustria, e deu para o brasileiro. *Caí duro com o jeito de ele tocar* – lembra Toninho. *Eu estava começando a gravar meu disco Moonstone e chamei o Rudi pra participar. Acabou que ele veio pro Brasil.* \* Veio e depois ficou: mora hoje em Belo Horizonte e integra ocasionalmente a Orquestra Fantasma, banda oficial do músico mineiro, composta por Yuri Popoff (baixo), Lena Horta (flauta), André Dequech (teclados) e Esdra *Neném* Ferreira (bateria).

A estreia no Bottom Line ficou marcada por um acontecimento que seria cômico se não fosse tão desagradável. Depois do show, já no camarim, Rudi deixou seu violino no sofá. Uma menina que o acompanhava se distraiu e sentou bem em cima do violino. Ele ouviu o barulho, crash!, foi uma tristeza dele... Mas tinha levado dois violinos, pôde tocar com o outro. Ele ficou passado.\*

Toninho destaca ainda sua participação no *JVC Festival*, numa noite de música brasileira, ao lado de João Bosco, Leny Andrade e Egberto Gismonti. *Fiz uma mistura de uma banda que eu levei de Belo Horizonte com músicos americanos. Foi muito bom, um público maravilhoso.\** 

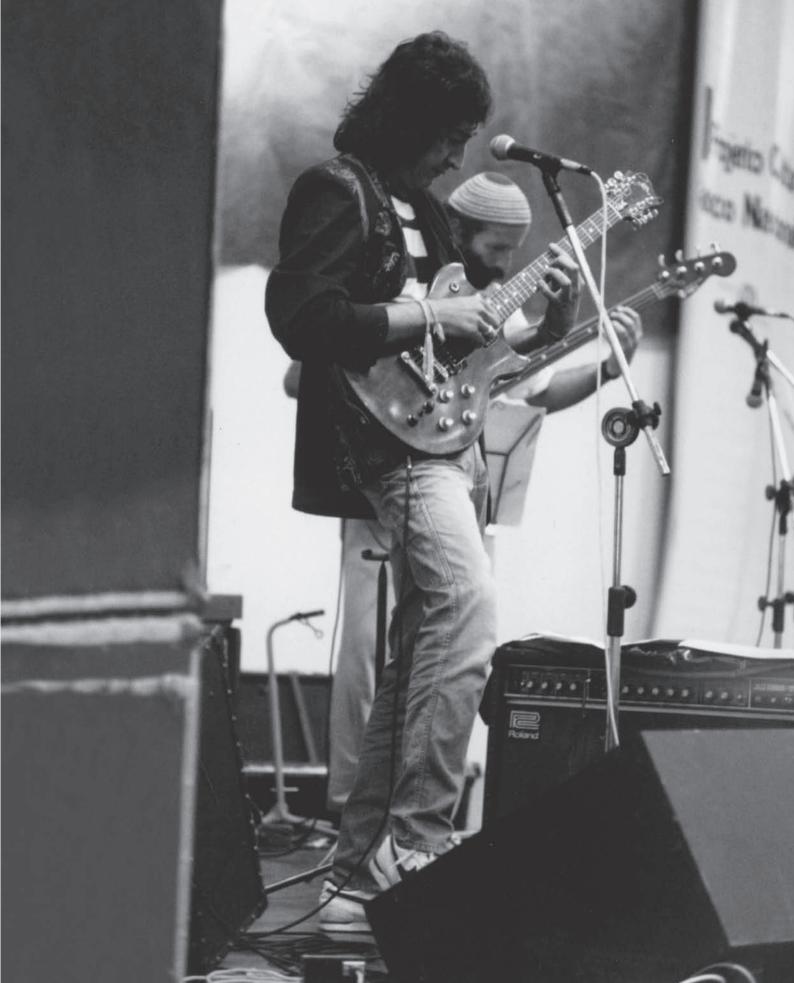
Toninho Horta já tinha, a essa altura, tocado para públicos exigentes em diferentes países. Mas a estadia em Nova York ampliaria muitas vezes seus contatos e seu público. E também o levaria a conhecer culturas, hábitos, sons e pessoas que lhe proporcionaram muitas descobertas, um aprendizado pessoal e profissional insubstituível. Apresentando suas músicas, acompanhando outros artistas ou participando de festivais e workshops, transitou por vários países da Europa, Ásia e América. Sempre gostei de viajar, conhecer outras culturas, outras comidas, outros lugares, outras pessoas. Isso sempre me encantou e inspirou a minha música. Então, acho que por isso nunca concentrei meu trabalho como estou concentrando agora, aos 60 anos\*, avalia. Mas ao mesmo tempo ganhou muitos e novos admiradores, abriu novos mercados para seu trabalho e se firmou como referência para respeitados profissionais de todo o mundo.

Nos Estados Unidos gravou quatro álbuns de sua discografia dos anos 1990: Durango Kid, de 1993; Durango Kid 2, de1995; e From Belo to Seoul, já na virada da década, em 2000. Participou também do disco Infinite love, de 1994. Os dois *Durango Kid*, embora tenham saído com a diferença de dois anos entre si, foram gravados em duas semanas seguidas, em Nova York. *Nesse projeto era pra eu gravar só músicas minhas, como se eu estivesse tocando em casa, algumas cantadas com letras, outras com* vocalise, *outras só usando instrumental com base de violão e solando com a guitarra. Mas acabou que sempre tinha uma música de outro compositor. No primeiro coloquei uma música dos Beatles, "Across the universe," uma versão que muita gente adora; e no segundo gravei "Saudade da Bahia," do Caymmi. Eu estava no estúdio improvisando em cima da música e o produtor falou Tô gravando. <i>E ficou.*\*

From Belo to Seoul é uma compilação de músicas gravadas em vários CDs de Jack Lee. Algumas delas com participação de Toninho como instrumentista e/ou cantor; outras, de autoria do músico mineiro gravadas por Jack. Faz parte do repertório do CD "Manoel, o audaz", cantada com letra e voz de Minsun Lee, irmã de Jack Lee, o produtor do disco. O trabalho cria uma atmosfera asiática para gravações de outras pérolas do repertório do compositor brasileiro, como "Afternoons in Thailand" ou "Far into the night", bela canção que no CD Harmonia e vozes, de 2010, ganhou de Arnaldo Antunes letra de forte consistência poética. Para produzir a beleza desse som, a gravação contou com a participação de Bob James, Manolo Badrena, Gene Jackson, Charles Blenzig, Danny Gottlieb, Mark Egan, Hilary James, o percussionista brasileiro Waltinho, entre outros. Jack Lee é coreano, viveu em Nova York, sabe produzir um CD contemporâneo com influência do jazz americano, mas, ao mesmo tempo, com aquele som que lembra a Ásia, as óperas asiáticas antigas. \* Jack Lee produziu músicos do porte de Nathan East (da banda de Eric Clapton), Harvey Mason (que tocou com Herbie Hancock num disco muito famoso, o Headhunters) e tornou-se parceiro importante do músico mineiro.

Infinite love é assinado pelo pianista norte-americano Gil Goldstein e pelo violonista brasileiro Romero Lubambo, mas Toninho Horta faz uma participação muito especial. Várias das músicas gravadas são composições do músico mineiro, inclusive a que dá nome ao disco. Eu gravei "My foolish heart", um clássico americano maravilhoso, o Gil fez um arranjo inspirado em mim, imaginando como eu mesmo escreveria. Eu cantei, botei dois violões, ficou uma coisa bem mineira a levada, muito bonita. Eu já estava fazendo dois discos

Toninho no palco com Yuri Popoff, integrante da Orquestra Fantasma e marido da irmã Lena





pelo mesmo selo, o Big World Music, e não assinei esse disco, mas eu tenho quase a mesma participação do Gil e do Romero. De qualquer maneira, tem muito a minha cara. \* O disco conta também com a participação do percussionista Armando Marçal e da cantora Maucha Adnet.

Em 1993, Toninho Horta fez parte do seleto time de guitarristas – como John Abercrombie, Stevie Khan, Larry Coryell, Mark Whitfield, entre outras feras – convidados para a gravação de um disco em homenagem aos Beatles que se chamou *Guitar tribute to Beatles – Come together. Mike Manieri, de Nova York, tinha aberto um selo, o New York City Records, e gravamos por esse selo. O disco fez sucesso no mundo inteiro. A música que eu gravei foi "She's leaving home". Foi a versão mais tocada na Espanha durante uma época. O disco também foi lançado no Japão, fez sucesso demais lá, foi um trabalho muito legal, que me deu muita exposição.\** 

Toninho ao lado de Rudi Berger e o maestro e pianista Gil Goldstein em Nova York Durango Kid

Toninho Horta e Fernando Brant

Propriamente eu sou

Durango Kid

Eu vim trazer

Eu vim mostrar

Novo jornal

Novo sorriso

Novo jornal

Novo sorriso

Propriamente dizer

O som exato

Pois hoje eu sou

O que eu fui

Não desmenti

O meu passado

Este jornal

É o meu revólver

Este jornal

É o meu sorriso

O amor é pra se amar

Toninho Horta

O que aconteceu

O vento não bateu

Cadê você

Mas onde está você

O mar, nem sei se vê

Um duende me contou

O amor é pra se amar

Não deixe para depois

Ou tempo se apaga

Veja quanta luz

Novo tempo traz

Mas como vai você

Nada a se perder

Tudo o que pretendo

Está além do tempo

Ah! meu coração

Tudo é por você, em vão

Mas não vou desistir

A vida me ensinou

Do pranto não se faz canção

#### Uma casa do outro lado do mundo

Desses novos públicos, talvez nenhum outro tenha se rendido de modo tão arrebatado à obra de Toninho Horta quanto o do Japão. O músico esteve nesse país pela primeira vez em 1990, para se apresentar em Osaka na International Garden and Greenery Exposition, abreviada como Expo Flower, uma feira enorme cujo principal propósito era, além de promover a harmonia entre o homem e a natureza, discutir questões ambientais globais. Apresentou-se com Steve Sacks, saxofonista americano que conheceu em Nova York, e os brasileiros Tibério Nascimento (quitarrista) e Cyro Baptista (percussionista).

Desde então, e até o final de 2010, Toninho já se apresentou vinte e três vezes no Japão, conquistou fãs fiéis – dentre os quais também fez amigos –, gravou vários discos, alguns exclusivos do mercado japonês.

Um deles gravou com Akiko Yano, mulher de Ryuichi Sakamoto, músico japonês responsável por trilhas de filmes conhecidos, como *O último imperador*, do diretor italiano Bernardo Bertolucci, ou *Tacones lejanos*, do espanhol Pedro Almodóvar. Toninho e Akiko gravaram em Nova York e em seguida excursionaram pelo Japão para divulgar o disco. *Foi uma das turnês mais legais [que eu já fiz]. Só teatros grandes, altas produções, altos jantares, aquelas coisas maravilhosas.\** 

Numa das temporadas japonesas ficou cerca de um mês no país. Parte dele tocando no Sabbath, famoso restaurante brasileiro de Tóquio, outra parte tocando com seu trio brasileiro: ele, Yuri Popoff (baixo) e André Dequech (piano e teclados). Eu me lembro que, assim que terminou a temporada no Sabbath, eu comecei a ensaiar com a banda. Era um show chamado Samba and Bossa Nova Night. O grupo era formado por 11 pessoas. Tinha o Kazumi Watanabe, um dos mais famosos guitarristas do jazz japonês, Epo, uma cantora pop muito famosa lá também, e eu era o convidado brasileiro. Também o Tomohiro Yahiro – percussionista que sempre tocava com brasileiros por lá, tocou com a Joyce, comigo – estava com a gente nessa temporada; ele era fanático por música brasileira e falava português. Foram cinco ou seis shows em que a gente também só se apresentou em teatros grandes, com média de 2.300 lugares. Um dos primeiros shows eu terminei com muita dor de garganta e uma fã e amiga, a Miki, me levou num médico. Tive a maior aventura lá,

Um trilho mineiro: as referências culturais mineiras fazem parte da música de Toninho. Nesta foto, a antiga estação do Horto da Rede Ferroviária Federal é o cenário da foto para a capa do disco *Durango Kid II* 





Toninho e o "fantasma" André Dequech se apresentando Sabbath Club de Tokyo

o cara usava um método doido, foi uma aflição muito grande, eu tentando cantar, super-rouco, um frio danado, fomos tocar em Saporo no inverno. \* Em Saporo, cidade localizada na província de Hokkaido, a temperatura anual média é de 8,5°C; no inverno, pode chegar a -30°C. Mas também teve bônus na área da saúde: Como a comida lá tem muita alga, meu colesterol baixou muito, he... he! \*

Do currículo de Toninho Horta constam várias apresentações de shows de Bossa Nova, estilo que tem um público grande e cativo no Japão. Fez algumas turnês em companhia de cantoras – a carioca Joyce, também compositora, e a baiana Astrud Gilberto, ex-mulher de João Gilberto. Ele se lembra especialmente de uma apresentação com Astrud num grande teatro porque, no final, enquanto o público aplaudia o show, uma pessoa veio se aproximando com um buquê enorme de flores vermelhas. Era Miki, a fã fiel do brasileiro, que depois ajudou com a dor de garganta em Saporo. Todos estavam certos de que o buquê era para Astrud. Mas, quando Miki chegou perto do palco, tomou a direção de Toninho, que recebeu as flores emocionado e distribuiu para todos os músicos que tocaram juntos naquela noite.

Toninho também participou da gravação de um disco realizado em prol da cidade de Kobe, atingida em 1995 por um terremoto de 7,2 graus na escala Richter. Muitas ruas, casas e edifícios foram destruídos, cerca de 6.400 pessoas morreram. O produtor Hiroshi Itsuno, da Polydor, convidou vários artistas para a gravação – Keith Jarett, Pat Metheny, Herbie Hankock, entre outros. Toninho gravou, com a flautista japonesa Yuka Kido, a música "From Ton to Tom"

No Japão, muitas vezes a rapidez e a disciplina na montagem e desmontagem dos shows impressionaram o músico. Lembro de ver quando chegavam uns 20 caras, todos vestidos de preto, todo mundo quietinho, caladinho, monta tudo rapidinho, e depois também, quando acaba o show, desmontam tudo rapidinho, sem barulho nenhum. \* Quanto ao público, nota uma peculiaridade: Público japonês gosta de aplaudir rápido, pra acabar logo, e intenso. Batem palma forte e param todos ao mesmo tempo pra não perder o primeiro acorde da música seguinte. \*

Trabalhou com muitos músicos no Japão, além de Akiko Yano: Nakanishi, famoso violinista; Takeshi Ito, saxofonista que já tocou no Brasil; Lisa Ono, violonista e compositora brasileira radicada em Tóquio; Kazufumi Miyazawa, cantor *pop* que também já se apresentou no Brasil; Obata e Kasumi Watanabe, quitarristas.

Seu fă-clube no Japão é grande. Alguns de seus admiradores inclusive viajaram até Belo Horizonte, cidade onde mora o músico, por sua causa. *Miki foi pra Belo Horizonte seis ou sete vezes; o Teru foi três vezes; Mariko e Tatsuia, duas vezes. Parece que esse jeito macio de cantar, tranquilo, é muito apaixonante pra eles.\** 

No final dos shows no Blue Note ou no Sabbath, Toninho chegava a ficar com meia dúzia de canetas na mão. Assinava em correia de guitarra, em guitarra, em violão, em casaco, até em celular eu assinei.\*

Vários dos fãs são também grandes divulgadores de música brasileira. O Kepel Kimura é um dos que mais divulgam música brasileira lá; ele é dono de uma distribuidora de discos no Japão, envia matéria para vários jornais e revistas que divulgam MPB. Jim Nakahara tinha um programa, Saúde e saudade, que também tocava música brasileira. Várias revistas latinas promovem artistas daqui, estão inclusive editando compositores, como Jacó do Bandolim, que não existem no catálogo das gravadoras brasileiras, mas existem no Japão. Miki, Teru e Mariko, quando sabem que vou tocar no Blue Note, compram todos os dias. Tadashi, que fazia o booking do Blue Note, virou meu fã, queria ser meu empresário. Os amigos Hiroshi e Yoshikane Fukuoka, luthier que já me fez vários violões, estão sempre presentes nos meus shows, além de dezenas de outros, cujos nomes não consigo lembrar. Isso tudo me cativou demais.\*

Os fãs aparecem também em situações inesperadas. Certa vez Toninho ficou sabendo de uma boate cujo DJ punha para tocar sua música "Aqui, oh!" em formato eletrônico. Era uma boate legal. Eu fui ver o tal DJ, mas não era o dia de ele tocar. \* Ele não viu o DJ, mas o dono da boate não só viu como reconheceu o músico mineiro. Ele não acreditava, are you Toninho Horta?! Wait, wait, please! Dali a pouco ele trouxe o Terra dos pássaros, em LP,



pra eu assinar. Depois de um tempo veio o sócio dele. Também pediu pra eu esperar, demorou mais ou menos meia hora, acho que ele foi até em casa e trouxe o meu álbum branco pra eu autografar. Dava pra ver a alegria no rosto deles! Os dois donos de uma boate de música eletrônica tinham meus primeiros discos. É uma história que eu nunca vou esquecer!\*

Os instrumentos são outra atração do país, para Toninho. O músico sempre sonhou ter um violão espanhol. Acompanhando Milton Nascimento em Barcelona, realizou o sonho: comprou um Hermanos Conde, renomada fabricante espanhola que fornecia a Paco de Lucía, violonista espanhol de flamenco com fama internacional. Toninho Horta tocou com o seu Hemanos

No palco do lendário Blue Note, apenas os melhores

Conde por 13 anos. Ele era feito com um tampo de cedro, tinha um som muito doce, muito bonito.\* Conhecendo o luthier japonês Yoshikane Fukuoka em um de seus shows, pediu que fabricasse outro violão que também tivesse o tampo de cedro. Ele fez dois, com madeiras diferentes. Um com a lateral em jacarandá e outro com tampo de cedro. Nesse tempo todo ele fez cinco violões pra mim. Um deles o [músico americano] George Benson levou, prometendo me devolver. Passaram seis meses, até que ele comprou o violão, ficou encantado com o instrumento.\*

Em suas andanças pelo Oriente, também se encantou com outro instrumento que conheceu em Hong Kong: o er-hu. É um tipo de violino de duas cordas. É tocado de pé, numa caixinha, mas é como se fosse um banjo, só que tocado com arco. Tem um som muito bonito. Já vi gente tocando na rua, em Nova York. Tem um som maravilhoso mesmo.\*

A música japonesa – seus tambores, os instrumentos e os sons delicados da canção tradicional – fazia parte da paisagem musical que Toninho Horta sempre observava. Conheci gente que canta músicas tradicionais. A mãe do Teru [um dos fãs que sempre o acompanham no Japão] apareceu uma vez com um shamisen. Também ouvia no rádio. Adorei esse instrumento.\*

O modo misterioso e sutil como processamos as experiências, a seleção do que delas fica em nós se manifesta em geral de modo imprevisto. Quando fomos gravar Quadros modernos [disco de 2000], eu e Juarez Moreira incluímos uma música do Chiquito Braga que me lembrava muito a singeleza das melodias do Japão. Eu dei a ela o nome de "Shamisen". Agora, em 2009, fui gravar com o Djavan para o meu novo disco, Harmonia e vozes [de 2010]. No estúdio dele tinha uma guitarra elétrica, sólida, mas com as cordas de náilon – toda diferente, tinha um buraco no centro. Peguei o instrumento pra tocar e o som era parecido com o do shamisen, um pouco mais agudo. Aí eu afrouxei as cordas. Como estava gravando no disco uma música chamada Tardes na Tailândia, resolvi tocar essa guitarra com as cordas afrouxadas e ficou quase igual! Toquei como bandolim. Então eu vejo que, mesmo não conhecendo a música do país profundamente, a gente vai absorvendo,

de alguma forma, um colorido, uma melodia. A cultura musical da gente, acho, vai sendo formada assim.\*

Três álbuns de sua discografia dos anos 1990 saíram por gravadoras japonesas: Foot on the road, de 1994, Sem você, de 1995, e From Ton to Tom, de 1998. Sem você e From Ton to Tom são um tributo a Tom Jobim, mestre e referência, cuja morte, em dezembro de 1994, entristeceu profundamente Toninho. Compus a música título do disco na noite de Natal, 15 dias após o falecimento do Tom. Viajei na mesma noite em que o corpo dele estava sendo trazido de Nova York para o Brasil. Também eu voltava de lá. Soube da notícia pela Sônia Braga, amiga querida, que havia deixado um recado na minha secretária eletrônica em Nova York.\*

Foot on the road foi, até a data da gravação do disco, o contrato de maior orçamento que o músico havia fechado. Esse álbum tem outra identidade, representa meu ponto de vista sobre os lugares onde estive. Comecei com um baião, mas incluí baladas, algo também de jazz. Gravei uma música com a [pianista japonesa] Akiko Yano. Lá tem também música progressiva, europeia, e aí eu volto para o Brasil. É um álbum de que eu gosto muito, em que eu pude mostrar minha versatilidade, gravar uma grande variedade de estilos.\*

A ideia de gravar *Sem você* surgiu durante uma temporada no Blue Note de Tóquio, quando se apresentava com Joyce. *Um produtor japonês nos ofereceu gravar um CD em homenagem a Jobim.\** Voaram então para Nova York com a ideia de gravar um disco só com composições do maestro. Tinham apenas um dia na cidade e, por isso, tiveram de gravar rápido. Foram dez músicas em uma única noite, com a voz de Joyce e o violão de Toninho. Já no Rio, a pedido do produtor japonês Kazuo loshida, gravaram outras duas canções, completando as 12 que integram o repertório do disco.

Em *From Ton to Tom*, mais do que o estilo, Toninho Horta também procurou reproduzir um modo de compor os arranjos e de gravar. Composições de Jobim se misturam às do músico mineiro, num harmônico diálogo musical. Como afirmou o compositor João Bosco certa vez, *talvez o Toninho Horta* 

seja o Jobim da garotada, dos guitarristas de hoje. Ele sabe tudo sobre sofisticação, sensibilidade e delicadeza<sup>21</sup>. Daí esse diálogo parecer tão natural. O trabalho ainda considera outro detalhe: Tom Jobim se fazia acompanhar por uma banda composta de amigos e familiares. Chamava-se Banda Nova e surgiu guando o maestro foi convidado a se apresentar na Áustria e não quis ir sozinho. Dela faziam parte, entre outros músicos, sua mulher, Ana Lontra Jobim, seu filho, Paulo Jobim e sua filha, Elizabeth Jobim; Danilo e sua mulher, Simone Caymmi; Jacques Morelenbaum e sua esposa, Paula Morelenbaum. As gravações de From Ton to Tom também contaram com a participação de vários membros da família Horta – sua filha Luísa o acompanha cantando em uma faixa; seu filho Manuel toca uma introdução de Garota de Ipanema; as sobrinhas Ana Cláudia, Perla, Paula, Polyana, Mariana e Diana fazem parte do coro que acompanha as músicas em várias faixas. Mariana inclusive me ajudou a compor a letra da canção "From Ton to Tom" enquanto ensaiava para o show de Natal do bar Aqui, ó!, em Belo Horizonte. Tocamos para o público a canção novinha, todos se emocionaram e fizemos um bis. \* Assim, além das inesquecíveis canções do grande maestro, o disco procura recuperar certa atmosfera que, de algum modo, participou do encanto da música de Tom Jobim e, agora, também da do músico mineiro.

Toninho Horta tem uma grande admiração pelo Japão. Acho o astral bom, a comida boa, legal porque vem em etapas. O pessoal é muito business, mas eles têm também um lado solto, o sujeito trabalha, trabalha, trabalha... e aí, chega de noite, mesmo de terno e gravata, às vezes fica até duas da manhã no bar. Algumas vezes fui com amigo meu e a gente dormiu em sauna, que eu adoro. A gente via assim... umas cem, cento e tantas espreguiçadeiras! Quando acaba o metrô, o pessoal vai pras saunas, ou cabines-dormitórios que existem em locais de muita gente. O cara acorda no dia seguinte já perto do trabalho, não tem que viajar uma hora de trem pra sair de Tóquio e voltar no dia seguinte.\*

Quando aterrissa em Narita, o aeroporto internacional de Tóquio, Toninho já se sente em casa, tantas foram as vezes que esteve no país. *Meu trabalho ficou muito conhecido lá.\** Mas outras paragens asiáticas também atraíram a curiosidade do músico.



Bob Mintzer, David Kikoski, Garry Peacock, Toninho Horta, Paulo Braga, Dedé Sampaio em estúdio, em Nova York

# Outras paragens do périplo asiático

Foi o guitarrista e produtor Jack Lee quem levou pela primeira vez Toninho Horta à Coreia, país onde já se apresentou cinco vezes. *Quando estava em Nova York participei de quase todos os discos dele. Ele é um querido amigo e se tornou parceiro grande.\** 

Considerada uma das mais sofisticadas casas de *jazz* de Seul, Camelot Club foi inaugurada com uma temporada de duas semanas de shows de Toninho Horta. Resolvemos gravar uma semana de shows. Este trabalho, em que eu tocava o repertório dos discos Durango Kid [gravados nos Estados Unidos], se transformou no disco Serenade, em que explorei muito os efeitos de voz, os vocalises. Também foi muito bom contar com a participação de Jack Lee nas músicas "Arirang", canção tradicional coreana, e "I love you", música maravilhosa do americano Cole Porter.\*

Serenade saiu modestamente pelo selo Aqui, oh!, de Toninho, um piloto do atual Minas Records. Bill Milkowski, escritor, produtor e jornalista que colabora regularmente para algumas das mais respeitadas revistas de jazz americanas, como Jazz Times, Modern Drummer, Guitar Player, entre várias outras, escreveu sobre Serenade: Gravado em cenário intimista em noites particularmente inspiradas em Seul, o [CD] de Toninho comunica a essência de seu espírito sublime, em um programa que chega direto ao coração. A mistura irretocável do seu virtuosismo, em que se identifica um estilo próprio, com a suavidade e sensualidade dos vocalises, produz um encantamento que toca tanto o músico como seus ouvintes. [...] As faixas ecoam, com eterna e assombrosa beleza, a fala da alma e do coração infinitos de Toninho Horta"<sup>22</sup>

Umas das temporadas coreanas aconteceu pouco depois de uma catástrofe que traumatizou a população de Seul. Foi em junho de 1995, quando desabou parte do prédio da principal unidade de uma sofisticada rede de lojas de departamentos. Quase duas mil pessoas faziam compras no local. A catástrofe resultou em 501 mortos e cerca de 900 feridos. A loja havia sido construída sobre um antigo depósito de lixo e os responsáveis acabaram condenados

Toninho ensaia com o filho Manuel "Garota de Ipanema" durante as gravações do CD From Ton to Tom

Toninho e as sobrinhas na gravação de From Ton to Tom: da esquerda para a direita, Perla, Ana Cláudia, Paula, Diana, Polyana e Mariana





à prisão por negligência. Uma jovem de 18 anos, Yoo Ji-Hwan, foi resgatada com vida depois de passar quase 12 dias soterrada, alimentada pelas gotas de água que lhe caíam no rosto. O caso emocionou a população da cidade e impressionou o músico, que chegava para uma série de apresentações. Em um dos shows eu fiquei lembrando da situação e saí improvisando uma melodia. Criei uma música na hora. Depois eu e Jack demos o nome de "Korean moments" em homenagem às vitimas da tragédia.\*

O interesse em conhecer outros lugares levou Toninho também à Tailândia, às Filipinas e a Hong Kong. A primeira visita à Tailândia foi em uma viagem de férias, depois de uma apresentação no Japão. Eu era apaixonado pelo Japão, mas quis conhecer outros países. E o Blue Note sempre dava passagem de primeira classe. Certa vez perguntei ao agente de viagens em Nova York quantos países eu poderia conhecer se viajasse em classe econômica. Ele disse três. Então, depois de uma turnê de uma semana no Japão, em 1993, fui pra Tailândia, Filipinas e Hong Kong. A Tailândia é um lugar muito especial, de gente agradável, de muita paz. A natureza é lindíssima, o povo, muito simples. Dizem que é o país dos sorrisos. Eu me lembro que estava visitando o Palácio das Esmeraldas, era um dia meio chuvoso, quando a princesa do Japão estava passando por lá. Tirei uma foto. Figuei maravilhado com os templos dourados. Eu não sou budista, nem nada, mas gosto da calmaria dos templos, os incensos. Em Hong Kong, me lembro que, já no aeroporto, vi aqueles carrinhos empurrados por uns velhinhos fortes pra caramba, que levam turistas pela cidade. Você nem quer e já te botam lá dentro; e depois te cobram caro! Aventuras... Quando voltei a Belo Horizonte compus a balada "Tardes na Tailândia", com minha mãe pedindo pra não esquecer os templos dourados e o incenso perfumoso.\*

Em 2005 voltou à Tailândia para participar do *Bangkok Jazz Festival. A gente saiu do Japão e foi pra lá. Toquei a 200 metros do Palácio do rei, que é saxofonista.\** Foi acompanhado de Robertinho Silva e Nathan East, que hoje toca com Eric Clapton. Além dessa, esteve mais duas vezes se apresentando no país.

Toninho ao lado de André Dequech, tecladista da Orquestra Fantasma, e de Yoshikane Fukuoka, o luthier japonês que tem fornecido alguns dos violões mais constantes nos shows do músico mineiro Na Coreia, ensaiando









"A Tailândia é um lugar muito especial, de gente agradável, de muita paz."

Toninho no tuk-tuk, triciclo para transporte de passageiros típico da Tailândia





## Circuito europeu

Poucos países europeus deixaram de receber apresentações de Toninho Horta. Inglaterra, Dinamarca, Suíça, Suécia, Finlândia, Bélgica, Holanda, Áustria, Eslovênia, Eslováquia, Portugal, Itália, Espanha, Rússia, entre outros, receberam o compositor brasileiro, seja em festivais, *workshops*, shows solo ou como convidado, ou ainda acompanhando outros músicos. Na França se apresentou acompanhando Milton Nascimento, em 1976, mas nunca mostrou seu próprio trabalho por lá, nem na Alemanha.

Na Itália esteve algo como 15 vezes. Frequentemente se apresenta ao lado de Nicola Stilo, com quem, aliás, dividiu dois discos, ambos por gravadoras italianas: *Duets*, de 1999 – no qual tocam apenas Toninho e Nicola – e *Vira vida*, de 2003, que contou também com a participação de uma banda. *O Nicola pra mim é um dos maiores músicos do mundo, conceituadíssimo no mundo todo, grande improvisador. Toca piano bem, violão, é um improvisador de flauta como eu nunca vi.\* Professor, líder de um conjunto, fã e amigo do compositor mineiro, tocou com Chet Baker quando o trompetista americano morou em Roma. <i>Devo muito do meu sucesso na Itália ao Nicola.*\*

Em uma das turnês solo, Toninho excursionou pelo sul da Itália em pleno inverno. Ele lembra que, quando foi se apresentar pela primeira vez em Palermo, sentiu certo medo. Falavam que era a cidade da Máfia. A gente foi almoçar mais ou menos às duas horas da tarde. Quando abriu a porta do segundo andar do restaurante, vimos lá 12 homens sentados, todos de chapéu; e todos olharam ao mesmo tempo pra nós. Eu quase entrei em pânico, logo me lembrei daqueles filmes, tipo Os intocáveis. Nós sentamos num cantinho, caladinhos, ficamos na nossa, almocamos e fomos embora.\*

Apresentou-se também em Catânia, outra cidade da Itália insular, e encontrou um público que parecia muito sério, concentrado. De repente a gente começou a tocar mais samba e a gente via os chapéus e os sobretudos se mexerem! Tive uma resposta muito boa às minhas músicas. \* No final desse show Toninho foi surpreendido com uma audiência muito jovem que se aproximou do palco e começou a cantar junto com o artista. Foi uma coisa bem inusitada, porque o público parecia mais sério. Parece que o show deu muita alegria a eles. \*

Toninho em mais uma das inúmeras entrevistas que deu pelo mundo



Também naquele país Toninho arregimentou uma legião considerável de fãs. Lembra que, em Milão, um produtor que o havia levado para uma apresentação em teatro era também dono de uma loia de discos. Ele me disse que tinha comprado 500 LPs meus, por US\$ 100 cada um! Vendeu a maior parte na Inglaterra. Nos anos 1990, a onda dos DJs ingleses e japoneses era remixar música brasileira pra tocar na batida eletrônica, foram os primeiros a fazer essa conexão. A minha música estava sendo tocada com remixes.\*

Outro fã surpreendente é Stefano Silvestre. O cara é tão fã, tão fã que usa meu nome como endereço eletrônico dele. Já me enviou vários arquivos de filmes e fotos dos meus shows. \* O músico Antonio Onorato é outro fã declarado de Toninho Horta. Ele fez uma música chamada Uno grande abbraccio inspirada na música brasileira, na minha música. \*

Durante cerca de sete anos Toninho foi anualmente à Itália, várias vezes levado por Nicola Stilo. Fizemos várias turnês, são muitos os festivais de jazz, como o da Umbria, internacionalmente famoso.\* Pescara, Ferrara, Roma, Città do Castello, várias cidades na Sicília – todos esses lugares organizam festivais grandes, com forte presença de músicos americanos. Toninho esteve em todos eles, e também em alguns outros menores, sempre tão bem organizados quanto os maiores. O público é muito legal, e às vezes mostra uma receptividade inesperada.\*

Em Londres, apresentou-se no Royal Festival Hall, no mesmo programa de Marisa Monte, em 1992. Lembra-se que, enquanto Marisa cantava no palco, ele estava numa sala envidraçada de frente pro Big Ben. Fiquei tomando vinho tinto com Wolf Muller, que hoje é diretor internacional de marketing da EMI. Um frio que fazia lá fora! Ficamos amigos, por vários anos nos falávamos todo final de ano. No ano seguinte estaria no Festival Viva Brasil 1993, no Palais des Beaux Arts de Bruxelas, no mesmo programa que Caetano Veloso.



Toninho e um de seus parceiros de show italianos, Antonio Onorato Toninho em Guitarrega, Escola de Música na Espanha



Também em 1992 se apresentou com sua banda no *Moscow Rio New York Jazz Festival*, organizado pelo empresário Vartan Tonoian, que Toninho conhecera em Nova York. A União Soviética tinha sido dissolvida pouco antes, em dezembro de 1991, e vivia o início da liberalização da economia. *A Rússia é um dos lugares mais incríveis que eu já conheci. Cheguei numa época em que as coisas lá estavam baratas demais. Tinham acabado de abrir o primeiro McDonald's. Eu me lembro que o nosso grupo não estava se adaptando à comida da Rússia e nós fomos ao hambúrguer, que custava uma moeda americana de 25* cents, equivalente a algo como 50 centavos hoje no Brasil. A fila virava a esquina duas vezes. Os caras demoravam de 3 a 4 horas pra trazer o sanduíche pra gente. É um povo sofrido, mas eles amam a música.\*

Toninho Horta na Itália, onde se apresentava, ao lado do amigo Leandro Queiroga

Tocaram no October Hall e no White Columns Hall, lugar que, além de ter testemunhado eventos importantes da história russa, abrigou com sua acústica perfeita a apresentação de alguns dos maiores nomes da música universal, como Tchaikovsky, Wagner, Liszt, Schumann, Berlioz, Mahler, Rubinstein, entre outros. Passei em frente ao Bolshoi. Sou apaixonado por Tchaikovsky e Rachmaninov\*, associa Toninho se referindo a alguns dos mais reconhecidos compositores russos de música erudita. Foi um dos públicos mais incríveis que eu já conheci. Eles entendiam a música. É um país que valoriza a música erudita, o balé, um dos mais expressivos do mundo. Quando a gente tocava com sentimento, o auditório vinha abaixo, aplaudiam no meio da apresentação, pediam autógrafo, parecia que a gente era superstar. Incrível o carinho que eles têm pela música. Levam uma herança fortíssima de pianistas e orquestras. É dos lugares que mais me impressionaram.\*

Em 1993, participou do *Festival Jazz – Sons de uma longa história*, nos Açores, ao lado de William Gallison, cantor, compositor e multi-instrumentista americano. *Lá tem um sujeito apaixonado por música brasileira que organiza o festival e ele me convidou pra tocar. Fui tocar na Ilha Terceira, uma das ilhas dos Açores, um dos lugares mais incríveis que eu já conheci. Estive numa cidade chamada Angra do Heroísmo, uma das mais lindas que já vi. Uma cidade pequena, tinha umas portas maravilhosas. Simples, mas com desenhos incríveis e madeiras estupendas. Gosto muito dessa coisa tradicional, colonial. Fora que o avião pousou em uma ilha chamada Horta. Minha mãe sempre falou que a gente tem ascendência portuguesa e dinamarquesa. Quando chegou na ilha de Horta, nem acreditei. Muitas histórias... \* Gostou tanto do lugar que compôs uma música inspirada nele: "Ilha Terceira", instrumental.* 

Em 1995 estaria ainda ao lado de Rudi Berger e do percussionista Pawan Kumar, entre outros, num festival na Áustria, o *Inn Töne Jazz Festival*. Também participou de festivais de *jazz* na Finlândia, na Dinamarca, e de violão em Barcelona, na Espanha, entre outros países. Suas andanças europeias também incluem vários *workshops* que, ao lado das muitas apresentações em todos os lugares, foram difundindo um estilo, uma maneira única de tocar, o que acabou por constituir-se numa escola, numa referência respeitada em todo o mundo.

### Bendito é o fruto dessas Minas Gerais

Mesmo morando nos Estados Unidos, Toninho nunca deixou de vir com frequência ao Brasil e desenvolver projetos aqui. Um deles foi o do Bar e Espaço Cultural Aqui, ó! O nome é o mesmo de uma canção de Toninho feita em parceria com Fernando Brant, Oh! Minas Gerais/ Um caminhão/ Leva quem ficou/ Por vinte anos ou mais/ Eu iria a pé/ Oh, meu amor/ Eu iria até, meu pai/ Sem um tostão/ Em Minas Gerais/ A alegria é guardada em cofres, catedrais/ Na varanda eu vejo o meu amor/ Tem bênção de Deus/ Todo aquele que trabalha/ No escritório/ Bendito é o fruto/ dessas Minas Gerais. A diferença é que o título da canção se escreve "Aqui, oh!", e o bar, Aqui, ó!

Na casa onde mora com a família, no lugar em que ficava o *Mercadinho Aqui ó!* criado por Seu Prudente, pai de Toninho, começaram a fazer uma feijoada que foi ficando famosa. *Foi em 1989, o pessoal começou a descobrir e perguntar* ah, por que vocês não fazem música no quintal?. *Começamos a fazer chorinho, jogamos uma brita no chão, tiramos o milharal. O bar era cercado de abacateiros, mangueiras, bananeiras. Logo a gente se entusiasmou, comprou uma lona, fez um esquema de bilheteria e transformou o lugar em espaço cultural. Por uns três anos funcionava sete dias por semana.* \* No bar cabiam cerca de 250 pessoas e ele estava sempre lotado. Depois de três anos funcionando intensamente, o bar passou a abrir somente às quartas-feiras, apresentando música instrumental. *Eu ia pra Nova York e acabava trazendo alguns músicos. Trouxe o Rudi Berger, o coreano Jack Lee, Cliff Korman, pianista de Nova York... Então vira e mexe eu vinha com uma atração. O pessoal gostava de me ver contando umas novidades, aí eu montava um show, uma banda com os convidados, era muito bom.\** 

O bar se manteve por vários anos como uma espécie de baluarte da música instrumental e da música de qualidade em geral. Pelo palco do bar passaram, além das atrações internacionais, os instrumentistas Márcio Montarroyos, Sebastião Tapajós, Hélio Delmiro, Grupo Garagem, Beto Lopes, Juarez Moreira, Victor Biglione, Família Lima, além de cantores famosos, como Flávio Venturini, Nana Caymmi, Ângela Maria, Ângela Ro-Ro, Zezé Motta, Leila Pinheiro, entre outros.

Toninho Horta e André Dequech durante apresentação no Moscow Rio New York Jazz Festival, em 1992

Toninho ao lado da mana Lena Horta, flautista da Orquestra Fantasma, durante apresentação no Aqui ó!, bar que deixou saudade

Sintonia fina: os irmãos Toninho e Lena tocam juntos desde 1981, ano em que nasce a Orquestra Fantasma. Aqui, no bar Aqui ó!











Por quase dez anos, a família administrou o bar e a produção dos shows. O Aqui, ó! abriu em 1989 e fechou em 1998. Eu que decidi fechar, a lona começou a deteriorar, entrava chuva, com toda razão minha mãe já estava cansada, às vezes o som instrumental ia até 4 horas da manhã, a gente viu que o local exigia maior segurança, então vários fatores acabaram inviabilizando o bar. \* Músicos e bandas de diversas nacionalidades – francesas, holandesas, austríacas – que vinham tocar na cidade gueriam conhecer o espaço criado pelo famoso guitarrista mineiro. Foi um point muito respeitado pelos apreciadores da boa música. Alguns amigos até pensaram em propor tombar o local, criar uma associação de fãs e frequentadores. Um artigo publicado em O Estado de Minas mostrou toda a tristeza de um público fiel e crescente do bar, um dos primeiros quintais musicais criados em Belo Horizonte. Hoje tem muitos. Sinto saudade demais do bar Aqui, ó! Outras pessoas também, muita gente se lembra. Hoje tem uma placa no lugar onde ficava o bar, colocada pelo Museu Clube da Esquina, igual a outras que o pessoal do Museu espalhou pela cidade, relembrando os locais que fizeram parte da história do Clube.\*

Apresentação de Toninho e Orquestra Fantasma no *Moscow Rio New York Jazz Festival* 

### No Festo do Circo Voodor

O Circo Voador foi uma ideia do produtor Perfeito Fortuna e acabou desempenhando papel importante na renovação artística no Rio e depois no Brasil, na década dos 1980. Foi armado na Praia do Arpoador em janeiro de 1982 com a perspectiva de abrigar, somente durante aquele verão, shows de artistas consagrados, como Chico Buarque e Caetano Veloso, e de algumas bandas novas. Três meses depois, o Circo foi retirado da praia e mais tarde instalado na Lapa, onde permanece até hoje. O panorama musical brasileiro também passava por grande transformação e via surgir várias bandas novas, todas fortemente influenciadas pelo *rock*, como Barão Vermelho, Blitz, Lobão, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Kid Abelha, Gang 90, entre outras. Essa nova vertente musical encontrou amplo espaço de divulgação na Fluminense FM, a primeira rádio carioca totalmente voltada para o *rock*. O Circo Voador acabaria se tornando parceiro da rádio e levando ao palco as bandas que a FM divulgava.

O Circo Voador renovou também a cena teatral ao apresentar espetáculos do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. O grupo trazia uma nova proposta teatral, marcada por um humor irreverente (demolidor, às vezes), pela interpretação despojada, pela criação coletiva dos espetáculos e por uma forte interação com o público. Pelo palco do Circo também passou a inovação da bailarina e coreógrafa Débora Colker, hoje reconhecida internacionalmente.

Foi no palco ainda efervescente do Circo Voador que Toninho Horta se apresentou com Flávio Venturini, em agosto de 1989. Fizemos uma semana e foi um sucesso, acho que iam umas duas mil pessoas por dia assistir ao show. Foi tanto sucesso que a gente resolveu repetir na semana seguinte – e já com convite da gravadora SBK, que era parte da EMI, para gravar um disco ao vivo. \* A gravação resultou no LP Flávio Venturini e Toninho Horta no Circo Voador, relançado em CD pela Dubas, em 1997.

Do show gravado em disco participou Guilherme Arantes, músico que tem grande identidade com os mineiros. A participação do Guilherme foi uma exigência da gravadora, que sempre pensa no mercado, em vender disco. Eu sou grande fã do Guilherme, acho que ele é um grande melodista,

entre os representantes do pop brasileiro é um dos músicos mais consistentes. Na época, eu conhecia pouco o trabalho dele e me surpreendi com a sua participação. Mas ele se identifica muito com a música dos mineiros, era amigo do Flavinho e deu uma contribuição importante. O show foi muito bom, alto-astral, tinha um público muito à vontade. Uma galera ficava nas arquibancadas e outra, em pé ou sentada ali no gargarejo, perto do palco, todo mundo garotão, era um barato! \* O show foi levado para várias cidades – Belo Horizonte, São Paulo, entre outras.

O Flavinho é um cara muito legal, sempre participei de discos com ele, ele sempre gravou comigo. Participou do Diamond land e de outros projetos meus.\* Há dois anos Toninho e Flávio têm conversado sobre a possibilidade de gravarem um DVD em Inhotim, instituto que articula um museu com importante acervo de arte contemporânea a uma extensa área de preservação ambiental. Localizado em Brumadinho, a 60 quilômetros da capital mineira, conta com jardins cuja configuração segue conceitos do paisagista Burle Marx e criam cenários naturais deslumbrantes. Pessoas de várias partes do mundo já expuseram lá. Essas coisas inusitadas sempre pintam aqui em Minas.\*



Toninho em ação



Com os amigos Murilo Antunes e Flávio Venturini e o filho Manuel, Toninho renova as energias na cachoeira de Tangará, em Rio Acima, perto de Belo Horizonte, em 1989

Com os filhos saindo da cachoeira







Toninho, Chiquito Braga, o grande mestre, e Juarez Moreira, um seguidor, em apresentação de *Quadros modernos* 

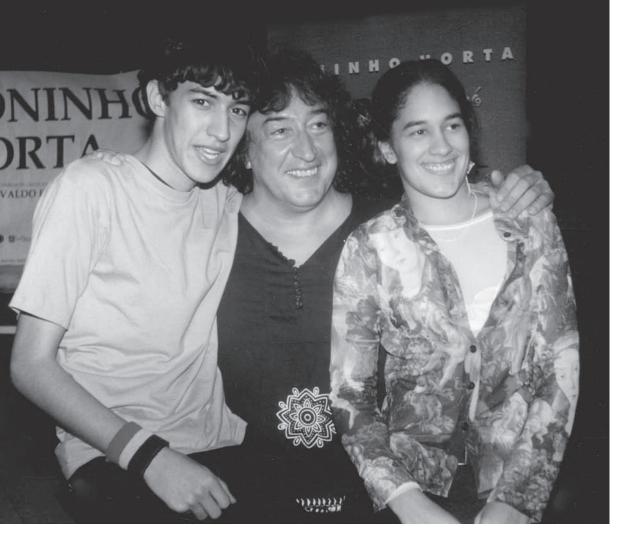
### A carreira em movimento

Além do disco ao vivo com Flávio Venturini, Toninho teve mais dois trabalhos lançados no Brasil nos anos 1990: *Qualquer canção*, com Carlos Fernando, e *Quadros modernos*, com Juarez Moreira e Chiquito Braga.

Qualquer canção, de 1994, reúne composições de Chico Buarque tocadas por Toninho e interpretadas por Carlos Fernando, ex-integrante do Nouvelle Cuisine, que chegou a ser considerado o melhor grupo de jazz fora dos Estados Unidos por ninguém menos que Wynton Marsalis. O Carlos é muito versátil em termos de colocação de voz, de timbres, ele canta muito aberto e muito explicado, às vezes, e pode cantar de forma muito intimista em outras. Muito forte o trabalho dele. \* Este foi um dos primeiros discos do selo Dubas, de Ronaldo Bastos, autor da ideia do disco. Ele me convidou, encontrei o Carlos Fernando, escolhemos o repertório. Eu fiz os arranjos e toquei, o Carlos cantou. Gravei uma instrumental, "Suburbano coração". Eu gosto muito de várias músicas desse CD, "Pedro pedreiro" eu gosto muito.\*

Quadros modernos, lançado no finalzinho da década, em 2000, foi gravado com um discípulo e um guru, ambos mineiros: respectivamente Juarez Moreira, violonista, compositor e arranjador de destaque, e Chiquito Braga, violonista que Toninho considera um mestre. O repertório inclui músicas dos três, quase todas inéditas. Acho que o disco condensa o som das nossas cachoeiras, dos nossos vales; todas as nossas pedras preciosas [estão] nesse trabalho. Foi um disco muito legal de fazer.\*

Um acontecimento especial marcou a carreira de Toninho Horta no final da década, no ano 2000. Durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil, Toninho foi convidado pelos embaixadores brasileiros no Japão a se apresentar para os imperadores na festa de comemoração da data. Fez um show solo, o único de um artista brasileiro no Japão, no tradicional Hotel Okura, em Tóquio. Tinha um jantar refinadíssimo, preparado para a família imperial, fiquei a 5 metros de distância deles. Cantei "Mas que nada" [de Jorge Benjor], "Garota de Ipanema" [de Tom Jobim e Vinícius de Moraes], algumas de minha autoria e outras músicas de sucesso. Fiquei muito emocionado. Foi nessa época que o Livrão passou de 400 para 500 partituras!\*



# A volta para Minas Gerais

Depois de quase dez anos morando fora, Toninho resolveu que era hora de voltar, retomar o convívio mais cotidiano com a família, respirar mais assiduamente o ar das Gerais. Voltou ao Brasil em 1999 e passou a investir mais firmemente em sua carreira no cenário nacional e em seus projetos, que nunca foram poucos.

Um dos projetos a que mais se dedicou ao longo de sua vida profissional foi o do *Livrão da Música Brasileira*, cuja ideia nasceu em 1985, junto com a de promover o I Seminário Brasileiro de Música Instrumental, que aconteceu no ano seguinte. O projeto do *Livrão*, dada a complexidade de sua realização, a envergadura das pesquisas, tem exigido fôlego mais estendido tanto do

Toninho e os filhos, Manuel e Luísa no lançamento do CD *Com o Pé no Forró*, em Belo Horizonte

ponto de vista dos recursos financeiros quanto humanos. Assim que voltou a morar em Belo Horizonte, decidiu se entregar a ele. De 2000 a 2005 trabalhei direto no livro. Conseguimos apoio da lei Rouanet, do Fundo Nacional de Cultura e da lei Estadual. Eu praticamente vivi para o Livrão. Foram anos de muita pesquisa, de muito trabalho. Com o último patrocínio da lei Rouanet, em 1995, pensei que ia terminar, mas ainda faltavam pesquisas e mais revisão sobre todo o trabalho de textos e partituras; ainda precisava de uma verba pra continuar. Pra manter a chama acesa, conservei uma equipe por dois anos, sustentei essa estrutura com os shows que eu fazia. Até tive certas dificuldades depois, com a empresa, porque eu não tinha verba suficiente pra manter tudo. Decidi por isso voltar pra minha carreira de artista e músico e registrar minhas obras mais importantes numa antologia ao vivo, só com a voz e o violão. Gravei então o disco Solo ao vivo.\*

Toninho Horta – Solo ao vivo foi gravado no teatro Sesiminas durante dois dias de apresentação, em setembro de 2004. Eu estava com 56 anos, já tinha feito muitos shows no mundo inteiro e quis fazer um registro não daquilo que tocava lá fora, mas das minhas próprias composições. Selecionei um repertório com base nos meus 40 anos de compositor, dos 14 aos 54 anos, as músicas mais significativas de cada época. Toquei 34 músicas por dia – algumas repetidas nos dois dias – e depois selecionei as quarenta melhores. Ouis mostrar a diversidade das minhas músicas.\*

Toninho ainda tem vontade de gravar outro disco solo registrando o que costuma tocar em seus shows pelo mundo. Músicas de seus ídolos Tom Jobim, Dorival Caymmi, Edu Lobo, Pixinguinha, Danilo Caymmi, sempre *re-harmonizadas*. *Acho que consigo transformar essas músicas e de um jeito muito legal, as pessoas gostam muito\**.

O Livrão continua em gestação, na fase de finalização das pesquisas e revisões.

### Minas Records

Uma das mais significativas decisões de Toninho Horta foi a de criar um selo próprio, o Minas Records. Essa decisão foi tomada a partir das tentativas de encontrar uma gravadora para lançar no Brasil o disco *From Ton to Tom*, gravado em 1998 para o mercado japonês. *Percorri as gravadoras todas de novo, pra ver se alguém se interessaria em lançar. Não só não quiseram como nenhuma sequer deu retorno. As gravadoras queriam trabalhar com uma música descartável, comercial, e os modismos todos, como o sertanejo, o pagode, o pop rock. <i>Desde os anos 1980 isso começou a acontecer. O selo foi criado por causa disso: ninguém quer, então eu quero.*\*

Pelo selo Minas Records saíram *De Ton pra Tom* e *Quadros Modernos*, em 2000, *Com o pé no forró*, em 2004, e *Solo ao vivo*, em 2006, além de outros lançamentos e relançamentos.

Com o pé no forró nasceu da parceria com Felipe Cordeiro, fã do compositor mineiro. O Felipe estava fazendo um disco em homenagem ao Clube da Esquina e eu o ajudei a encontrar o Beto Guedes, o Boca Livre, a Lena Horta para gravar com ele. Eu também participei. Ele veio pra Belo Horizonte e a sintonia foi forte, bem legal; o disco dele parecia de artista de Minas. Mais poeta que compositor, Felipe me ligou no ano seguinte pra fazer um projeto comigo – uma parceria, ele escrevendo as letras e eu compondo as melodias. Mas eu sempre tive vontade de fazer um disco tocando xote e baião, ritmos que eu já tinha gravado no meu disco de 1994 [Foot on the Road]. Adorava o Luiz Gonzaga, a quem já tinha homenageado num show no Arpoador, no Rio, com o meu grupo oficial, a Orquestra Fantasma, e os convidados Valdonis, na sanfona, mais um zabumbeiro e um outro cara no triângulo – fazer forró sem esta formação nordestina não seria uma boa. Ele gostou da ideia, propôs fazer um disco só de xote e baião, tudo cantado. Fui então discutir o projeto com o Felipe. Viajamos com os filhos pra Canoa Quebrada e lá pudemos afinar as ideias. Fizemos dez músicas inéditas, música minha e letra dele, e ainda compus um tema instrumental para o Dominguinhos, que virou o padrinho do disco. A música se chama "Viva Dominguinhos". Ele acabou também participando em mais de uma faixa – a música título, "Com o pé no forró", o "Asa branca", que ele já tinha gravado com muitas pessoas em diferentes versões. O disco tem também a partici-

Toninho e a medalha do Grammy: o CD *Com o Pé no Forró* concorreu como melhor álbum de MPB em 2005





Com Dominguinhos, parceiro de shows desde o início da carreira

pação da Elba [Ramalho], que eu conheci no Baixo Leblon, quando ela ainda trabalhava com teatro. E do Fagner, com quem eu já tinha gravado em seu primeiro disco, Aves de rapina, e com quem joguei muito futebol no campo do Chico Buarque. Chamamos o Manassés [de Sousa, cearense que conta 50 anos dedicados às cordas de violas, cavacos e violões], com quem eu também já tinha gravado, fomos chamando várias pessoas. O Dominguinhos acabou se apaixonando pelo projeto; cantou "Vida do viajante", que fecha o disco. Falei pra ele que gostaria que ele conversasse comigo tal qual o Gonzaguinha e o Gonzagão fizeram num disco. Só se for agora! — ele respondeu. Foi um papo muito carinhoso, saiu de primeira. O disco tem uma história bonita, começa com "Asa branca", um dos maiores sucessos de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, passa por toda uma história nossa [da música brasileira], das composições de xotes e baiões, e termina com outro sucesso do Gonzagão. É um disco de que eu gosto muito.\*

Com o pé no forró foi nomeado ao Grammy Latino de 2005 na categoria de melhor álbum de MPB, ao lado dos discos de Gilberto Gil, Joyce, Ivan Lins e João Gilberto. Fui pra Los Angeles, conheci muita gente legal e ganhei experiência, mas não levamos o prêmio.\*

Além desses discos, o selo Minas Records deve lançar vários outros – tanto de Toninho Horta quanto de alguns outros artistas. *A partir de 2000, em todo contrato de disco que eu faço, incluo liberação no Brasil para o meu selo.*O [CD previsto para ser lançado em 2010] Harmonia e vozes, independentemente da gravadora que for distribuir, vai ter a marca do meu selo, que assume a produção e criação do projeto. Minas Tokyo, CD recém-gravado para o mercado japonês, também vai ser lançado no Brasil pela Minas Records.\*

Pelo selo também foi produzido e lançado o CD Belas imagens, do compositor sergipano Edelson Pantera, cuja qualidade musical impressionou muito Toninho; e No tom de sempre, de Chico Lessa, compositor do Espírito Santo. Além de ter produzido, acabou também tocando no disco de ambos.

Quero reorganizar o selo e ter material, manter um catálogo vivo. Eu quero lançar alguns trabalhos em que eu me envolva como produtor ou arranjador. Eu gravei as guitarras no primeiro disco da minha sobrinha Diana [Popoff, compositora, flautista, pianista], uma supermusicista que tenho também vontade de lançar; também vou fazer a produção da minha cunhada Gracinha, que é uma dama da música mineira, uma cantora de grande estilo. Sempre pra divulgar a boa música, a música de qualidade, criativa, é por essas coisas que eu batalho.\*

## George Benson descobre Toninho Horto

O ano de 2005 fez o destino de Toninho Horta cruzar com o de um dos maiores nomes do *jazz* contemporâneo: George Benson, intérprete, virtuoso guitarrista e *bandleader*, que já se apresentou ao lado de *monstros* como Miles Davis e Herbie Hancock. Também na arena *pop* conquistou uma legião de admiradores que, entre 1976 e 1993, o mantiveram no topo das paradas inglesas 17 vezes e vinte e duas vezes na norte-americana.

Benson veio ao Brasil naquele ano e se apresentou com sua banda no Chevrolet Hall, em Belo Horizonte. Foi Paulo Nicolsky, que produziu o CD *Solo ao vivo*, quem pediu a Toninho para ir ao hotel Ouro Verde levar uma guitarra emprestada para a equipe. Nicolsky estava com Ivanildo, músico de Varginha e amigo de Forest Sprague, produtor e amigo de Benson. *Cheguei lá, tinha muita gente tocando pro Benson, nem quis ficar, falei que encontrava com o ele no show.\** 

Depois do show (maravilhoso, na avaliação de Toninho), Benson enviou um recado: Antonio, não dá pra encontrar você aqui, estou indo pro hotel, vamos nos encontrar lá. Toninho convidou o compositor Juarez Moreira, violonista com quem dividiu o CD Quadros modernos, seu irmão, Celso Moreira, e a sobrinha Perla com o namorado. Passou em casa para pegar o violão que resolveu deixar no carro, por via das dúvidas. Pensei: se tiver uma oportunidade de tocar pro Benson vai ser legal.\*

Chegaram ao hotel e ficaram esperando o *jazzman* no piano-bar, onde já se encontrava a equipe dele. Logo depois chegou Benson, acompanhado de seu principal produtor. Entreguei meus CDs pra ele, ali no lobby do hotel, ele agradeceu e subiu, parecia que ia dormir. Mas, 15 minutos depois, ele desceu novamente e ficou no piano-bar com o resto da equipe. Aí eu comentei com o Juarez: Tenho um violão lá no carro, mas não tenho cara de ir lá e tocar. Pegamos o violão e o Juarez começou a tocar, o Benson olhou pra nós. No terceiro acorde, ele já veio se sentar numa mesa perto da nossa, ficou olhando o Juarez, maravilhado. Então nós pulamos pra mesa dele e dissemos, puxa, Benson, que prazer você aqui, ouvindo a nossa música! O Juarez então falou: Agora eu vou deixar o meu professor tocar, Toninho vai tocar pra você. Toquei acho que Beijo partido e ele falou Magnificent, magnificent!,

falou isso umas cinco vezes, foi pedindo outra, toquei umas três ou quatro músicas e ele então ficou com vontade de tocar. O Celso também tocou. Ficamos num rodízio entre nós quatro desde uma até 4 horas da manhã. As pessoas nas mesas choravam de emoção, a gente nem acreditando, viajando na música um do outro.\*

A forte conexão que aconteceu entre Benson e Toninho comoveu a todos. Depois dessa noite mágica, Forest Sprague comentou com Toninho quanto o músico americano estava impressionado com o trabalho dele, que não conhecia. No dia seguinte, a produção de George Benson ligou para o guitarrista brasileiro. Ligaram pra mim dizendo que o Benson queria que eu produzisse alguma coisa. A princípio ele queria gravar um demo. Acho que ele não tinha certeza de que conseguiria fazer algo de qualidade aqui no Brasil, não sabia se ia encontrar os músicos certos, o produtor certo, qualidade técnica de gravação... ele queria os melhores músicos do Brasil. Falei pra ele que podia trazer para o trabalho os melhores músicos em atividade e com grande experiência de estúdio, também, mas que isso exigiria recursos. Todo mundo estaria com compromissos e seria um pouco difícil. O manager dele disse que nos Estados Unidos não era assim, que lá gravavam de graça pro Benson. Mas aqui não é assim.\*

Toninho afinal convenceu Benson a montar um grupo, alugar um estúdio e produzir um disco de fato. Disse a ele que ficasse tranquilo, que eu conseguiria ótimos músicos, ótimo estúdio e engenheiro de som, garantia que ia ficar muito bom, mas que isso teria um custo. Tive a audácia ainda de propor a ele chamar três bateristas, três baixistas e três pianistas pra tocarem em faixas diferentes pra que o som tivesse diversidade, já que ele queria gravar balada, uma coisa mais funk, outra mais bossa. Por isso eu propus chamar vários músicos, pra gente poder contar com essa diversidade. Ainda aconteceu de sermos visitados no estúdio pelo Rogério Bocato, percussionista, e o Raul de Souza, star do trombone, que acabaram por gravar com a gente. Deu supercerto.\*

O estúdio da Trama, de João Marcelo Bôscoli e César Camargo Mariano, era a primeira alternativa para a gravação, mas estava ocupado, só poderiam

ser disponibilizadas quatro horas, o que seria insuficiente. Toninho ainda falou diretamente com César Mariano, mas ele havia se comprometido com a produção de um disco da Gal Costa. Alugaram então outro estúdio, Guilherme Canaes foi chamado para ser o engenheiro de som; e Marcelo Lima, filho da cantora Alaíde Costa, ficou responsável pela produção executiva do trabalho e acabou também tocando violão em "Sailing", de Christopher Cross, e cantando um clássico de Djavan. A Terra dos Pássaros, produtora de Toninho Horta, pesquisou e registrou a biografia de todos os músicos participantes do projeto, pois Benson queria conhecer cada um deles.

Passei um orçamento pra ele, barato pra dois dias de gravação. O show tinha sido na quarta-feira. Me ligaram na quinta pela manhã, armei tudo em quatro dias: no domingo estavam todos viajando pra São Paulo. Eu ainda paguei as passagens com cartão de crédito, ficou tudo sob minha responsabilidade, eu acreditei que o projeto ia dar certo. Ficamos no Hotel Unique. Organizaram um superjantar lá, chamei todos os músicos de São Paulo e do Rio, foi bem legal. Nessa ocasião o Benson falou pra todo mundo: Vou querer um trabalho bem-feito, bem tocado, mas simples, pra que as músicas possam ser ouvidas no mundo inteiro. Não quero que os músicos usem seu virtuosismo, só sua capacidade profissional de tocar limpo, correto, sem firulas. Todo mundo entendeu a proposta. O Benson queria que eu rearranjasse todas as músicas. Fui produtor, arranjador, chamei todo mundo, decidi quem ia tocar com quem, o tipo de levada pra cada música, e ainda toquei violão em todas as faixas. O Benson me disse que ia mixar o meu violão e a guitarra dele de um modo bem equilibrado, na frente e em destaque.\*

Toninho ficou até as duas e meia da manhã para terminar dois arranjos que seriam gravados às 9, dali a pouco mais de seis horas. A sorte foi que o técnico de som demorou um pouco para ajustar o funcionamento do estúdio para a gravação. E, enquanto ajeitava as conexões, as ligações todas, eu terminei os arranjos.\*

Em dois dias gravaram oito músicas. Entre elas, "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso, "Sailing", de Christopher Cross, "Don't let me be lonely tonight", de James Taylor, "Tanta saudade", de Djavan e Chico Buarque, "Amazonas", de João Donato. Depois gravaram ainda outras três, não oficiais, que queriam mostrar para o músico americano: "Beijo partido", "Viver de amor", ambas de

Toninho Horta, e "Vestido longo", de Arismar do Espírito Santo. *Ele gostou de tudo, gravou tudo em DVD.\** No final, enquanto a equipe tomava um champanhe no aquário do estúdio, Benson falou para as mais de 30 pessoas que estavam ali que já tinha viajado para várias partes do mundo e que, em todo lugar, sempre lhe apresentam alguém como *definitivo* na sua arte; e que ele vê sempre músicos geniais tocando em todo lugar, mas que, quando viu Toninho Horta tocar aquela noite no hotel, em Belo Horizonte, percebeu que estava diante de um músico especial, diferente do que costumava encontrar nas suas andanças ao longo de tantos anos de carreira. Viu um som altamente técnico, mas quente, com suingue e novidade harmônica.

Benson não conhecia meu trabalho. Só quando ele soube que eu tinha uma carreira internacional, que viu pelos discos que eu levei pra ele, é que ele pôde acreditar em mim como produtor, como alguém capaz de entender a linguagem que ele queria, a qualidade, a musicalidade que ele pretendia.\* Durante as gravações, Benson deu uma entrevista à revista Guitar Player em que afirma: Quando alguém vem para cá, fica impregnado de uma atmosfera que não existe em nenhum outro lugar do mundo.<sup>23</sup>

Logo depois das gravações, Toninho partiu para uma turnê com Rudi Berger pela Áustria. Cheguei lá com dor de garganta, acho que de tão empenhado, tão concentrado que eu fiquei nos dois dias de gravação. Nós gravamos 11 bases em dois dias, trabalhando 12 horas por dia! No terceiro, em algumas horas, ainda fui lá fazer alguma coisa de voz e de violão que eu precisava consertar.\*

Quando o produtor de Benson ligou para os acertos de pagamento, pediu uma revisão do orçamento, alegando que o músico americano o havia considerado superior ao esperado. Me pediram para abaixar US\$ 10 mil. Eu não podia tirar de ninguém, tirei do meu, mas pedi um percentual como produtor. Eles toparam e enviaram o pagamento, todo mundo recebeu. Quando cheguei de viagem, minha irmã Berenice me contou que a gerente do banco tinha telefonado pra ela dizendo que tinha chegado uma ordem de pagamento dos Estados Unidos assinada com o mesmo nome de um superstar americano, o George Benson. A Berê respondeu: Ah!... é o cara mesmo! A gerente nem acreditou. Quer dizer, o cara mesmo assinou com a letra simples dele.\*

O trabalho ainda não foi lançado no mercado. Ligaram pra mim, me disseram que o pessoal dele vai entrar em contato comigo agora [em 2010], estão querendo retomar o projeto. \* Uma pequena amostra de todo esse esforço pode ser ouvida no CD Songs and stories, de George Benson, lançado em 2009. Nele estão incluídas as músicas "Don't let me be lonely tonight" e "Sailing". A ideia desse disco era reunir músicas de vários compositores e fazer uma retrospectiva de uma música que juntasse qualidade com potencial de venda, ser uma música bonita e, ao mesmo tempo, boa para o público conhecer, absorver, cantar\* – como as canções de James Taylor e Christopher Cross, que são as que abrem e fecham o disco. No DVD que registra o making of do disco, Benson comenta a parceria com Toninho: Escolhi "Sailing" para gravar porque acho uma canção maravilhosa e não me lembro de ninquém tê-la regravado. Para isso, contei com a producão de um excepcional músico brasileiro chamado Toninho Horta, um dos mais respeitados músicos de seu país. A gente fez um projeto juntos e, mesmo depois de passados quatro anos, a faixa continua moderna o suficiente para entrar no meu novo álbum. Depois de ouvir a faixa com o produtor [Marcus Miller] do disco [Songs and stories], decidimos que realmente deveria fazer parte do projeto. Nós tivemos momentos maravilhosos iuntos no Brasil.24

Na opinião de Toninho, o disco [Songs and stories] é muito bom, mas tem muito o som dos anos 1980, muita metaleira. O que a gente fez tem outra atmosfera, mais leve, um sabor fresh da coisa brasileira. Gravamos com músicos de nível internacional, o que resultou num trabalho muito sofisticado, mas sempre com o lado brasileiro bem forte, um pouco do suingue do baião, do samba, do choro, tudo muito sutil, com muita elegância. O resultado foi muito elogiado. O Benson adorou ter tocado com a gente a noite toda aqueles solos de violão no hotel, acho que ele até gostaria de tocar mais, mas o grande público o conhece como cantor. Ficamos amigos, às vezes a gente se liga no final do ano pra desejar Boas Festas. Ele é um dos músicos tradicionais do jazz que eu mais queria conhecer, e aconteceu. Só que depois ele também adorou ter conhecido a gente, a minha música. Foi a mesma coisa quando eu conheci o Wayne Shorter e o Herbie Hancock em 1976 na Califórnia. A gente tinha cansado de ouvir o Miles Davis com esse dois grandes músicos tocando. Depois a gente toca lá fora e os caras falam, ah! vocês é que fazem uma coisa diferente. Isso é muito interessante.\*

#### Viver de amor

Toninho Horta / Ronaldo Bastos

Quem quis me ferir

Ficou assim

Não aprendeu perdoar

Morrer de amor até o fim

Não brinque de esconder

Não fica bem

Você mentir depois de jurar

Desperdiçar

O tempo de tentar morder

E provar do amor e não largar

Pra tentar conhecer

Quem olha pra mim

Me vê feliz

Não sabe o que é duvidar

Viver de amor até o fim

Não quero mais chorar

Sem perceber

Jogar a vida inteira no ar

Saber de cor

Viver do jeito que se quer

E morrer de amor e não ligar

Pra tentar esquecer

### Reencontros do Clube

Não foram poucas as tentativas de reunir em show os músicos que participaram do Clube da Esquina, sobretudo aqueles que se envolveram diretamente com a gravação daquele álbum histórico da música popular brasileira. A maioria dessas tentativas não obteve sucesso, sobretudo devido à dificuldade de compatibilizar as agendas de todos. Mas dois reencontros merecem destaque.

O primeiro deles aconteceu em São Paulo, em 1989, e exigiu a articulação entre vários produtores. Toninho Horta, Lô Borges, Wagner Tiso, Beto Guedes e Flávio Venturini se reuniram no show *Minas em concerto*, numa temporada de três dias. O show também contava com Paulinho Carvalho (baixo) e Neném (bateria). O último dia do show, 26 de outubro, coincidia com o aniversário do Milton. Queríamos provocar a participação dele. Ele foi ao show, nos encontrou no camarim, fizemos um bolo e cantamos parabéns, mas ele não quis participar.\* Ainda assim foi um espetáculo raro, que emocionou a plateia.

Em 2006, a Funarte inaugurou um espaço cultural em Belo Horizonte conhecido como Casa do Conde. Para marcar a data, a organização do evento chamou Toninho Horta para fazer a curadoria de um show que pretendia reunir os músicos do Clube. Sabia que o Milton não viria. Então resolvi fazer um show em homenagem a ele. Depois, o Lô também não pôde participar e dediquei o show aos dois. Na verdade, o Clube da esquina tem a assinatura deles.\* Esse show reuniu a maioria dos músicos e letristas que participaram da

Com o amigo e parceiro Beto Guedes: longa jornada



gravação do disco. Beto Guedes, Nelson Angelo, Tavito, Flávio Venturini, Fernando Brant, Márcio e a família Borges, entre outros. Conseguimos colocar o melhor som que havia, chamamos uma equipe técnica de São Paulo pra trabalhar junto com a equipe competente de Minas, colocamos duas baterias no palco, enquanto uma apresentação acabava já iam montando a seguinte. Foram dois dias de show. Mesmo chovendo, embaixo de uma lona, apareceram mais ou menos duas mil pessoas por dia. O pessoal ficava mais de cinco horas assistindo à gente, querendo mais. Eu ainda investi numa filmagem em DVD e numa gravação de áudio, deu um total de 12 horas de gravação. Tenho esses registros todos. Foi muito lindo, o pessoal me agradeceu demais. Quero muito lançar esse material.\*

Toninho Horta está sempre pensando em novos projetos para promover a música de qualidade, em especial a música mineira. Fiz outro projeto chamado Minas Gerais: terra da música. Fortaleza é a Cidade do Sol; Salvador é a Cidade do Axé; o Rio é a Cidade Maravilhosa. Então acho que Minas Gerais, e a cidade de Belo Horizonte, em especial, podia assumir isso – porque, de fato, aqui é a Terra da Música. \* Ele gostaria de lançar esse projeto num Festival de Verão, que poderia expandir os espaços de apresentação da boa música para o público em geral. Existem vários Festivais de Inverno, em julho. Acontecem também vários festivais de jazz entre agosto e novembro. Poços de Caldas, Governador Valadares, Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, Itabira, todos esses lugares promovem festivais. Esse evento aconteceria no verão e seria público, totalmente democrático. Queria que todos pudessem ouvir, até mesmo em espaços alternativos, como hipermercados, rodoviária, praças. \*

Uma das maiores felicidades de Toninho Horta é proporcionar às pessoas uma música de qualidade, que traga felicidade, esperança. *Tudo isso me dá motivação. Eu quero fazer as coisas do bem, pra deixar alguma coisa, um legado, esperança para as novas gerações. Inclusive exemplo de integridade profissional. Muita gente faz evento só pra ganhar dinheiro. Eu quero fazer uma coisa que dê destaque à cultura, a uma forma de pensar, que passe valores.\** 

### De volta à cena americana

O envolvimento com seus próprios projetos e um contexto internacional pouco favorável afastaram Toninho Horta dos palcos norte-americanos por nove anos. Depois do 11 de setembro [de 2001] eu fiquei meio sem motivação pra voltar a Nova York... E o mercado, em geral, deu uma retraída. Voltei só em 2007. Peguei aqueles cartõezinhos que a gente ganha, fui pra internet e mandei e-mail pra todo mundo – músicos, gente de estúdio – dizendo que estava de volta. Muita gente respondeu e ficou satisfeita com a minha volta aos Estados Unidos.\*

Toninho tinha ido à Europa e, na volta, passou em Nova York para visitar a irmã Gilda. Encontrou um amigo que estava agenciando um novo clube de *jazz*, o Cachaça, e o convidou para se apresentar lá. *Disse que tinha muita gente querendo tocar comigo.* \* O Cachaça, localizado em Greenwich Village, é um conceituado clube de *jazz*, conhecido por ter uma acústica diferenciada, à altura do som do piano Steinway de que dispõe a casa.

Aceitei o convite para uma apresentação, tivemos uma semana pra divulgar o evento. Fiz um primeiro set de show solo. Ben Ratliff, crítico do N ew York Times, estava lá aquele dia, mas, talvez pra não me deixar inibido, sentou no fundo, ficou lá atrás me vendo. A primeira mesa perto do palco, que era dele, ficou vazia. Fiz um show de quase uma hora, só voz e violão, uma coisa bem intimista, como se estivesse em Minas Gerais. Foi uma ovação. No segundo set, todo mundo queria tocar comigo. Um punhado de gente tocou mesmo. Tivemos de fazer ainda um terceiro set, tantas eram as pessoas que queriam subir ao palco comigo. No final tocaram uns três gaitistas, quatro pianistas, quatro ou cinco bateristas, um saxofonista, uns três guitarristas... o show foi se alongando! Havia lá muita gente de gravadora, músicos. Lembro que vendi vários CDs do Solo ao vivo. Fui passar uma semana e acabei ficando três. Foi muito bom pra matar a saudade, reativar os contatos. \* A irmã Gilda Horta lembra: O primeiro tempo, que foi aquele a que o crítico do N ew York Times assistiu, foi fantástico! Ele ao violão, tocou divinamente, não se ouvia nem a respiração das pessoas.

Algo como dois dias depois da apresentação, Toninho andava pela 8ª Avenida quando resolveu comprar o jornal. *Quando abro, assim, estava lá um artigo de quase meia página, falando do show.\** Entre outros elogios, diz o artigo:



Horta cresceu nos palcos e tornou-se um bandleader, tendo trafegado pelo jazz com mais frequência que seus conterrâneos de Minas Gerais. Mas sua apresentação solo no Cachaça do Greenwich Village, na segunda-feira, voltou a causar os mesmos arrepios emocionados que as suas gravações mais antigas provocavam. Havia uma originalidade impressionante e uma pureza de intenção acontecendo com a música: ela nascia calma e intensa, em meio a transes agitados.

Para o público norte-americano, Horta é um dos gênios que se foi daqui. (Talvez especialmente para os músicos: se você quer saber por que os instrumentistas modernos de jazz são enfeitiçados pela música brasileira, ele é um bom ponto de partida para a resposta). Ele morou em Nova York por um período, mas agora está estabelecido no Brasil novamente.<sup>25</sup>

Toninho voltou aos Estados Unidos em 2008 para tocar num show beneficente no Joe's Pub, no Village, com uma banda de músicos brasileiros. Em 2009, fez o show Samba jazz & the music of Antonio Carlos Jobim, no Dizzy's Club Coca-Cola, em Nova York, com Eddie Gomez e convidados. Estou procurando um novo agente americano. Eu gostaria de fazer turnês maiores. Sei que é mais difícil, vários músicos de jazz já não trabalham tanto quanto trabalhavam. Mas eu gostaria de fazer coisas mais compensadoras.\* Toninho tem encontrado várias perspectivas de trabalho naquele país, onde os melhores clubes de jazz e casas de espetáculo serão sempre palco natural para sua música.

Com a mana Gilda, temporada em Nova York

### Com a banda no Billboard Live

Toninho Horta ficou muito tempo também sem ir para o Japão, país que considera sua segunda casa. A volta se deu em contexto muito favorável, porque permitiu que ele apresentasse um trabalho mais pessoal.

Toninho já havia feito alguns shows solo em clubes de *jazz* sofisticados, como o Sabbath Tokyo ou o Clube Quatro. Ele se lembra de quando esse clube organizou uma temporada de Bossa Nova durante a qual se apresentaram Roberto Menescal, Carlos Lyra, Quarteto em Cy, Wanda Sá, Edu Lobo, músicos históricos da Bossa Nova. Toninho também se apresentou e acabou atraindo o maior público de todos, pois já tinha ido ao Japão várias vezes, com bandas de diversas formações, tocando *jazz*, *pop* e música brasileira, e por isso era já conhecido. Mas muitas vezes não ia ao Japão como artista principal, mas sim como convidado. Apresentou-se acompanhando outros músicos, várias cantoras, como Astrud Gilberto, Lisa Ono, Miasawa, Takamasa Segui, Akiko Yano – *gente de outras famílias musicais, vamos dizer assim, o que sempre foi muito bom. Eram shows bem remunerados, e –principalmente – eu tinha identidade com essas pessoas\*.* 

Nessa volta, em 2008, depois de vários anos sem se apresentar por lá, Toninho levou sua banda para tocar no Billboard Live, um dos mais conceituados clubes do Japão, uma versão pop do Blue Note. Apresentaram-se nas cidades de Tóquio e Osaka. Foi interessante porque levei a Orquestra Fantasma, minha banda, completa: o baixista Yuri [Popoff], a flautista Lena [Horta] – minha irmã –, o tecladista André [Dequech], o baterista Neném e ainda o Rudi Berger, violinista que toca sempre com a gente. Como a casa é de vertente mais pop, tinha muita gente nova. E havia vários músicos jovens de banda que foram lá me ver. Entre eles, eu conheci o Ken Hirai, que é o Roberto Carlos do Japão. O Ken acabou me convidando para gravar com ele em Nova York. Gravei em dezembro de 2008, numas das minhas escapadas pra Nova York, onde eu vou gravar e ninguém fica sabendo. Foi o cachê mais alto que eu já tinha ganhado [pela gravação de uma faixa]. Eu o acompanhei tocando "Moon river", de Henry Mancini. O trabalho fazia parte de um documentário para a Nasa. Era dia do meu aniversário, o Ken Hirai veio trazendo bolo pra mim, foi superengraçado. Esse tipo de reconhecimento, ver que o trabalho que a gente construiu ficou valorizado, é o que compensa no final.\*



Aniversário durante gravação com Ken Hirai, em Nova York, em dezembro de 2008

### Os outros discos dos anos 2000

Além de *Com o pé no forró* e *Toninho Horta – Solo ao vivo*, lançados no Brasil, Toninho Horta fecha a década com mais cinco trabalhos: *Cape Horn, Tonight, Toninho in Vienna, Harmonia e vozes* e *Minas Tokyo*. E, como produtor, Toninho também lançou *O som instrumental de Minas Gerais*.

Cape Horn foi um projeto do produtor João Samuel, também letrista e apaixonado por música brasileira, principalmente Bossa Nova. Toninho o encontrou em um festival, do qual participou como jurado, junto com Arismar do Espírito Santo. João Samuel havia presenciado, algum tempo antes, uma canja dos dois amigos músicos num churrasco, em um sítio próximo à cidade de Igarapava, onde morava. Desde então queria reunir Toninho e Arismar em um trabalho. O encontro no festival resultou no Cape Horn, lançado inicialmente com financiamento de uma empresa privada e, por isso, em edição limitada. Ficou um trabalho muito bom, que mistura músicas novas com canções americanas. O Arismar é muito competente, versátil, toca violão, violão de sete cordas, baixo, guitarra..., eu também toco violão, guitarra, uso voz... ficou bonito o resultado. \* Cape Horn ficou cerca de dois meses como o CD de jazz mais recomendado na lista do jornal O Globo. Há previsão de que saia, ainda em 2010, nova tiragem pelo selo Minas Records e distribuição por uma gravadora multinacional.

O som instrumental de Minas Gerais registra uma compilação de várias músicas que pretende mostrar a diversidade sonora produzida no estado. O multi-instrumentista italiano Nicola Stilo e o guitarrista e produtor coreano Jack Lee participam com uma música cada um. Ambos gostam muito da música de Minas, acho que os influenciei. Quis mostrar como essa música tem capacidade de ser universal. Era pra sair uma série, só saiu o primeiro por enquanto. \*Também integram o repertório músicas de Yuri Popoff, Juarez Moreira, entre outros.

Tonight é fruto de um trabalho com o parceiro americano Tom Lellis, que Toninho conheceu em Nova York. Grande admirador da música do mineiro, fez letras em inglês para canções como Luísa e Mountain flight. Esse disco, lançado pelo selo Adventure, foi pensado para o mercado americano. Gravamos composições nossas, músicas dele também, que é um grande

compositor e pianista, e alguns clássicos americanos. Um disco só de guitarra e piano, usando voz e um pouco de percussão que a gente mesmo tocou.\*

Harmonia e vozes resultou de uma premiação da Funarte que, no final de 2008, contemplou dois artistas por estado. Toninho Horta resolveu, com o prêmio, comemorar os 40 anos de carreira convidando alguns de seus fãs para gravarem, com ele, um disco a muitas vozes. Foi um trabalho demorado e difícil. Não foi fácil conciliar todas as agendas e rotas. Depois de nove meses, o período de uma gestação, consegui terminar. Gravei com uma orquestra pequena no Rio. Fiz o resgate de todos os parceiros antigos – Fernando Brant, Márcio Borges, Murilo Antunes. Eles todos fizeram letras inéditas, só faltou o Ronaldo Bastos, que estava na Alemanha. Então gravei uma composição antiga nossa, "Serenade", e sugeri para o Erasmo Carlos cantar. Tinha pensado em dar para a Ivete Sangalo interpretar uma música que tinha feito em sua homenagem, "Você me trouxe o sol", mas ela preferiu gravar "Diana" porque essa canção faz parte da vida emocional dela, da época de adolescência. Me lembro do dia em que eu chequei pra cumprimentá-la depois de um show no Estádio do Independência. Assim que eu cheguei no camarim, o maestro e saxofonista dela, o Lutieres Leite, falou, Ivete, olha quem está aí! E a Ivete começou a cantar A cidade acalmou / logo depois das dez... - ela conhecia todas as músicas do [disco] Terra dos pássaros. Foi uma grande surpresa e muita alegria pra mim, eu tinha mesmo de chamá-la pra participar desse meu disco comemorativo. Foi muito carinhosa a participação de todos os cantores e de todos os músicos, eu figuei realmente muito contente. Mas foi uma produção cansativa. Eu acabei assumindo a produção artística, a producão executiva, fiz letra, arranjos, regi, cantei, toquei violão de aço, de náilon, , foi muita coisa. Também dei aquela extrapolada [financeira] básica, porque eu queria incluir uma orquestra e acabei tendo de investir. Mas foi um disco que me deu muita alegria, estou comemorando os 100 anos de minha mãe, os 40 anos da minha carreira, meus 60 anos de vida e o reencontro com os músicos e estúdios do Rio. \* Nas 16 faixas do disco, foram usadas sete duplas de baixistas e bateristas. Quero agora montar uma banda nova pra divulgar o disco, que tem um jeito mais pop.\* Lançado em 2010, o trabalho foi indicado ao Grammy Latino na categoria Melhor Album de MPB.

Toninho in Vienna foi lançado na Áustria pelo selo PAO Records, de Paul Zauner, que Toninho conheceu durante uma turnê pelo Leste Europeu. Estava em excursão com o Rudi Berger na Eslováquia e Eslovênia, era a terceira ou quarta turnê que a gente fazia na região e participava do Inn Tonne Jazz Festival,

no interior da Áustria. Conhecemos o Paul Zauner e ele convidou pra gravar um CD só com músicas minhas.\* O CD não foi ainda lançado no Brasil; o selo Minas Records detém os direitos de lançamento.

Minas Tokyo foi gravado para o mercado japonês, a convite de um produtor que já tinha lançado ali João Gilberto, Marcos Valle, Moacir Santos. O CD foi gravado em nove dias. Vai sair por um selo pequeno, mas de grande qualidade musical. Eles trabalham em associação com uma das maiores agências produtoras de concertos do Japão. Vão me levar pra uma turnê. \*Todas as canções são de Toninho Horta; estão lá, por exemplo, "Beijo partido" e "Saguin". A Nobi [cantora da nova geração que o público japonês está descobrindo] canta uma parte de "Beijo partido" em japonês, enquanto eu canto minha letra no original, em português. \* Dentre as inéditas, algumas homenageiam os melhores amigos no Japão, como Miki e Teru. Fiz uma música pro trem-bala lembrando as estações de Tóquio, Nagoya, Kyoto, Fukuoka. Gravei também uma versão de um clássico de John Coltrane, "Giant steps", que é uma música difícil, bem complicada. Fiz o arranjo no estúdio, em apenas uma hora e meia desenvolvi as ideias e registrei este famoso standard americano no CD. \*

Quando acaba de gravar um disco, Toninho está sempre pensando no próximo. Quando termino não quero nem ouvir. Participei tanto, acompanhei cada pessoa gravando, sei tudo o que todo mundo tocou... E quando finaliza na mixagem ou masterização e não pode mais mexer em nada, alterar nada, aí começa meu sofrimento. Então já começo a pensar em outro disco.\*

A vontade agora é de gravar um disco de rock mais pesado. Só com baixos, guitarra e bateria, pra homenagear o [Eric] Clapton, [Jimi] Hendrix, o Jimmy Page e o Jeff Beck, que são meus ídolos. Talvez colocar um pouco de funk, ou hip hop, uma coisa mais pesada mesmo. Eu já estou ligado nesse disco. Quero aproveitar a força da juventude que ainda tenho pra fazer esse trabalho. O Erasmo Carlos fez um disco agora só de rock. Eu quero fazer um assim, bem legal!\*

O músico tem vontade, também, de gravar com alguns históricos da MPB: Paulo Moura, Altamiro Carrilho, Joel do Bandolim, Dominguinhos, Edu Lobo, de quem Toninho é grande fã. Queria fazer uma trabalho mais solto com eles, talvez registrar duos, mas só queria tocar, não quero me envolver com produção, nada disso. Quero tocar com várias pessoas que eu conheci. Acho que a gente tem que aproveitar os gênios da música brasileira e mundial, reunir, ter esses registros.\*

# Os *Workshops*: Pensando a Própria Música

Para poder passar pra outras pessoas, a gente acaba analisando a nossa música teoricamente, e isso é uma coisa diferente. \* Esse exercício Toninho Horta tem praticado fartamente nos muitos workshops que tem ministrado. Entre tantos, lembra-se especialmente do que fez em 1983, no Guitar Institute of Technology, hoje Musicians Institute, em Los Angeles, Califórnia. Esse foi genial porque eu estava de passagem por Los Angeles e tinha um amigo, o guitarrista Nelson Faria, de Brasília, que estudava nessa escola. Ele me convidou para ir até lá conhecer o pessoal, tocar para seus colegas alunos. Eu entrava na sala com um professor e era apresentado, esse aqui é o Toninho Horta, começava a tocar – o pessoal lá era fanático pra tocar. Aí tocava, vinha outro professor e me levava pra sala dele também. Figuei rodando de sala em sala. O Joe Pass [americano, um dos mais geniais quitarristas da história do jazz], que é um artista consagrado, estava lá, dando aulas como visitante e guiseram me colocar para tocar com ele. Ele ficou fanático, me ligou mais tarde naquele dia umas cinco vezes, queria me encontrar, gravar comigo. O Max Viana, filho do Diavan, que estudava nessa época na escola e estava comigo, brincou: O seu amigo Joel (falando bem abrasileirado) ligou de novo! Os músicos têm vontade de tocar juntos, gravar, mas aí, quando entra empresário, contrato, gravadora, a coisa fica complicada. O Joe Pass gostou demais de tocar comigo, nós nos encontramos no Brasil em 1985, quando ele tocou no Free Jazz, em São Paulo... mas nunca rolou de fazermos nada juntos.\*

Nelson queria também que Toninho desse um show ou workshop na escola. Ele foi falar com a diretoria, mas os horários estavam todos ocupados. Eu ia ficar poucos dias em Los Angeles. Mas ia ter um workshop do Abe Laboriel, um baixista, músico de estúdio, maravilhoso. O Nelson me disse: Só se você vier no workshop do Abe. O Abe era meu amigo, liguei pra ele e expliquei tudo e ele topou. Levou um batera, um baixista, eu de guitarra, um percussionista e levou outro guitarrista, o famoso Larry Carlton. Eu era o convidado brasileiro dele. Combinamos de tocar umas duas ou três músicas minhas e eu entrava quando quisesse nas músicas deles, uma coisa livre, algum jazz standard. Fizemos um som, eu entrei, ele entrou, fez um solo, depois me chamou, tocamos um groove pop em mi dominante. E perguntou: Qual tema de jazz você toca? Eu disse: olha, já ouvi muito jazz na minha vida, mas sou

meio tímido pra solar. Mas adoraria tocar "I love you", do Cole Porter, essa eu sei. Fomos tocar a música, o Larry comendo a guitarra, quando ele tocava o público vinha abaixo. Eu já estava meio impressionado com o cara. E ainda ia tocar música americana, quer dizer, a praia deles... Pensei, agora eu estou frito. Quando veio pra mim, eu comecei a fazer um solo de acordes, já com a malandragem brasileira de colocar algo do ritmo de baião, de samba, coisa que naturalmente a gente coloca, fiz umas inversões... o público veio abaixo! Ninguém esperava aquilo, fazer uma coisa diferente. O Nelson Faria é que lembra disso, tem a fita cassete. Aí teve o troco. As duas últimas músicas eram minhas. Quando fomos tocar Beijo partido, o Larry Carlton pegou minha partitura cheia de harmonias, diferentes daquelas da Berklee, apanhou demais pra tocar minha música. Mas solou bonito!\*

A mítica Berklee School, sonho de dez entre dez músicos de jazz, também recebeu Toninho Horta para um workshop. Eu tenho um trabalho muito pessoal, todo mundo tem a maior curiosidade. Foi muito legal fazer show com a banda de uns americanos, o workshop foi muito divertido, o pessoal gostou demais.\*

Toninho Horta realizou esse tipo de trabalho também em vários países da Europa. Na Itália, dei [aulas] umas duas ou três vezes, na Academia Romana de Música. Também na Austria, em Graz, foi muito bom, muito bons músicos. Já estive na Escola de Música – tipo conservatório – da Dinamarca, e no famoso Summer Class Workshop, na cidade interiorana de Villekilde, também na Dinamarca. Esse é o mais legal porque são só seis ou sete professores, geralmente músicos já conceituados, a maioria americanos, um da Europa e sempre gente que tem nome no mercado internacional. São 60 estudantes, todos profissionais de música, até alguns professores de conservatório, que se agrupam conforme o interesse musical. São formados grupos de 8 a 12 alunos, que são distribuídos entre os professores. Um professor trabalha todo dia com o grupo dele pela manhã e, à tarde, fica uma hora e meia com outro grupo, a cada dia um grupo diferente. No final da semana, todo mundo tocou com todo mundo. Esse curso existe há mais de 30 anos e a maioria dos músicos famosos do mundo já deu aula lá – Chick Corea, Keith Jarettt, Ray Brown, Oscar Peterson...\*

Fez também uma série de *workshops* na UEMG e na Fundação de Educação Artística. Também idealizou e ministrou cursos de uma semana em Belo Horizonte, chamados Além das Montanhas. Um de seus mais significativos

trabalhos de formação Toninho desenvolve ainda hoje com a Orquestra de Violões do Colégio Estadual Central, dirigido há mais de 20 anos por sua irmã, Berenice Horta, também idealizadora da Orquestra da qual o irmão guitarrista é padrinho. *Já fiz* [workshop com a Orquestra] por lá duas vezes. É muito bom provocar a curiosidade musical dos meninos. Fiz até uma música pra eles chamada Canção da juventude [gravada no disco Harmonia e vozes]. Foi bom que eu comecei a dar aulas eventualmente, a orientar a parte conceitual.\*

Brasília também já contou com Toninho como um dos professores de um curso de verão. O Curso de Verão da Escola de Música de Brasília é muito bom. Tem todo ano. Os professores têm muita experiência. Minha turma era chamada de Maracanã, porque a sala estava sempre cheia. Formavam duas turmas de 23 alunos e, no final, a gente reunia todo mundo pra tocar. Virava sempre um happening.\*

Além de *workshops*, às vezes Toninho é convidado para se apresentar em escolas de música. Em 2008 foi convidado a tocar com a Big Band da Manhattan School of Music, composta pelos estudantes da escola, num show em comemoração aos 50 anos da Bossa Nova. Cliff Korman, pianista e compositor americano, educador e pesquisador de música brasileira, convenceu a equipe da escola envolvida no show a chamar Toninho Horta – já que, além de compor e cantar, é também instrumentista e arranjador. *Foi muito legal ser escolhido pra tocar na Manhattan School of Music, em Nova York, considerada, junto com a Julliard, uma das escolas de música mais completas, que forma não só na área erudita como na área do jazz. <i>Gravaram um vídeo, teve uma crítica muito positiva que colocaram no jornal. Isso é resultado de um trabalho de anos. Fui o único artista brasileiro convidado para a comemoração dos 50 anos da Bossa Nova pela Manhattan School.\** Também nesse caso, a apresentação acaba cumprindo uma função didática.

Se tem receio de perder a exclusividade da receita da poção mágica? Eu não tenho medo de ensinar nos cursos. Eu mostro como eu toco, como faço os arpejos, como é a técnica, mas mesmo que o cara pegue ele não faz o mesmo som. Tem um guitarrista na Itália que já me chamou pra tocar com ele, o Giovanni Ferrete. Parece que ele toca entre mim e o Pat Metheny. Mas nunca vai ser nem eu, nem o Pat. Vai ser o Giovanni. Já vi gente que me surpreendeu, um ou outro que tira a harmonia certinho. Certa vez,

No sul da Itália, com Nicola Stilo, importante parceiro italiano



um músico de Israel tocou pra mim "Saguin"; tocou com o violão ao contrário, a mão esquerda como se fosse a direita. A harmonia, que é muito difícil, estava perfeita. Tem doido nesse mundo pra tudo quanto é lado! Mas não adianta, não é a minha música mesmo, o meu jeito de tocar.\*

Para realizar esse trabalho de ministrar w*orkshops*, Toninho se viu obrigado a refletir sobre sua própria criação e também do que seria importante tratar. *Primeiro precisa ver se você cria de fato alguma coisa. Eu crio, sou autodidata, desenvolvi minha música sem fórmula nenhuma.\** 

Com isso, o músico acabou criando uma maneira de entender a própria música. E para comunicar esse conhecimento, também produziu várias apostilas. Tem muita coisa que eu guardo desses workshops. Queria fazer um livro meu de transcrição de solos, de progressões harmônicas.\*

## Toninho Horta faz Escola

Toninho Horta dedicou boa parte de seu talento ao enriquecimento do trabalho de vários de seus colegas músicos. A vida inteira, mesmo que eu tenha tido sonho quando menino de ser um grande artista, de liderar uma banda, de estar à frente de um trabalho, eu segui a escola da generosidade, que aprendi com meu irmão. Eu acompanhei o trabalho dele como músico altamente conhecedor de jazz, que influenciou toda uma geração pré-Clube da Esquina. Mas, ao mesmo tempo, pra sobreviver, fora os festivais de jazz e Bossa Nova que eles organizavam em Belo Horizonte, nos anos 1960, tinha de fazer baile, hora dançante, carnaval. Eu, quando comecei a ser profissional, aos 16 anos, tocava acompanhando artistas de televisão, e, três anos depois, fazendo bailes com meu irmão. Mesmo já tendo participado do Clube da esquina, tocava na Banda Bacana, do Aécio Flávio, com meu irmão. Eu segui o caminho da generosidade, de tocar para agradar. Quando você toca numa banda que faz um trabalho assim, variado, tem que tocar todo tipo de música – rumba, balada, chá-chá-chá, samba, valsa, até temas clássicos.\*

O chamado para participar do trabalho de outros colegas fez com que não se concentrasse exclusivamente em seu próprio trabalho. Quando comecei a ser chamado – a Joyce gravando música minha, depois o MPB4, Dominguinhos, Alaíde Costa, Nana Caymmi, Milton, a Elis, a Gal, a Bethânia, todos me chamando pra gravar – não parou mais. Lá fora, muita gente tocou comigo no mundo inteiro. Então ficou difícil eu fazer um disco e sair pelo mundo divulgando, depois gravar outro disco, como muita gente faz. Fiquei como um cigano, tocando com todo mundo; quando dava, eu fazia apresentações dos meus shows. Pouca gente rodou tanto quanto eu em tantos países diferentes. Ao mesmo tempo, continuei desenvolvendo as minhas músicas, mas sempre em segundo plano. Claro que tinha as minhas turnês, os meus shows, mas eu não deixava de atender aos muitos pedidos que chegavam para que eu participasse como músico side man ou convidado especial.\*

Mas, mesmo acompanhando outros artistas, a marca de seu trabalho é sempre nítida nos arranjos, nas harmonias que reinventam as canções que toca, no seu modo próprio de tocar o violão ou a guitarra. Como uma digital, sua personalidade musical se imprime em qualquer trabalho, mesmo quando toca um repertório que não seja seu.

Com toda essa bagagem e personalidade, a música de Toninho Horta tornouse uma referência internacional. Em várias partes do mundo sua obra tem sido objeto de estudos acadêmicos. Cada hora fico sabendo de gente que está estudando a minha música. Chico Amaral outro dia chegou da França e me contou que tinha conhecido um pianista fanático pela minha música, copiou 50 partituras, quer estudar todo meu repertório. Tem também um pianista argentino famoso, que assistiu a um show meu em Nova Jersey e foi me cumprimentar no final, disse que vinha me saudar pela revolução harmônica que eu fiz no mundo. Na Áustria tem uma estudiosa que fez tese sobre meu trabalho. Em Brasília, São Paulo, em Campinas também. Em várias outras universidades, inclusive na Berklee. Não sei a quantidade, mas em muitos lugares representativos. Tem gente no mundo inteiro fazendo instrumentos pra mim, novos luthiers me procuram, pena que não tenho tempo de manter contato.\*

A admiração pelo trabalho do músico mineiro, seus arranjos e seu modo único de tocar tem produzido seguidores que tentam reproduzir exatamente o modelo do mestre. Hideo Takahashi [músico amador do Japão que acompanha o trabalho do músico mineiro] toca minhas músicas todas bem parecido comigo. Tem outro cara, o Makoto Kurihara, que faz transcrição de várias músicas dos meus discos solo e com banda, a parte de solo e de acompanhamento, tudo. Tirou todas as passagens de 14 músicas, dá pra fazer um livro. Tem outro que tirou umas cinco músicas minhas, inclusive o som da Orquestra Fantasma, quer dizer, ele copiou a levada de todos os instrumentos dos meus arranjos com outros músicos. Parece a minha banda tocando. Por essas coisas a gente vê que fez uma escola.\*

Não bastasse isso, a inclusão de seu nome em várias listas que apontam os maiores talentos musicais do mundo atesta sua importância no cenário internacional. Depois de eleito pela revista inglesa *Melody Maker* o 5º melhor guitarrista do mundo em 1977 e o 7º em 1988; o melhor guitarrista brasileiro em 1973, pela revista Playboy; o 3º melhor guitarrista do Brasil pela revista *Guitar Player*, em 1998; depois de ser incluído na antologia *Progressions* – 100 Years of Jazz, elaborada pela gravadora Sony/BMG, sendo considerado

um dos guitarristas mais influentes do mundo do *jazz* no século 20; depois de todos esses reconhecimentos, Toninho Horta passa a integrar a lista dos 350 guitarristas de *jazz* mais importantes do mundo em todos os tempos (*The Great Jazz Guitarrists*). Elaborada pelo pesquisador Scott Yanow, tem publicação prevista para 2011, pela Hal Leonard, a maior editora de material musical dos Estados Unidos.

Eu sempre fui um bom side man tocando em banda – pela variedade, pela facilidade de tocar vários gêneros, do pop ao funk, da música arpejada, que lembra a erudita, ao samba, à Bossa Nova e ao jazz. Então acompanhei muita gente. E eu achava que o fato de eu estar acompanhando cantores e grupos no mundo inteiro me impedia de me concentrar na minha carreira. Mas acho que, na verdade, isso foi me enriquecendo, me trazendo novas informações e experiências. A gente aprende com tudo, com as viagens, ouvindo um disco, tocando com outros músicos.\*

Não ter frequentado uma escola de música pode ter colocado alguns limites ao aprendizado do músico. Eu estudei um pouco de piano com meu primo Halley Flamarion – meu ídolo, tem uma musicalidade absurda. E depois tive outro professor, Evandro, no Rio de Janeiro. Estudei uns meses com cada um. Se eu tivesse estudado piano seria um bom pianista.\*

Por outro lado, esse aprendizado mais espontâneo lhe permitiu desenvolver seus próprios modelos, um estilo muito original. *Aprendi na vida, tocando, ouvindo. Então tive um estudo muito livre. No final, acho que eu só consegui* 

ter esse som muito pessoal, que identifica que é minha música ou que sou eu tocando, por ter aprendido dessa forma e tocado com músicos do mundo inteiro.\* Claro que o resultado soma a experiência com um talento natural, uma musicalidade radical, própria e rara, que se manifestou muito cedo. Parece que eu nem faço esforço pra tocar, compor, porque tudo vem com muita naturalidade. Eu não tenho uma grande capacidade técnica pra solar na guitarra, por exemplo, mas eu transformo a harmonia de tal maneira que parece quase outra música. Foi o caso agora da que eu gravei para o CD Minas Tokyo, do John Coltrane, a "Giant steps". Coloquei nela uma sonoridade bem brasileira, trouxe a canção pra Bossa, mesmo respeitando a melodia. Eu nunca tinha tocado a música. Em uma hora e meia eu aprendi, gravei e fiz o solo.\*

A essa musicalidade tão natural somou-se uma experiência rara que, para Toninho, confirmou seu talento. Vejo que tocar nos Estados Unidos, no Japão, na Coreia, na Rússia, na Itália e em vários outros países da Europa, foi um exercício, um modo de alimentar minha música e acreditar na renovação da minha criatividade.\*

Tudo somado, é possível dizer que existe hoje uma escola Toninho Horta com muitos seguidores no mundo. Meu trabalho, eu sei, virou uma referência – de uma forma natural e espontânea, e ainda com a sorte de eu ter visitado países e pessoas que puderam ver e assimilar de perto meu jeito de tocar e compor. Pouca gente fez escola musical como eu fiz.\*

## Viver é mois

As tantas vivências engrandeceram o trabalho do compositor, instrumentista, arranjador, cantor e produtor mineiro, registrado em 28 CDs e nas participações em mais de 200 discos de terceiros, até o ano de publicação desta obra. Neles estão gravadas canções de muitos e diversos compositores, cujo encanto e beleza são sempre renovados pela generosidade, grandeza, pelo rigor musical e alto nível de exigência de Toninho Horta. Também estão registradas nesses discos as suas próprias composições, várias delas inscritas na memória afetiva de mais de uma geração. Cada música minha conta uma história, de vida, de emoção e sensibilidade. Então visto cada canção ou tema instrumental com a roupagem musical adequada, diferente uma da outra, procurando dar identidade e cor a cada uma delas... E todas elas certamente estão colocadas no mais alto degrau da arte de um país chamado Brasil.

Como se vê, Toninho Horta construiu uma trajetória não apenas vitoriosa: construiu uma obra única, pessoal, sua marca no mundo. Por isso tornou-se referência respeitada internacionalmente. A todos os que têm o privilégio de conviver com ele sabe mostrar sua gentileza, humildade, nobreza de alma, generosidade, sua luz. Sua grandeza profissional e pessoal já foi reconhecida mais de uma vez por músicos e fãs de várias partes do mundo. Abraça os admiradores como velhos amigos. O que, na verdade, são: Toninho está no coração de todos os que gostam de sua música, que acompanham seu trabalho ou que assistem aos seus shows. O modo como se apresenta cativou todas as plateias.

Com suas músicas, seus projetos, sua atitude diante da vida, das pessoas, por tudo o que faz: *Tudo o que pretendo está além do tempo*, diz a letra de certa canção que escreveu. Toninho Horta vive e trabalha além (e, às vezes, apesar) de todas as contingências, mantendo o foco em valores essenciais. *A esperança e a alegria são frutos diários que temos de plantar e colher.* É maravilhoso poder ver que depois de tantas idas e vindas, com muitas surpresas, tristezas e incertezas pelo caminho, o resultado é positivo, pois a minha música está em vários lugares do mundo.<sup>26</sup> Espalhando sua alegria, compartilhando sua emoção, sua harmonia, ele nos dá música da boa, vibra a sua energia e nos faz sempre lembrar o que realmente importa nessa vida.



## Na primeira pessoa

#### Hormonia

Harmonia é um cuidado, um carinho que a gente tem de ter. É uma forma de vestir a melodia. E deve fazer isso de uma forma carinhosa. Dependendo de como constrói essa harmonia, você pode abrir uma música pra diversas paisagens. Eu já ouvi "Asa branca", por exemplo, tocada em ritmo de baião natural pé de serra do Gonzagão até a maravilhosa versão instrumental do Hermeto Pascoal, de 12 minutos, em que a gente sente até o cheiro da caatinga, vê os pássaros, as árvores, as pastagens, porque é um trabalho muito rico. A harmonia leva pra um outro lugar, pode alegrar uma música triste, principalmente se mudar também o ritmo.

Acho que o cuidado que a gente tem com a harmonia na música tem de ser equivalente ao esforço de fazer dar certo as coisas, dar certo no amor, na amizade, na família, de manter uma postura positiva.

Então, da mesma forma como eu tenho um cuidado quando vou hamonizar uma música, cuido de ser amigo de todo mundo, gosto de agrupar o maior número possível de pessoas nos projetos que eu faço, na família sou o conciliador, então sempre passo uma vibração assim... boa, de uma certa paz.

Uma vez eu fui à Áustria com o Rudi Berger e fomos visitar a mãe dele, D. Verônica. A primeira vez que ela me viu, logo ao abrir a porta, ela falou: Rudi, seu amigo parece um cacique! E muita gente diz que eu pareço um líder. Então eu tenho essa facilidade de estar com muitas pessoas, gosto de tudo que é bem coletivo. Meu último disco, por exemplo, Harmonia e vozes, tem mais de 150 participantes. Então, essa é uma maneira de harmonizar.

Em geral, quem harmoniza bem é bom de coração. São pessoas generosas, como o Hermeto. Eu, pelo menos, nunca vi o contrário! Às vezes o cara é o rei da precisão técnica, ou toca muito certinho... mas... sem as nuances, sem o sentimento. Tem que bater uma brisa uma hora, entende?

Então a harmonia é uma coisa cuidadosa, uma costura, uma arquitetura, um desenho, uma pintura... não dá pra fazer rápido. Esse cuidado, essa elaboração, esse carinho é uma coisa de maestria, sabedoria, custa tempo, é gostosa de fazer; é uma coisa humana, que tem de suar a camisa pra fazer direito.\*



#### Ritmo

Alguns músicos tocam a colcheia mais agulhada, sem relaxamento; eles jazzeiam o fraseado de acordo com o que está escrito na partitura. Entre um meio-tom e outro há uma infinidade de tons. Essas diferenças nos meios-tons são as comas. Existem 12 delas de uma nota pra vizinha mais próxima, ascendente ou descendente. Muitas vezes, pra ter suingue na música ou dar o sentido real da melodia, é possível tocar a nota com a afinação um pouco abaixo, que fica parecendo mais triste, mais sensível. Se você ferir a nota um pouco acima da afinação – chegar a alguns comas acima da nota – isto pode dar uma sensação de vivacidade, alegria. Então, pra fazer um ritmo há muitas possibilidades, até pra fazer um mesmo ritmo depende da expressão de cada um, dos caminhos que cada um encontra nesse infinito de possibilidades que a música dá. O resultado disso mostra a expressão individual de cada músico, o modo como cada um interpreta o mundo.\*

Toninho em sessão de autógrafos: carinho pelos fãs

#### Melodia, harmonia e ritmo

O ritmo vem de acordo com o momento que você vive, se você está triste, ou tranquilo, ou cansado faz uma balada; ou se está animado, bem, faz uma coisa diferente, com andamento mais rápido ou no estilo pop, funk ou rock. Você pode fazer qualquer melodia e harmonia com qualquer roupagem rítmica. Então, acho que na obra de um compositor, o que tem de ser respeitado é a melodia, a harmonia você pode até recriar se tiver bom gosto pra ampliar ou melhorar a ideia do compositor, mas sem mudar a melodia.

Alguns compositores criam melodias tão simples que às vezes igualam — ou até vão além em inspiração — as melodias arrojadas, de pessoas com mais conhecimento musical ou técnico. Mas estas melodias são a substância principal de uma música. Para o ouvinte ou o leigo, é mais fácil guardar a melodia do que a harmonia ou o ritmo. Se tiver letra, então, a melodia é guardada com mais facilidade. Assim consigo identificar o sucesso da minha composição "Beijo partido": tem melodia sofisticada e com intervalos longos e difíceis, mas a letra, somada à naturalidade melódica, facilita a memorização, as pessoas podem assimilar mais rapidamente.

Agora, o ritmo pode mudar à vontade que não descaracteriza a música. É claro que certas melodias combinam mais com certos ritmos. Vale mais o bom gosto de quem está criando a música, o arranjo. Posso tocar "Beijo partido", por exemplo, em rock, balada, valsa, etc.\*

#### Releituras

Eu sempre gostei de compor, mas eu gosto do desafio de pegar uma música de outro compositor e fazer re-harmonizações. Eu re-harmonizei "Stella by starlight", uma música que todo mundo toca, uma das famosas do jazz. Os americanos tocam sempre com a mesma sequência harmônica, mudando só um acorde ou outro, mas sem aprofundar em outros caminhos. É a esses lugares que eu vou. Então acabo criando uma revolução. A versão que eu fiz, vários americanos tocam. Como aconteceu com "Beijo partido", que tem uma sequência melódica muito natural, aparentemente simples, mas uma harmonia complexa atrás. Até hoje, mesmo com a partitura correta em mãos, vários músicos ainda tocam errado alguns acordes. Ela acaba soando fácil pela naturalidade do casamento entre a harmonia e a melodia, mas é uma música que chamou muito a atenção quando apareceu, em 1975 ou 1976, foi uma modernização.\*

#### Tocor violão

Desde que vi o instrumento pela primeira vez, ainda criança, me identifiquei com o som, pois já me encantava com a música. Desde os primeiros acordes, as primeiras composições, as saídas para serenatas e programas de TV e rádio, até eu me tornar profissional de vez, e ainda me sustentar com minha música nesse instrumento, o violão tem sido meu maior companheiro. Ele é a extensão do meu braço, da minha vida. Eu queria trazer um violão pro escritório e ficar tocando em qualquer momento de bobeira, assim. Devia ficar mais fazendo música que mexendo com business, contas, projetos... Tocar é onde eu me sinto melhor, mais confortável, mais confiante. É o que eu mais sei fazer.\*

#### Polivalente

Eu adoraria ter tempo pra estudar piano, eu sei que eu poderia tocar muito bem esse instrumento. Ou, se eu pudesse estudar orquestração, eu acho que seria um grande orquestrador e regente, este foi sempre meu sonho... Mas sou muito agitado pra ficar em casa estudando, criando arranjos, escrevendo notas na partitura. Acho que todo bom músico, com talento especial, conseguiria tocar bem qualquer instrumento, de sopro, cordas ou percussão. Música é música. Eu acabei virando um pouco de tudo, toco legal violão e guitarra, sou compositor, cantor, orquestrador, produtor – consegui ser polivalente.\*

#### Cada cantor tem seu estilo

Eu já acompanhei muitos cantores, Elis Regina, Nana Caymmi, Alaíde Costa, Leny Andrade, Bethânia, Gal Costa, Milton Nascimento – o Bituca, Astrud Gilberto, Joyce, Lisa Ono, Marlene, Gracinha Horta, Marisa Rossi, Nilza Meneses... Cada cantor tem um jeito. Uns cantam pra frente [adiantando o ritmo], outros cantam mais pra trás [atrasando o ritmo e interpretando mais]. Com cada um é preciso tocar de um jeito diferente, acompanhar com estilo diferenciado, na guitarra ou violão, cada tipo de interpretação. Eu desenvolvi muito a técnica de acompanhar. Por isso os cantores deitam e rolam, eu acompanho com facilidade qualquer um, a gente dança conforme a música, quer dizer, toca conforme a música.\*

### O pique do show

Quando acaba um show, eu fico sempre muito ligado, eu quero continuar. Parece que quando acaba um show é que eu fico com energia e vontade pra começar tudo de novo. Porque eu esquento no final, ali é que eu tenho vontade de começar. Então, ao final de cada apresentação, eu tenho de fazer alguma coisa, ir pra um restaurante conversar, ou pra um bar, uma discoteca, ou juntar uma turma no hotel e ficar tomando uma cerveja. Eu fico muito ligado depois que eu toco.\*

### As músicas que gostaria de ter feito

Eu adoraria ter composto "Moon river", do Henry Mancini, "Amor em paz", do Tom Jobim, "Légua tirana", do Luiz Gonzaga, "Último desejo", do Noel Rosa, "I love you", do Cole Porter.\*

### Pra quem eu faria uma música

Pro Edu Lobo, Pixinguinha, Luiz Gonzaga, Dorival Caymmi, Milton Nascimento, Tom Jobim, Aécio Flávio, Chiquito Braga, Juarez Moreira, Yuri Popoff, para o meu primo Lúcio Tadeu, que morreu sem que ninguém conhecesse a obra dele. Pra todas as pessoas que me apoiaram eu faria uma música. Se eu pudesse ficava o tempo todo fazendo música pra quem me ajudou. Pra todos da minha família, meus amigos mais chegados, também. A homenagem é uma coisa linda, toda hora você vê que um músico dedicou música pra outro por ter sido influenciado por ele. Fui homenageado com canções de pessoas de muitos lugares no planeta. A música é uma coisa mágica, e homenagear outra pessoa é uma forma de gratidão.\*

### Alguns ídolos

Gostaria de ter conhecido o Wes Montgomery, Miles Davis, Ravel, Rachmaninov, caras que faziam uma música maravilhosa. Gostaria, se tivesse oportunidade, de estar com o Keith Jarett, de tocar mais com o Hermeto Pascoal, um cara humano, muito querido, quando eu chego ele me chama ô, meu campeão, vem cá, fica aqui com a gente; já fez duas músicas pra mim. Gostaria de ver mais o Aécio Flávio, que foi meu tutor, hoje está com 70 e poucos anos. Tantos amigos nossos estão indo embora, o Hélvius Vilela, pianista de grande talento que tocava com meu irmão, nos anos 1960, 1970, o próprio Paulo, que se foi alguns anos atrás, quero aproveitar mais a presença desses grandes amigos que estão aqui com a gente, dessas referências na minha vida.

O Aécio vai ser sempre meu guru, é um grande músico, me ensinou desde que eu fiz minhas primeiras músicas e sempre vai me enriquecer, mesmo que seja só pela presença dele.\*

### A paixão por orquestra

Um dia eu espero ver minha música ser tocada por uma orquestra completa. Acho que seria legal porque, se eu conseguir orquestrar minha música a nível sinfônico, vou saber como eles irão avaliar minha harmonia. Eu já tive alguma experiência com "Beijo partido", que foi tocada pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, com arranjos de Alexandre Mihanovich [guitarrista e profundo conhecedor de jazz tradicional]. Também já fiz alguns shows com orquestra e orquestrei algumas composições, mas com arranjos para banda e orquestra, não sinfônicos. Fiz também uma apresentação na Sala São Paulo com a [Orquestra] Jazz Sinfônica, que também tocou música minha. Mas quem conhece mais é o pessoal do pop, do jazz, eu queria ouvir a apreciação dos músicos eruditos, queria que eles tivessem oportunidade de ouvir, conhecer minha música.

Se eu contasse com um maestro mais jovem, que estudou bem orquestração, só pra discutir algumas coisas... porque ideias eu tenho, não tenho é a técnica de passar tudo pra orquestra sinfônica. Fiz algumas tentativas já, mas não da maneira como eu gostaria. Cheguei a escrever pra uma formação menor de cordas. É uma área de que eu gosto. Um dia chegarei lá!\*

#### Concertor inerquecíveis

O concerto que reuniu Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras foi inesquecível, um dos mais gratificantes que eu já ouvi. Também um concerto com a Orquestra Filarmônica de Los Angeles tocando Aida, de Verdi, com um coral de cem pessoas. Eu chorei o concerto inteiro e ainda continuei chorando por mais uns 20 minutos depois que o concerto acabou, de tanta emoção, eu soluçava.

Uma vez assisti ao Leonard Bernstein, que eu queria muito conhecer. Ele fez West side story, é um grande concertista, pianista, compositor da pesada, dirigia e regia a Filarmônica de Nova York. Um dia eu estava em Nova York, o Bernstein ia reger a Filarmônica de Viena no Carnegie Hall e eu fui tentar assistir sem ter comprado ingresso antes, estava sem grana mesmo. Cheguei na porta e uma alma bendita chegou lá sem acompanhante e falou, tenho

tickets free aqui. Pensei, não é possível! Peguei um camarote no sexto andar, eu via a orquestra lá embaixo, mas foi uma viagem estar naquele teatro, ouvindo aquela orquestra! Cada músico se contorcia pra tocar, só de cordas tinha uns 40 solistas, mas com uma unidade sonora jamais ouvida antes!\*

#### Múxico com identidade

Independentemente de quem é, como é que é, quanto é que é, onde eu chego, se eu não gosto de uma música eu já falo, vamos mudar essa música – e acabo produzindo a faixa, visto a camisa como produtor, arranjador, toco... e às vezes nem tem pagamento pra receber, ou um pagamento quase simbólico, faço às vezes só porque a pessoa é amiga. Por isso é que meu trabalho ficou valorizado, eu acabo colocando a minha cara em qualquer gravação que eu faça.\*

### Caminho próprio

Eu acho que contribuí muito para o trabalho de muita gente. Nos últimos anos eu estou tentando me organizar pra me concentrar mais na minha música, nos meus projetos. Eu sou um músico muito considerado, mas meu trabalho é muito pulverizado. É bom ter um produtor que faz toda a parte executiva... mas eu não consigo ficar alienado das coisas, eu gosto de saber tudo, quer dizer, eu talvez não pudesse ser aquele artista total que eu gosto de ser também, por causa do meu lado de produtor. Se bem que é legal ter alguém pra discutir as ideias. Mas não reclamo de nada, não. Acho que eu só consegui ser reconhecido e ter essa marca musical porque eu fui escolhendo mesmo o que eu queria fazer, [fui] tocar com as pessoas de quem eu gosto, ouvir os discos que eu quero e nunca [pretendi] atender à onda do mercado. Tanto que eu tive problema com as multinacionais, sempre tive problema. Virei Toninho i ndependente cedo. \*

#### O ronho do ertúdio

Quem sabe um dia eu possa ter um estúdio e gastar todas as horas que eu quiser, ficar uma semana mixando uma música do Henry Mancini, ou "Mountain flight". Home studio a gente tem, mas um local com capacidade para uma boa sala, com um equipamento de ponta, aí seria genial. Criar em estúdio, sem preocupação de contagem de períodos, gastos, etc., é muito mais frutífero, para quem faz e para quem ouve. A música flui. Mas confesso que, na batalha do dia a dia, também, o esforço de superação das dificuldades

nos ajuda a conquistar novas forças e contribuir eficientemente – e muitas vezes com emoção – para o trabalho próprio ou de terceiros.\*

#### Acontece em viagens

Embora apaixonado por guitarras e violões, os seus principalmente, Toninho Horta coleciona vários casos em que, sendo muito desligado – ou *ligado em outras coisas*, como prefere entender – quase perde alguns de seus valiosos instrumentos.

Eu estava em Nashville, numa turnê, e fui a uma loja de música, ver e tocar os instrumentos, adoro fazer isso. Fui com meu violão espanhol Hermanos Conde pra poder comparar com os de lá. O meu violão era leve, tinha uma caixa leve. Experimentei muita coisa, mas não comprei nada. Voltei para o Brasil no dia seguinte. Cheguei no aeroporto brasileiro e o pessoal abriu a caixa do violão pra conferir o que tinha ali dentro. Quando eles abriram a tampa, meu violão não estava lá. Meu Deus do céu! Falei que ia processar a companhia, eles anotaram meus dados todos, eu queria ser indenizado. Aí, não sei se alguém lembrou ou telefonou, eu fiquei sabendo que tinha ficado na loja de Nashville. Eles tinham guardado o violão pra mim.

Outro caso, tão dramático e engraçado quanto esse, aconteceu no Japão. Fui tocar num clube famoso de jazz, o Pit In, com a guitarra Birdland que eu tinha comprado em Los Angeles, em 1976, quando fui tocar com o Milton. Uma guitarra caríssima. E eu esqueci a Birdland, da Gibson, no camarim do clube. Ficou assim uns dois meses. Vim para o Brasil e achei que ela tinha ficado com um amigo meu, Teruyuki Sadanobu, o Teru. Nunca pensei que tinha esquecido no clube. Dois meses depois eu estava em Nova York e ia precisar da guitarra. Liguei pro Teru, Olha, estou precisando da guitarra, não tem como você me mandar? Ele disse: Mas não tem guitarra sua comigo, não! Ele, que estava em Osaka, ligou para o clube em Tóquio. A guitarra estava lá no camarim. Depois a guitarra ficou dez anos em Nova York, enferrujando. Um dia trouxe ao Brasil, foi tratada com carinho por luthiers de confiança e hoje é minha companheira maior em shows e gravações.\*

#### Vida moderna

A gente parece que hoje não tem tempo pra nada, não tem tranquilidade, vive num estresse por causa de trânsito, hotel, viagem, escritório, burocracia. Fora o resto, violência, problemas econômicos, corrupção, muitas coisas. A música também está estressada. A música eletrônica expressa um pouco

essa aflição, parece uma espécie de droga dos anos 2000, acho que é um reflexo dessa insegurança. É difícil hoje encontrar uma audiência que goste de baladas calmas. Muita gente gosta ainda de ouvir, por exemplo, "Céu de Brasília" com aquela calma que ela inspira. Hoje toco essa música com mais punch, com maior vigor, as coisas hoje são mais rápidas. Mas continuo compondo e adorando baladas, tenho convicção de que sempre haverá bons ouvidos para curti-las.\*

### Coisas antigas

Sou muito apaixonado por essas coisas antigas. Quando estão acabando os alfaiates, os barbeiros antigos, cinemas antigos, dá uma tristeza... Ver um novo prédio tomar o lugar da pequena casa onde ficou por muitos anos o Bar Brasil, em Belo Horizonte; ou do meu grupo escolar. Também junto com as coisas antigas estão as pessoas que viveram esse tempo e ainda são um pouco esse tempo, no seu jeito de se vestir, de ver o mundo de forma mais demorada, como uma longa tarde de sol, sonolenta. Estes tempos antigos são muito inspiradores pra mim.\*

#### As melhores coisas da vida

Sentir o coração bater, que eu estou vivo e que a vida tem emoção, amor, harmonia, prazer e alegria que eu posso dividir com as pessoas. Água, sol e música!\*

#### Liberdade

Nunca fui bom de horário, nem pra almoçar, estava sempre na rua, jogando bolinha ou trocando figurinha, soltando papagaio, nunca fiquei muito em casa. Até hoje, mais velho, estou sempre circulando, conhecendo pessoas, o mundo atrai, a energia das coisas, das pessoas, acho que eu dependo disso.

Claro que eu gosto de ficar em casa, ter um momento de tranquilidade, botar um som, organizar meus papéis. Às vezes só consigo trabalhar ou escrever de madrugada, que é quando eu tenho concentração.

Sempre gostei de mapas, estradas... Uma vez meu cunhado me deu um livro de viagem, mostrava as vestimentas, os costumes, os instrumentos de cada país, isso sempre me cativou.

Mas é claro que a liberdade tem de ser controlada, cumprir as obrigações profissionais, mas também deixar o vento bater de vez em quando, a espontaneidade.\*

#### Desofios

Na minha vida, tudo foi muito desafio. Eu tive muita coragem pra deixar a família aqui um pouco insegura, com 20 e poucos anos ir pro Rio, acreditando na minha música, isso já era um desafio.

A música me desafia até hoje. O primeiro disco, Terra dos pássaros, realizar, gravar, lançar; fazer o Seminário de Música Instrumental de Ouro Preto pra tentar acordar as pessoas pra música de qualidade; viajar, tocar com outros grupos; o projeto Planeta Terra; meu disco Harmonia e vozes – tudo isso foi desafio pra mim.

Quando eu era bem mais novo, eu achava que quando tivesse 60 anos ia virar pescador. Mas já vi que não dá pra ficar sem a música. Vou pescar de outro jeito, pescar no piano, fazer muita música bonita.

O desafio é imaginar uma coisa e correr atrás, porque acho que tudo o homem consegue, se tiver força de vontade. Em cada momento de transição da vida ou do lado profissional você tem que optar, estas decisões são desafios.\*

#### Muita emoção

Eu gosto do que é coletivo, de juntar muita gente, me dá muita emoção, acho uma coisa generosa, muito legal. Sou mesmo muito emotivo. Quando tem na TV isso de entrega de casa pra mulher que sonhou, criança que mandou uma carta e ganhou aquilo que sonhava, eu abro a boca.

Choro quando vou ver A bela e a fera, Rei leão. É bom estar mais velho e ainda ter tanta emoção assim, é maravilhoso; é muito do gás que a minha família me dá. Mas sempre fui muito emotivo, sou um eterno chorão.\*

#### **Fomílio**

Eu sou o retrato pra eles, talvez, do sucesso, da pessoa que deu certo como músico, alguém que teve mais possibilidades de viajar, de conhecer, acho que eles se realizam muito em mim. O que eu faço é resultado dessa força toda que eu tenho em casa. Imagino quem não recebe muito incentivo da família. Eu só tive certa resistência do meu pai no início; minha mãe sempre apoiou, ela também foi musicista, o pai dela... mas meu pai, até a adolescência, quis que eu estudasse pra ter uma profissão segura. Mas quando ele viu que eu fui ao Festival da Canção, no Rio de Janeiro, e todo mundo começou



a gostar da minha música, ele falou: meu filho, faça música todo dia. Estou devendo isso ao meu pai até hoje. Ele virou meu grande fã, minhas irmãs sempre vestiram a camisa por mim. E meu irmão Paulinho ainda me enche de força e energia, mesmo estando em outro plano espiritual.

Meus filhos antes ficavam preocupados com a inconstância financeira, que é o dia a dia de qualquer músico neste planeta. Mas depois viram que são sonhos que eu vou realizando. Hoje dá pra ver que eu fiz muita coisa, de certa forma vou deixar alguma coisa pros meninos, uma quantidade de músicas, projetos, coisas que eu vou deixar pra História.

A família é toda empenhada, o que eu preciso e o que eu não preciso, o pessoal está sempre me apoiando demais, é full power. Tenho uma coisa rara, não sei se muita gente conta com isso, não.\*

Festa para recepcionar músicos americanos em visita a Belo Horizonte na época do lançamento de Diamond land: Toninho, abraçado à então mulher Anginha, reúne família e amigos para comemorar o encontro



#### **Filhos**

A gente tem uma amizade grande, dediquei música pra eles. Quando eu voltava das viagens internacionais, eu nem ia pra BH, descia em São Paulo, deixava as malas num guarda-volumes, ia pra estação Jabaquara pegar o [ônibus da companhia] Expresso Brasileiro pra encontrar com eles em Santos. la só com uma sacola de mão e uma mala cheia de presentes. A vida inteira dei muito presente fora de hora. Tanto que chega Natal e, às vezes, eu nem tenho presente pra dar. Eles fizeram muita falta quando nós estávamos separados. Eles ficaram tristes e eu também figuei triste demais. Não dava pra eles entenderem que era importante separar naquele momento. Eu ia muito a Santos vê-los, a cada 15 dias, eu fazia visita constante a eles. Senti uma grande tristeza de não estarem junto de mim. Mas acabaram ficando muito ligados à parte artística. O Manuel é guitarrista também, compõe trilhas sonoras, e é formado em cinema e vídeo. A Luísa é atriz, já cantou em festival, já estudou piano clássico, é formada em circo e agora está cursando Belas Artes. Então, escolheram o lado das artes. Depois de completarem 18 anos vieram morar comigo, Belo Horizonte tem mais opção nesse campo.

O amor que eu tenho pelos meus filhos, talvez eles não possam entender agora. Um dia eles vão saber que eu os amo de uma forma infinita, vão entender, o tempo vai ensinar. Acho que, no fundo, eles já sabem, eles sentem, sim!\*

Com os filhos Luisa e Manuel em Canoa Quebrada, onde foi planejar o disco Com o pé no forró com o parceiro Felipe Cordeiro

#### **Felicidode**

Eu já passei períodos da minha vida em que eu era mais fechado, não era tão alegre, tão feliz. A gente vai amadurecendo. E eu acho que estou amadurecendo e ficando cada vez melhor. Tem pessoas com quem acontece o contrário. Eu cheguei aos 60 anos com dois filhos maravilhosos, que entendem a minha forma de pensar, de agir, de me comunicar, de trabalhar; minha mãe fez 100 anos e até hoje é uma pessoa que me dá lições... Então são lições diárias que eu tenho e tento passar essa energia deles, da minha mãe, dos meus filhos, dos amigos que gostam da minha música. Vai ao meu show um punhado de fãs, jovens dizendo que eu sou referência pra eles – isso tudo vai me alimentando de alegria constante. Então é só a gente não perder esse pique, cuidar da saúde. Eu nunca fumei, que é uma coisa que prejudica muito, então tento me preservar, manter essa capacidade de transmitir energia também.

É difícil a gente ser sempre alegre, mas só de falar que quer ser feliz, que não tem problema, tudo melhora. Minha mãe, mesmo, sempre fala que a única coisa que a gente não consegue resolver é a saúde. Tendo saúde, a gente tem tudo. A morte, Deus é que sabe a hora. Mas enquanto a gente tem saúde, está podendo ler, caminhar, fazer ginástica, tudo tem solução.

Minha vida é uma luta, uma batalha, todo dia. Às vezes eu estou mais aflito, ou menos, estou mais solto ou mais preso, com as costas doendo mais ou menos, tem época que eu preciso cuidar mais da dieta, nadar mais pra relaxar, mas estou atento à saúde.

Eu optei por ficar com a minha mãe e meus filhos, tê-los comigo, não quis casar de novo. Quis manter meus filhos protegidos de outra relação que pudesse se colocar entre nós. Um dos maiores medos que eu tive foi de que alguém pudesse bloquear essa minha relação com eles. Quero ter meus filhos livres.

Claro que tenho sonhos, por exemplo, ter um apartamento em Nova York, um belo sítio com estúdio de gravação, um piano de cauda. Mas acho que estou entrando numa fase muito boa de vida. Estou arrumando esse catálogo meu, fotos, vídeos, gente do mundo inteiro me manda vídeos e fotos dos meus shows – eu não gosto de ver ou ouvir meu trabalho em vídeo e disco, sou muito crítico; mas acho isso bom, se a gente achar que é genial a gente não melhora. Tenho muitos amigos e amigas, a gente sai, se diverte.

Eu estou realizado. Sou muito gratificado com o que eu consegui fazer. Não tenho nada a reclamar, não, eu sou feliz.\*



## Discografia

Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli e Toninho Horta. Brasil: EMI, 1973. LP

*Terra dos pássaros.* Brasil: EMI-Odeon, 1980 (LP). Brasil: Dubas Música, 2008 (CD)

Toninho Horta. Brasil: EMI, 1980. LP. USA: Capitol Records, 1990. CD. Brasil: EMI, 2002. CD.

*Diamond land.* USA: Polygram Records, 1988. LP. Japão: Verve-Polydor, 1992. CD.

*Moonstone.* USA: Polygram Records, 1989. LP. Brasil: Polygram do Brasil, 1990. CD.

Concerto planeta Terra. Com Nelson Ayres, Nivaldo Ornelas e Márcio Montarroyos. Brasil: IBM, 1989. LP.

Once I loved. Com Gary Peacock e Billy Higgins. USA: Polygram Record, 1992. CD.

Durango Kid. USA: Big World Music, 1993. CD.

*Live in Moscow.* Coletânea de shows de diversos artistas. Inglaterra: B&W, 1994. CD.

Foot on the road. Japão: Polydor K.K., 1994. CD.

*Qualquer canção – Chico Buarque*. Com Carlos Fernando. Brasil: Dubas Música, 1994. CD.

Durango Kid 2. USA: Big World Music, 1995. CD.

*Sem você.* Com Joyce. Japão: Omadotoki, 1995. CD. Brasil: Biscoito Fino, 2007. CD.

Serenade. Coreia/USA: Truspace, 1995. Brasil: Aqui-Oh Records, 1997. CD.

Flávio Venturini e Toninho Horta no Circo Voador. Brasil: Dubas, 1997. CD.

*From Ton to Tom – A tribute to Tom Jobim.* Japão: Video Arts Music, 1998. Brasil: Minas Records, 2000. CD.

*Duets.* Com Nicola Stilo. Itália: Millesuoni, 1999. USA: Adventure Music, 2005. CD.

Quadros modernos. Brasil: Minas Records, 2001. CD.

O som instrumental de Minas. Coletânea. Brasil: Minas Records, 2001. CD.

From Belo to Seoul. Com Jack Lee. USA: Thruspace, 2000.

Com o pé no forró. Brasil: Minas Records, 2004. CD.

Toninho Horta in Vienna. Áustria: PAO Records, 2007. CD.

Solo ao vivo. Brasil: Minas Records, 2007. CD.

Cape Horn. Com Arismar do Espírito Santo. Brasil: Porto das Canoas, 2007. CD.

Tonight. Com Tom Lellis. USA: Adventure Music, 2008. CD.

To Jobim With Love (From Ton to Tom) – 2008. Resonance Records.

*Harmonia & vozes.* Com Beto Guedes, D'Black, Djavan, Erasmo Carlos, Frejat, Ivan Lins, Ivete Sangalo, Sérgio Mendes, Seu Jorge. Lancamento previsto para 2010. CD.

Minas Tokyo. Japão: Dear Heart, 2010. CD.

Japa – Com J. Morelembaum, M. Suzano, Liminha. Lançamento previsto para 2010. Sem definição de gravadora. Japão. CD.

### Músicas feitas para Toninho Horta

"Alô Belô" - Leo Barreto, RJ. Antônio. Márcio Rezende Padilha, RJ.

"Ao Horta" - Wilson Bebel, DF.

"Aqui Horta" - Mara do Nascimento, MG.

"Bom viver" - Deuler Andrade, GO.

"Bossafor Toninho" - Rudi Berger, Áustria.

"Cê" - Ivan Lins, RJ.

"Céu de BH" – Ge Tok, MG.

```
"Chovendo na Horta" – Carlos Renha / Cia. Federal de Fundição, RJ.
```

<sup>&</sup>quot;Choveu na Horta" -Toni Costa, RJ.

<sup>&</sup>quot;Colhendo na Horta" - Tito Ribas, EUA.

<sup>&</sup>quot;Comendo na horta do Horta" - Marcos Borges, Itália.

<sup>&</sup>quot;Das minas do Toninho" - Marcelo Corsetti, RS.

<sup>&</sup>quot;De volta a Belô" – Hermeto Pascoal, AL.

<sup>&</sup>quot;Dr. Horta" - Wilson Lopes, MG.

<sup>&</sup>quot;Êh! Toninho" - Beto Luz, SP.

<sup>&</sup>quot;Escolade Toninho" – Zara, MG.

<sup>&</sup>quot;Espelho" - Carlos Xisto da Silva Rajão (Caxi Rajão), MG.

<sup>&</sup>quot;Fonte da Vida" – Zé Renato, ES.

<sup>&</sup>quot;Fort" - Ed Johnson, EUA.

<sup>&</sup>quot;Horta" - Roberto Taufie, Itália.

<sup>&</sup>quot;Hortíssimo" - Christian Ravel, Áustria.

<sup>&</sup>quot;Milagre da lua" - Diego Bruno, BA.

<sup>&</sup>quot;Minas Gerais" – Alexandre Elias, RJ.

<sup>&</sup>quot;Na horta do Ton" - Oswaldo Amorim, DF.

<sup>&</sup>quot;Natural / pro Horta" - Edinho Godoy, SP.

<sup>&</sup>quot;Orquestra Fantasma" – Ricardo Trigueiro, MG.

<sup>&</sup>quot;Oversears friendship" - Banda Pan Cake, Japão.

<sup>&</sup>quot;Pro Horta" - Jeff Buenz, EUA.

<sup>&</sup>quot;Pro Toninho Horta" – Luizão Maia, RJ.

<sup>&</sup>quot;Procê" - Adriano Campagnani / Lizards, MG.

```
"Reencontro" - Eduardo Delgado, MG.
```

<sup>&</sup>quot;Romântica" - Celso Moreira, MG.

<sup>&</sup>quot;Samb'horta" - Arturo Lledó, Espanha.

<sup>&</sup>quot;Samba in my mind" - Pino Daniele, Itália.

<sup>&</sup>quot;Samba pra Toninho" – Juarez Moreira, MG.

<sup>&</sup>quot;Samba pro Toninho" - Bruno Mangueira, ES.

<sup>&</sup>quot;Sambando na Horta (proToninho)" – Alex Rocha, RJ.

<sup>&</sup>quot;Saudade de você" - André Vasconcelos, DF.

<sup>&</sup>quot;Seis pro Toninho" – Eduardo Delgado, MG.

<sup>&</sup>quot;Sementes do Horta" - Fernando Caneca, RJ.

<sup>&</sup>quot;Seu Toninho" - Alberto Sales, DF.

<sup>&</sup>quot;Tema pro Toninho" - Hermeto Pascoal, AL.

<sup>&</sup>quot;Toninhando" - Vinício "Bina" Coquet, SP.

<sup>&</sup>quot;Toninho" - David Stryker, EUA.

<sup>&</sup>quot;Toninho" - Scott Anderson, EUA.

<sup>&</sup>quot;Toninho da Horta" - Nenê, RS.

<sup>&</sup>quot;Toninho Horta" – Paulo Dorfman, RS.

<sup>&</sup>quot;Toninho & Guinga" - Daniel Santiago, DF.

<sup>&</sup>quot;Um abraço pro Toninho" – Jeff Gardner, EUA/RJ.

<sup>&</sup>quot;Un grande abbraccio" - Antonio Onorato, Itália.

<sup>&</sup>quot;Valsa mineira" - Gabriel Guedes, MG.

<sup>&</sup>quot;Valsinha linda de morrer" - Ana Balona, MG.

<sup>&</sup>quot;Viagem pra Kosice" - Dana Tupinambá, Eslováquia.

<sup>&</sup>quot;Voar é com os pássaros" - Luizão Paiva, RJ.

## Bibliografia e referências

#### Textuais

BIN, Marcos Paulo. *Um jazzista ainda surpreendente*. Disponível em: http://www.universomusical.com.br/materia.asp?mt=sim&id=714&cod=in. Acesso em: 22 mar 2010.

BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

CASTRO, Ruy. Chega de saudade. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 \_\_\_\_\_\_ A onda que se ergueu no mar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DOLORES, Maria. *Travessia:* a vida de Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ESTANISLAU, Andrea. (org.). *Coração americano* – 35 anos de Clube da Esquina. Belo Horizonte: Prax, 2008.

HOMEM DE MELLO, José Eduardo. *Música popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos / Edusp, 1976.

HORTA, Toninho. Encarte do CD *Serenade*. Coreia/USA: Truspace Records, 1995.
\_\_\_\_\_ Encarte do CD *Toninho Horta – Solo ao vivo*.
Brasil: Minas Records, 2007.

MARTINS, Bruno Viveiros. *Clube da Esquina*: viagens, sonhos e canções. Monografia de conclusão de Bacharelado. História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005

METHENY, Pat. Contracapa de Diamond land. USA: Verve-Polygram, 1988.

NICODEMO, Thaís L. *Terra dos pássaros* – Uma abordagem sobre as composições de Toninho Horta. Dissertação de mestrado. Música, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

QUEIROZ, Mariana P. *Clube da Esquina* – Identidade, drible e diálogo. Monografia de conclusão de Bacharelado. Jornalismo, Comunicação Social, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário Newton Paiva. Belo Horizonte, 2004 RATLIFF, Ben. Some Quietly Intense Chills, Imported From Brazil.

Tradução: Gisella Gonçalves. New York Times, 8 ago. 2007. Disponível em: <a href="http://www.nytimes.com/2007/08/08/arts/music/08hort.html">http://www.nytimes.com/2007/08/08/arts/music/08hort.html</a>
Acesso em: 24 mar. 2010.

RESNICOFF, Matt. *Toninho Horta, brazilian rythm ambassador.* in: *Guitar Player*, s/d.

TEDESCO, Cybelle Angélique Ribeiro. *Minas, mundo*: a imagem poéticomusical do Clube da Esquina. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

Toninho Horta faz show e lança CD no teatro da Caixa em Curitiba. Release do show. Disponível em: <a href="http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa\_release.asp?codigo=6507586&tipo\_noticia=">http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa\_release.asp?codigo=6507586&tipo\_noticia=</a> Acesso em: 24 mar. 2010.

#### Sites consultados

http://www.museudapessoa.net/clube

http://toninhohorta.com/

http://www.dicionariompb.com.br/

#### Fontes em áudio e vídeo

BENSON, George. Depoimento em vídeo. Tradução: Marcelo Lima. Disponível em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=FjYW0KSD4jw">http://www.youtube.com/watch?v=FjYW0KSD4jw</a> Acesso em: 19 mar. 2010.

ZANON, Fábio. *O violão em Minas Gerais – Toninho Horta*. 16/07/2007. Programa da série *O violão brasileiro*. Rádio Cultura FM de São Paulo. Disponível em: <a href="http://:vcfz.blogspot.com">http://:vcfz.blogspot.com</a>>. Acesso em: 15 dez 2009.

### Fontes dos depoimentos

#### (Endnotes)

- 1 Depoimento de D. Geralda Horta de Mello ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>. Acesso em: 10 dez 2009.
- 2 HORTA, Toninho. Depoimento a Músicos do Brasil: uma enciclopédia virtual. Disponível em: <a href="http://www.musicosdobrasil.com.br/toninho-horta">http://www.musicosdobrasil.com.br/toninho-horta</a> Acesso em: 30 nov 2009.
- 3 HORTA, Toninho. Depoimento a Músicos do Brasil: uma enciclopédia virtual. Disponível em: <a href="http://www.musicosdobrasil.com.br/toninho-horta">http://www.musicosdobrasil.com.br/toninho-horta</a> Acesso em: 30 nov 2009.
- 4 BRAGA, Chiquito. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>>. Acesso em: 10 dez 2009.
- 5 TEDESCO, Cybelle Angélique Ribeiro. Minas, mundo: a imagem poético-musical do Clube da Esquina. Dissertação de Mestrado Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, p. 23-24
- 6 HORTA DE MELLO, Geralda. Depoimento de ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>. Acesso em: 10 dez 2009.
- 7 FLÁVIO, Aécio. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>>. Acesso em: 10 dez 2009.
- 8 HORTA, Toninho. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>. Acesso em: 15 dez 2009.
- 9 HORTA, Toninho. Encarte: Toninho Horta solo ao vivo. Independente, 2007.
- 10 DOLORES, Maria. Travessia: a vida de Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 155.

- BORGES, Márcio. Os sonhos não envelhecem. São Paulo: Geração Editorial, 1996. p. 256
- 12 HORTA, Toninho. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: <<a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>. Acesso em: 10 dez 2009. <<<a href="http://www.museudapessoa.net/clube/">http://www.museudapessoa.net/clube/</a>. Acesso em: 24 dez 2009.
- 13 ESTANISLAU, Andrea (org.). Coração americano 35 anos de Clube da Esquina. Belo Horizonte: Prax, 2008. p.91
- 14 ESTANISLAU, Andrea (org.). Coração americano 35 anos de Clube da Esquina. Belo Horizonte: Prax, 2008. p.91
- BASTOS, Ronaldo. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: < http://www.museudapessoa.net/clube/>. Acesso em: 5 jan. 2010.
- 16 ZANON, Fábio. O violão em Minas Gerais Toninho Horta. 16/07/2007. Programa da série O violão brasileiro. Rádio Cultura FM de São Paulo. Disponível no site: <a href="http://vcfz.blogspot.com">http://vcfz.blogspot.com</a>. Acesso em: 15 dez 2009.
- 17 HORTA DE MELLO, Geralda. Depoimento ao Museu Clube da Esquina. Disponível em: < http://www.museudapessoa.net/clube/>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- 18 HORTA, Toninho. Encarte de Terra dos pássaros. EMI-Odeon, 1980 (LP). Brasil: Dubas Música, 2008 (CD)
- 19 METHENY, Pat. Contracapa de Diamond Land. Tradução: Gisella Gonçalves. USA: Verve-Polygram, 1988.
- 20 RESNICOFF, Matt. Toninho Horta, Brazilian Rythm Ambassador. in: Guitar Player, s/d.
- Toninho Horta faz show e lança CD no teatro da Caixa em Curitiba Release do show. Disponível em: <a href="http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa\_release">http://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa\_release</a>. asp?codigo=6507586&tipo\_noticia=> Acesso em: 24 mar 2010.

- HORTA, Toninho. Encarte do CD Serenade. Coreia/USA: Truspace Records, 1995.
- BIN, Marcos Paulo. Um jazzista ainda surpreendente. Disponível em: http://www.universomusical.com.br/materia. asp?mt=sim&id=714&cod=in. Acesso em: 22 mar 2010.
- BENSON, George. Depoimento em vídeo. Tradução: Marcelo Lima. Disponível em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=FjYW0KSD4jw">http://www.youtube.com/watch?v=FjYW0KSD4jw</a> Acesso em: 19 mar 2010.
- 25 RATLIFF, Ben. Some Quietly Intense Chills, Imported From Brazil" Tradução: Gisella Gonçalves. New York Times, 8 ago. 2007. Disponível em: <a href="http://www.nytimes.com/2007/08/08/arts/music/08hort.html">http://www.nytimes.com/2007/08/08/arts/music/08hort.html</a> Acesso em: 24 mar. 2010.
- 26 HORTA, Toninho. Encarte do CD Toninho Horta Solo ao vivo. Brasil: Minas Records, 2007.

OBS: Os depoimentos assinalados com \* (asterisco) foram dados por Toninho Horta especialmente para esse trabalho entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010.

## Agradecimentos

A Toninho Horta, pela recepção calorosa e entusiasmada do projeto, pela confiança no meu trabalho, pela convivência com sua extraordinária pessoa, pela paciência e disposição para as muitas horas de depoimento, pela leitura do texto e por suas sugestões e correções, que muito enriqueceram o resultado final (valeu, Toninho!);

- a D. Geralda Horta, pela acolhida em Belo Horizonte e aquele almoço maravilhoso, genuinamente mineiro!;
- a Gilda Horta, pela confiança ao me enviar documentos preciosos, decisivos na estruturação do trabalho;
- a Gisella Gonçalves, pelo apoio geral ao projeto (até naquele caos paulistano!), pela ajuda nas traduções, pela intermediação nos pedidos de autorização e pela cuidadosa revisão final do texto;
- a Cristina Müller e Renato Tranjan, pela acolhida calorosa no Rio para as primeiras entrevistas (feliz nosso reencontro!);
- a Diana Popoff, pelo carinho e atenção com que me recebeu em casa de sua família para os primeiros depoimentos;
- a Perla Horta e Silvana Paes (Terra dos Pássaros), pela ajuda com a agenda e pelo inestimável apoio nos pedidos de autorização de uso de imagem;
- a Berenice Horta, pelo envio das fotos;
- a Cláudia Brandão, pelo esforço em conseguir a autorização de uso de trechos de depoimentos que integram o acervo do Museu Clube da Esquina;
- a Roberto Bertoncini e Mara Moraes, pela leitura dos originais;
- a Bruno Bolcioni, Marcelo Lima e Maria Eduarda Barcia, pelo help no inglês;
- a Manuel Schiavon Horta, pelo apoio no levantamento e envio de informações;
- a Thiago Nicodemo, pela ajuda nos contatos;
- a Hubert Alquéres, amigo de todas as horas, pela confiança no meu trabalho e pela força sempre;
- a Eduardo Abbud e Maria Eduarda A. C. Barcia, pela paciência com minhas ausências dentro e fora de casa.

minha profunda e sincera gratidão

# Créditos fotográficos

Amarílio (capa fotos – Lages)
Cheung Ching Ming 47, 111(a), 111(b)
Cláudia Thompson 96-97
Fernando Fiúza 154, 148-149
Franklin Corrêa da Silva Neto 38-39,
José Augusto Reis 78
Keller Rocha 11, 106
Lita Serqueira 52
Wilton Montenegro 88-89, 99

A despeito dos esforços de pesquisas empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nessa obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores. Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa a autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que seja devidamente creditados

#### Coleção Aplauso

SÉRIE CINEMA BRASIL

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim - Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao

Hamburger

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura - Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak - Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade Roteiro de Luiz Bolognesi Cidade dos Homens Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José

Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e

José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte - Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira - Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão - Analisando

Cinema: Críticas de LG Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora - A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles - Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio

Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes - O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado - Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e

Newton Cannito

Ivan Cardoso - O Mestre do Terrir

Remie

João Batista de Andrade - Alguma Solidão

e Muitas Histórias Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda - Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla - A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski

e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna - O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro - O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva - Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

SÉRIE CINEMA

Bastidores - Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital - Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital - Democratização

e Globalização do Audiovisual Luiz Gonzaga Assis De Luca

SÉRIE CRÔNICAS

Crônicas de Maria Lúcia Dahl - O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

SÉRIE DANÇA

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

SÉRIE MÚSICA

Rogério Duprat - Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo - Canto Vadio

Fliana Pace

Wagner Tiso - Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

#### SÉRIETEATRO BRASIL

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta - Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia - A Crítica Como Oficio

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli - Poesia Rasgada

leda de Abreu

João Bethencourt - O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato - Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção - A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílaba

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira - Trilogia: Ópera Joyce - Gertrude

Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -

Pólvora e Poesia Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror

– De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa,

Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo - De Pernas para o Ar

Nevde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista -

O Fingidor - A Terra Prometida

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

Teresa Aquiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

SÉRIE PERFIL

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro - Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura - Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria - Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes - Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio - Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro - Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto - Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide - Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli - Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania - Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm - Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo - O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar - Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso - A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso - Um Obstinado

Fliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado - A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler - Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart - Tudo em Família

Niza de Castro Tank - Niza, Apesar das Outras

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real Mauro Alencar e Fliana Pace

IVIAUTO ATERICAL E ETIATIA FACE

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel - O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte - Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin - Palco Brasil

leda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza - Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira - A Palavra em Cena

leda de Abreu

Silvio de Abreu - Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes - Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce - A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia - Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani - Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes - Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst - Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta - Muito Prazer

Rodrigo Murat

**ESPECIAL** 

Agildo Ribeiro - O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara - Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca - Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor - O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma - Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do Maior

Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Mova

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo

Sternheim

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias Gomes – História

de um personagem larapista e maquiavelento

José Dias

Raul Cortez - Sem Medo de se Expor

Nvdia Licia

Rede Manchete - Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara - O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

#### Coleção Aplauso Série Música

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Editor Assistente Claudio Erlichman

Assistente Charles Igor Bandeira

Projeto Gráfico Via Impressa Design Gráfico

Direção de Arte Clayton Policarpo

Paulo Otavio

Editoração Douglas Germano

Deiverson Rodrigues

Emerson Brito

Revisão Wilson Ryoji Imoto

Campos, Maria Tereza R. Arruda

Toninho Horta: harmonia compartilhada /Maria Tereza R. Arruda Campos. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

224p. : il. – (Coleção aplauso. Série música / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-950-2.

1. Compositores – Brasil – Biografia 2. Música popular – Brasil 3. Músicos – Brasil 4. Horta, Toninho, 1948 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 780.92

Índices para catálogo sistemático:

Brasil : Compositores : Biografia 780.92
 Brasil : Música popular 781.63

Impresso no Brasil / 2010

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional [Lei no 10.994, de 14/12/2004]

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores.

Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo Rua da Mooca, 1.921 Mooca 03103-902 Sao Paulo SP Brasil sac 0800 01234 01 sac@imprensaoficial.com.br livros@imprensaoficial.com.br www.imprensaoficial.com.br

#### imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

diretor industrial Teiji Tomioka

diretor financeiro Flávio Capello

diretora de gestão de negócios Lucia Maria Dal Medico

gerente de produtos editoriais e institucionais Vera Lúcia Wey

Formato 21 x 26cm

Papel Miolo Couché fosco 150g/m²

Papel Capa Triplex 350g/m² ChaletComprime, Univers

Número de páginas 224

CTP, Impressão e Acabamento Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa



